



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE SAÚDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM E SAÚDE



**PERCEPÇÃO DE ESTUDANTES DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM
ENFERMAGEM SOBRE SUA SAÚDE MENTAL**

LUMA COSTA PEREIRA PEIXOTO

JEQUIÉ-BA

2020

LUMA COSTA PEREIRA PEIXOTO

**PERCEPÇÃO DE ESTUDANTES DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM
ENFERMAGEM SOBRE SUA SAÚDE MENTAL**

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Enfermagem e Saúde da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB – Campus de Jequié), área de concentração em Saúde Pública.

Linha de Pesquisa: Família em seu Ciclo Vital

ORIENTADORA: Prof^a Dr^a Edite Lago da Silva Sena

JEQUIÉ-BA

2020

P379p Peixoto, Luma Costa Pereira.

Percepção de estudantes do curso de graduação em enfermagem sobre sua saúde mental / Luma Costa Pereira Peixoto.- Jequié, 2020.
142f.

(Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Enfermagem e Saúde da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB, sob orientação Profa. Dra. Edite Lago da Silva Sena)

1.Estudantes de Enfermagem 2.Família 3.Relações Familiares 4.Saúde Mental 5.Universidades 6.Pesquisa Qualitativa I. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia II.

CDD – 610.73

FOLHA DE APROVAÇÃO

PEIXOTO, Luma Costa Pereira. **Percepção de estudantes do Curso de Graduação em Enfermagem sobre sua saúde mental**. 2020. Tese [Doutorado em Ciências da Saúde]. Programa de Pós-Graduação em Enfermagem e Saúde, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Jequié, Bahia, 2020.

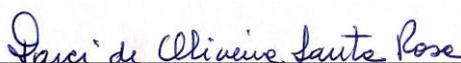
BANCA EXAMINADORA



Profª Drª Edite Lago da Silva Sena

Doutora em Enfermagem

Professora Titular da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Programa de Pós-Graduação em Enfermagem e Saúde
Orientadora e Presidente da Banca



Profª Drª Darci de Oliveira Santa Rosa

Doutora em Enfermagem

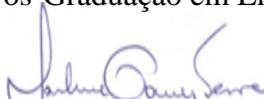
Professora Adjunta da Universidade Federal da Bahia
Programa de Pós-Graduação em Enfermagem



Profª Drª Evangelia Kotzias Atherino dos Santos

Doutora em Enfermagem

Professora Titular da Universidade Federal de Santa Catarina
Programa de Pós-Graduação em Enfermagem



Profª Drª Malene Gomes Terra

Doutora em Enfermagem

Professora Associada da Universidade Federal de Santa Maria
Programa de Pós-Graduação em Enfermagem



Profª Drª Sinara de Lima Souza

Doutora em Enfermagem

Professora Titular da Universidade Estadual de Feira de Santana
Programa de Pós-Graduação em Enfermagem

Jequié-BA, 04 de Junho de 2020.

AGRADECIMENTOS

Esse é o momento de agradecer a todos que se fizeram presentes em minha trajetória até aqui, contribuindo, de alguma forma, para eu ser quem sou e quem estou me tornando.

Agradeço inicialmente a **Deus**, essa força sobrenatural, que me faz ir sempre em frente, nunca desistir e enfrentar tantos desafios e medos, mesmo quando eu acho que não serei capaz.

Aos meus pais, **Izabela e Cláudio**, minha fonte de amor inesgotável, meu alicerce de vida, que me ensinou a base de quem sou e de quem sempre serei, mesmo que me torne outra a cada dia. E à minha irmã **Camilla**, que mesmo distante fisicamente, é um porto-seguro para mim.

Ao meu esposo, **Jorge Peixoto**, sempre presente em minha vida, me amando, cuidando, estimulando, apoiando, sendo essa fonte de inspiração contínua para o meu crescimento pessoal e profissional. Muito do que sou hoje construí com você e não apenas para mim, mas para nós.

À minha orientadora **Prof^a Dr^a Edite Lago**, com quem construí uma forte afetividade, que me acolheu desde o mestrado e tanto tem me ensinado a fazer pesquisa, e fez com que a realização desse estudo e do doutorado se tornasse possíveis. Para além dos ensinamentos acadêmicos, também me ensinou a ver a vida com outros olhos.

À minha amiga **Luana Machado**, irmã de coração e de luta acadêmica, obrigada por estar sempre ao meu lado, me apoiando, compartilhando alegrias e aflições, e tornando essa caminhada mais leve.

À amiga **Patrícia Anjos**, pelas inspirações e constantes contribuições, sobretudo nessa reta final, obrigada por estar sempre disposta a ajudar e por ser alguém com quem sabemos que podemos contar.

À minha turma de “**coleguinhas**”, por tanta leveza, resenhas, risos compartilhados. Essa trajetória se tornou mais alegre com a presença singular de cada um.

Aos **meus alunos da UEFS**, participantes desse estudo, que entre tantas demandas acadêmicas, se dispuseram a participar e tanto contribuíram. Esse estudo não seria possível sem vocês.

Às minhas amigas da casa UEFS, sobretudo **Adriana, Neide, Nara e Rose**, sem vocês não sei se esses últimos dois anos seriam suportáveis.

Ao **Grupo de Estudos e Pesquisa em Saúde Mental: loucos por cidadania**, pelos momentos de partilha e aprendizados produzidos.

Ao **Programa de Pós-Graduação em Enfermagem e Saúde (PPGES/UESB)**, pela oportunidade de fazer um doutorado em casa e por ter aberto às portas para mim desde o mestrado.

A todo **corpo docente do PPGES/UESB**, pelo apoio, ensinamentos e inúmeras trocas de conhecimento.

Aos professores **Adalberto Barreto e Marlene Terra**, pelas inúmeras e valiosas contribuições na qualificação do projeto de pesquisa.

Aos membros da banca de defesa de tese, professoras **Darci, Evangelia, Marlene e Sinara**, pelas contribuições e por aceitarem o convite para se fazerem presentes nesse momento tão importante da minha vida.

Aos membros suplentes da banca, professor **Cezar** e professor **Marcos**, por terem aceitado o convite para composição da banca.

E a todos que não estão aqui nominados, mas que de algum modo fizeram parte dessa minha caminhada, fazendo-me tornar uma *outra eu mesma*.

EPÍGRAFE

Há Tempos

Parece cocaína, mas é só tristeza, talvez tua cidade
Muitos temores nascem do cansaço e da solidão
E o descompasso e o desperdício
Herdeiros são agora da virtude que perdemos
Há tempos tive um sonho
Não me lembro, não me lembro

Tua tristeza é tão exata
E hoje o dia é tão bonito
Já estamos acostumados
A não termos mais nem isso
Os sonhos vêm e os sonhos vão
O resto é imperfeito

Disseste que se tua voz tivesse força igual
À imensa dor que sentes
Teu grito acordaria não só a tua casa
Mas a vizinhança inteira

E há tempos nem os santos têm ao certo a medida da maldade
Há tempos são os jovens que adoecem
Há tempos o encanto está ausente
E há ferrugem nos sorrisos
E só o acaso estende os braços
A quem procura abrigo e proteção

Meu amor, disciplina é liberdade
Compaixão é fortaleza
Ter bondade é ter coragem
Lá em casa tem um poço
Mas a água é muito limpa

(Renato Russo)

PEIXOTO, Luma Costa Pereira. **Percepção de estudantes do Curso de Graduação em Enfermagem sobre sua saúde mental**. 2020. Tese [Doutorado em Ciências da Saúde]. Programa de Pós-Graduação em Enfermagem e Saúde, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Jequié, Bahia, 2020. 142 p.

RESUMO

A vivência do cotidiano acadêmico pode desvelar diversos fenômenos para o estudante universitário, tendo em vista que, ao ingressar na universidade, inicia-se um período de mudanças, descobertas, ganhos e perdas, que geram sentimentos variados, a depender da singularidade de cada um. A tese se inscreve no campo da saúde mental e tem como fundamento teórico-filosófico a Fenomenologia de Maurice Merleau-Ponty. O objetivo da pesquisa foi compreender como os estudantes do Curso de Graduação em Enfermagem percebem a sua saúde mental no mundo universitário. Foi desenvolvida em uma universidade do Estado da Bahia, Brasil, com 41 estudantes do Curso de Graduação em Enfermagem. A produção das descrições vivenciais, gravadas, ocorreu por meio de quatro rodas de Terapia Comunitária do tipo temática, no período de fevereiro a abril de 2019. Após, foram submetidas à técnica *Analítica da Ambiguidade*, que permitiu a compreensão das descrições e a elaboração das categorias empíricas do estudo. Os princípios éticos foram respeitados com base na Resolução Nº 466 de 2012, sendo o projeto de pesquisa submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia e aprovado sob Parecer Nº 3.092.573. O processo compreensivo das descrições desvelou um discurso ambíguo, por parte dos estudantes, em relação à universidade, ora objetivista caracterizando a instituição como um “em si”, que é responsável pelo sofrimento vivido pelos estudantes e, ora como capaz de proporcionar crescimento pessoal e profissional, ou seja, mesmo com sofrimento a universidade possibilita o estudante viver a experiência do “eu posso”; mostraram que a coexistência entre o estudante e sua família produz sofrimento na distância; o estudante apresenta sentimentos ambíguos em relação à família; mesmo com o distanciamento familiar, ele é capaz de transcender e tornar-se um *outro eu mesmo*; e para o enfrentamento do estresse e do sofrimento, revelaram que desenvolvem diversas estratégias de cuidado de si. O estudo aponta a necessidade de maior aproximação da família para conhecimento das demandas do contexto universitário, no sentido de apoiar os estudantes. Ademais, é urgente que os gestores e responsáveis pela direção e Colegiado do Curso de Graduação em Enfermagem desencadeiem discussão sobre o currículo do Curso e implemente reformulação no sentido de reduzir o excesso de conteúdos e cargas horárias de disciplinas, possibilitando ao estudante manter fortalecido o vínculo sociofamiliar, as atividades de lazer e estilo de vida saudável. Esta pesquisa permitiu ampliar o olhar acerca da premência que a universidade desenvolva uma política de saúde mental voltada à comunidade acadêmica, especialmente aos estudantes.

Descritores: Estudantes de Enfermagem. Família. Relações Familiares. Saúde Mental. Universidades. Pesquisa Qualitativa.

PEIXOTO, Luma Costa Pereira. **Perception of undergraduate nursing students about their mental health.** 2020. Thesis [Doctorate in Health Sciences]. Postgraduate Program in Nursing and Health, State University of Southwest of Bahia, Jequié, Bahia, 2020. 142p.

ABSTRACT

The experience of academic life can reveal several phenomena for the university student, considering that, upon entering the university, a period of changes, discoveries, gains and losses begins, which generate varied feelings, depending on the singularity of each one. . The thesis is part of the mental health field and is based on the theoretical-philosophical basis of Maurice Merleau-Ponty's Phenomenology. The objective of the research was to understand how the students of the Undergraduate Nursing Course perceive their mental health in the university world. It was developed at a university in the State of Bahia, Brazil, with 41 undergraduate students in Nursing. Recorded experiential descriptions were produced using four thematic community therapy wheels, from February to April 2019. Afterwards, they were submitted to the Ambiguity Analytical technique, which allowed the understanding of the descriptions and the elaboration of the empirical categories of the study. Ethical principles were respected on the basis of Resolution No. 466 of 2012, being the research project submitted to the Ethics Committee of the State University of Southwest Bahia and approved under Opinion No. 3.092.573. The comprehensive process of the descriptions revealed an ambiguous discourse, on the part of the students, in relation to the university, sometimes objectivist characterizing the institution as a "itself", which is responsible for the suffering experienced by the students and, sometimes, as capable of providing personal growth and professional, that is, even with suffering, the university allows the student to live the experience of "I can"; showed that the coexistence between the student and his family produces suffering at a distance; the student has mixed feelings about the family; even with family distance, he is able to transcend and become another myself; and to cope with stress and suffering, they revealed that they develop several self-care strategies. The study points out the need for a closer relationship with the family to understand the demands of the university context, in order to support students. In addition, it is urgent that the managers and responsible for the direction and Collegiate of the Undergraduate Nursing Course initiate a discussion about the Course's curriculum and implement a reformulation in order to reduce the excess of content and workloads of disciplines, allowing the student to maintain the bond strengthened sociofamiliar, leisure activities and healthy lifestyle. This research allowed us to broaden our view on the urgency for the university to develop a mental health policy aimed at the academic community, especially students.

Keywords: Students, Nursing. Family. Family Relations. Mental Health. Universities. Qualitative Research.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BVS – Biblioteca Virtual de Saúde

CEP – Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos.

CNS – Conselho Nacional de Saúde

DECS – Descritores em Ciências da Saúde.

OMS – Organização Mundial da Saúde

OPAS – Organização Pan-Americana da Saúde

PPC – Projeto Pedagógico do Curso

PPGES – Programa de Pós-Graduação em Enfermagem e Saúde

SB – Síndrome de Burnout

TA – Termo de Assentimento

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

TCI – Terapia Comunitária Integrativa.

TC – Terapia Comunitária

UEFS – Universidade Estadual de Feira de Santana

SUMÁRIO

1 ENSAIANDO A IMERSÃO NO MUNDO UNIVERSITÁRIO DE ESTUDANTES DE ENFERMAGEM	12
2 REVISÃO DE LITERATURA: SITUANDO O “ESTADO DA ARTE”	17
2.1 DIFICULDADES VIVENCIADAS POR ESTUDANTES DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM DURANTE O PERÍODO UNIVERSITÁRIO	17
2.2 ESTUDANTES DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM E SUA RELAÇÃO COM A FAMÍLIA	21
2.3 IMPORTÂNCIA E NECESSIDADE DE ESTRATÉGIAS DE PROMOÇÃO DA SAÚDE MENTAL PARA ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS	24
3 FENOMENOLOGIA MERLEAU-PONTYANA PARA SUSTENTAÇÃO TEÓRICO-FILOSÓFICA DO ESTUDO	27
4 CAMINHO METODOLÓGICO: EM BUSCA DO DESVELAMENTO DAS VIVÊNCIAS	34
4.1 TIPO DE ESTUDO	34
4.2 CENÁRIO E PARTICIPANTES DO ESTUDO	35
4.3 ETAPA DE CAMPO E COLETA DE DADOS	39
4.3.1 Aproximação e Ambientação	39
4.3.2 A Produção das Descrições Vivenciais	40
4.4 ANÁLISE DAS DESCRIÇÕES VIVENCIAIS	42
4.5 ÉTICA QUE ENVOLVE AS PESQUISAS COM SERES HUMANOS	44
5 DESVELANDO OS FENÔMENOS QUE SE MOSTRAM NOS ESTUDANTES DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM A PARTIR DA VIVÊNCIA DO MUNDO UNIVERSITÁRIO	46
5.1 PRIMEIRO MANUSCRITO: VÍTIMA E VILÃ: EXPERIÊNCIA AMBÍGUA DE ESTUDANTES DE ENFERMAGEM NO CONTEXTO UNIVERSITÁRIO	47
5.2 SEGUNDO MANUSCRITO: VIVÊNCIA AMBÍGUA DO ESTUDANTE DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM AO DISTANCIAR-SE DA FAMÍLIA	69

5.3 TERCEIRO MANUSCRITO: ESTRATÉGIAS DE ESTUDANTES DE ENFERMAGEM PARA O CUIDADO DE SI NO CONTEXTO UNIVERSITÁRIO: ESTUDO FENOMENOLÓGICO	89
6 O QUE FICOU DAS EXPERIÊNCIAS INACABADAS.....	115
REFERÊNCIAS	119
APÊNDICE A - TERMO DE ASSENTIMENTO	129
APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)	132
APÊNDICE C - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) PARA O(A) RESPONSÁVEL LEGAL.....	135
APÊNDICE D - INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS	138
ANEXO A - PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA.....	140

1 ENSAIANDO A IMERSÃO NO MUNDO UNIVERSITÁRIO DE ESTUDANTES DE ENFERMAGEM

A transição do ensino médio para o ensino superior apresenta-se como uma fase decisiva na vida do estudante, que ao mesmo tempo em que se caracteriza como um período de elevação da autonomia e liberdade pressupõe o aumento do senso de responsabilidade e autodisciplina, uma vez que o mundo universitário, por oposição ao universo do ensino secundário, é um mundo menos estruturado (MENDES; LOPES, 2014).

Entrar para a universidade pode ser considerado um momento crítico na vida do sujeito, uma vez que ele passa a frequentar um ambiente com o qual não está familiarizado. Os estudantes, ao ingressarem no meio acadêmico, passam por uma série de mudanças em suas rotinas de vida e por um processo de transição que necessita ser bem alicerçado. Essa fase da vida envolve momentos com diversas fontes de stress, como avaliações, seminários, ensinamentos clínicos, competitividade, que exigem dos estudantes adaptações constantes para superar dificuldades, permitindo de igual modo, a identificação de fatores de vulnerabilidade ou o rastreamento das situações de risco de morbidade, para gerir as variáveis positivas em termos de saúde mental (SEQUEIRA et al., 2013).

E, quando se trata de estudantes dos cursos da área da saúde, como o da Enfermagem, os enfrentamentos podem ser ainda mais delicados. Ao iniciar atividades práticas, os estudantes podem vivenciar sentimentos de insegurança diante do novo, das questões complexas do sistema de saúde, que os colocam em contato com aspectos desagradáveis do curso natural da vida, como o enfrentamento da doença e a morte. Além disso, ao se aproximarem do fim do curso, geralmente se veem preocupados com o mercado de trabalho e as exigências da profissão (ESPERIDIÃO et al., 2013).

Nessa pesquisa adotaremos o entendimento sobre saúde mental da Organização Mundial da Saúde (OMS) e Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS), de que saúde mental vai muito além do que a ausência de transtornos mentais, é determinada por uma série de fatores biológicos, socioeconômicos ambientais. Assim, diversos fatores podem colocar a pessoa em risco para o desenvolvimento de sofrimentos psíquicos, dentre os quais, podemos destacar as rápidas mudanças sociais, condições de trabalho estressantes, discriminações e preconceitos, exclusão social, estilo de vida não saudável, violência e violação dos direitos humanos (OPAS/OMS BRASIL, 2018).

No contexto das universidades, é possível identificar um número expressivo de estudantes que são naturais de outras cidades e deixam as mesmas para poder ter a

oportunidade de cursar um ensino superior. Dessa forma, eles acabam enfrentando uma série de dificuldades, como a adaptação às novas cidades e residências, além da distância das famílias e dos amigos. Além disso, eles podem enfrentar dificuldades financeiras, o que os fazem, muitas vezes, submeterem-se a seleções para bolsas de estudos de monitoria, projetos de extensão ou iniciação científica para conseguirem esse auxílio financeiro. Entretanto, os Cursos de Graduação em Enfermagem geralmente são diurnos e o estudante fica com seu tempo restrito para se dedicar a todas as atividades.

A incursão pela literatura da área evidenciou o número reduzido de trabalhos científicos que abordam a temática da saúde mental dos estudantes de Graduação em Enfermagem, sobretudo, referente ao sofrimento vivenciado no período acadêmico para o enfrentamento das dificuldades inerentes ao curso universitário e às relações produzidas no decorrer do curso.

Estudos têm revelado a maior chance de transtornos mentais surgirem pela primeira vez no início da vida adulta, principalmente no período universitário. As situações de perda presentes no desenvolvimento normal podem acentuar-se quando os jovens ingressam na universidade, pois eles se afastam de um círculo conhecido de relacionamentos familiares e sociais, o que pode desencadear situações de crise. Essa reflexão encontra fundamentação em estudos que demonstram maiores taxas de sofrimento mental em estudantes universitários, quando comparados com jovens da mesma idade não universitários (CERCHIARI, 2004; NEVES; DALGALARRONDO, 2007).

Desde a vivência empírica como graduanda e, em seguida, como mestranda, percebemos a necessidade de apoio aos estudantes nos momentos de tomada de decisão, enfrentamento de períodos avaliativos e de participação de seleções dentro da universidade. Também com a participação no “Grupo de Estudos e Pesquisas em Saúde Mental: Loucos por Cidadania” da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, campus de Jequié, Bahia, Brasil, foi possível, por meio dos estudos realizados por colegas do grupo, verificar a importância de se discutir essa problemática.

O interesse pela temática desvelou-se quando percebi, na vivência como docente do Curso de Graduação em Enfermagem de uma universidade no interior do estado da Bahia, que um número significativo de estudantes demanda por estratégias de promoção da saúde, principalmente no que se refere à sua saúde mental. Eles vivenciam, em diversos momentos, a sobrecarga de conteúdos em aulas teóricas e uma significativa carga horária de aulas práticas e de estágios. Também, há cobranças por parte da família, professores, sociedade e de si mesmos para que se tornem bons profissionais, pois o mercado de trabalho está cada vez mais

competitivo. Alguns enfrentam ainda a falta de afinidade e de identificação com o curso, seja essa realidade descoberta após iniciar a graduação ou, simplesmente, devido ao estudante ainda não ter despertado para sua vocação.

A convivência com a comunidade acadêmica nos mostrou que para além do cumprimento da carga horária e a aprovação nos componentes curriculares está o contexto universitário. A universidade é um espaço de troca, de crescimento, de construção de vínculos, de transformação, de prazer, de aprendizado não só no que se refere à futura vida profissional, mas também pessoal. Além disso, é nesse contexto, que também acontecem frustrações, perdas, sofrimentos, os quais são acompanhados de angústias, dificuldades de relacionamento, de aprendizado e de enfrentamento. Mas, diante da expansão das instituições de ensino superior no Brasil, é importante salientarmos que, a depender das especificidades, a convivência será diferente para seus acadêmicos.

Diversas são as relações que se estabelecem na comunidade acadêmica, seja entre estudantes, seja entre estudante-professor, seja entre estudante e demais profissionais que estão envolvidos no funcionamento do sistema. E a forma como essas relações acontecem, implica diretamente na maneira como os acadêmicos lidam com a universidade. O professor, por exemplo, tanto pode comportar-se como um mero transmissor de conhecimento, como pode ser uma fonte de inspiração para o estudante.

Na comunidade acadêmica, o estudante pode ainda sentir-se empoderado e aprende a exercer a sua cidadania. Trata-se de um ambiente potencial para a construção do ser social e, também, um campo de luta e de sofrimento. Portanto, é preciso encarar esses momentos de “desequilíbrio e desestruturação dos padrões preestabelecidos como sendo uma oportunidade ou sinal para assumirmos a responsabilidade de restabelecer novos parâmetros e materializar soluções, na intenção de compreender o sentido da vida” (SANTOS, 2014, p.167), pois toda mudança gera conflito.

Nessa perspectiva, acreditamos que os estudantes do Curso de Graduação em Enfermagem podem desenvolver sofrimento psíquico associado ao estresse que vivenciam no cotidiano acadêmico, especialmente se não tiverem um suporte familiar e universitário que os auxiliem no enfrentamento. São diversos os momentos que podem ser geradores de estresse para o estudante, desde as mudanças no decurso da vida ao iniciar a graduação até sua conclusão, com as preocupações sobre o futuro profissional.

Esperidião e colaboradores (2013) em seu estudo, cuja finalidade foi investigar na literatura as publicações acerca da saúde mental dos graduandos em enfermagem, sinalizam a

importância de iniciativas que venham a apoiá-los no enfrentamento das dificuldades com vistas ao fortalecimento de sua saúde mental.

Alguns estudos têm revelado a iniciação ao uso de álcool e outras drogas após o ingresso na universidade, por constituir um momento de maior vulnerabilidade, que traz consigo diversos episódios de estresse, ansiedade e sintomas depressivos (SOARES et al., 2011; ESPERIDIÃO et al., 2013; JOMAR; SILVA, 2013; SEQUEIRA et al., 2013; MENDES; LOPES, 2014). Assim, percebemos que a universidade e a família precisam contribuir para ampliar a eficácia das ações promotoras da saúde mental dos estudantes, bem como preventivas do adoecimento mental.

A qualidade da relação parental do universitário durante e mesmo antes do ingresso no ensino superior, é um fator que também influencia a adaptação à universidade. A percepção de apoio emocional por parte dos pais, a reciprocidade nas relações pais-filhos, o diálogo familiar sobre o cotidiano universitário e o apoio parental em questões específicas relativas à transição parecem contribuir para a adaptação ao contexto do ensino superior (MENDES; LOPES, 2014).

Contudo, acreditamos que uma formação voltada não apenas para o conhecimento teórico e curricular, como também, para o bem-estar e a saúde mental dos estudantes, poderá contribuir com o desempenho acadêmico, auxiliando-os na tomada de decisão e no enfrentamento das dificuldades vivenciadas no decorrer do seu curso, e mais ainda, na sua vida profissional. Além disso, conhecer os sentimentos dos graduandos, dando-lhes voz e atenção, permitirá que eles experimentem novas sensações, sintam-se valorizados e sejam capazes de perceber, por meio da retomada de suas vivências, o que pode ser recriado em sua vida acadêmica, gerando avanços profissionais e pessoais.

Nesse contexto, surgiram várias inquietações referentes às principais dificuldades enfrentadas pelos estudantes de enfermagem ao ingressarem na universidade; estratégias de promoção da saúde mental para os universitários; participação da família desses estudantes no enfrentamento das mudanças vivenciadas ao se inserirem na universidade; nível de saúde mental dos futuros profissionais de saúde. E, por fim, surgiu aquela que estabelecemos como **questão da pesquisa**: como estudantes do Curso de Graduação em Enfermagem percebem sua saúde mental no mundo universitário? Para responder a essa questão, traçamos como **objetivo do estudo**: compreender como os estudantes do Curso de Graduação em Enfermagem percebem sua saúde mental no mundo universitário.

A definição de um objetivo de estudo que busca compreender a percepção humana, demanda uma sustentação filosófica, pautada na fenomenologia, sendo assim, escolhemos

utilizar o Referencial Teórico de Maurice Merleau-Ponty acerca da percepção humana, a fim de descrever as vivências tais como elas são, partindo do entendimento de que o sujeito perceptivo descreve suas percepções, tal como ele as vive.

Por se tratar de um estudo que parte de uma experiência vivencial, que envolve a demanda dos estudantes por estratégias de promoção da saúde mental durante o cotidiano da universidade, resolvemos dar um caráter interventivo à pesquisa que resultaria na tese. Nesse sentido, decidimos realizar rodas de Terapia Comunitária Integrativa (TCI) para produção das descrições vivenciais do estudo, ao mesmo tempo em que oportunizamos a construção de espaços terapêuticos que permitisse aos estudantes compartilharem seus sentimentos.

A TCI é um espaço de escuta e de partilha de experiências com fins à promoção da saúde mental e prevenção do sofrimento psíquico, ou ainda de ressignificação do sofrimento. É possível defini-la como um “ato terapêutico de grupo” que pode ser conduzido por um facilitador/terapeuta devidamente treinado, sem necessariamente ter uma formação acadêmica e, realizado com qualquer quantitativo de pessoas, independente do nível socioeconômico (BARRETO, 2008). Além disso, a TCI é considerada como uma prática de efeito terapêutico, pois é uma estratégia capaz de aliviar o sofrimento das pessoas e promover o bem-estar (GUIMARÃES; FERREIRA FILHA, 2013).

Em um mundo cada dia mais individualizado, competitivo, privatizado e conflitante, surge a TCI como um instrumento capaz de aquecer e fortalecer as relações humanas, muitas vezes fragilizadas, por meio da construção de redes de apoio social (BARRETO, 2008). Foi nessa perspectiva que oportunizamos aos estudantes a vivência em rodas de Terapia Comunitária (TC).

Desta forma, trata-se de um estudo relevante que além de contribuir para a construção do conhecimento científico no que se refere à temática, pôde oferecer espaços vivenciais para dar voz aos estudantes de Graduação em Enfermagem, e assim promover a saúde mental de futuros profissionais, uma vez que para cuidar da saúde da população é necessário, primeiramente, que consigam cuidar de si. Além disso, as produções científicas originárias do estudo poderão incitar os docentes e toda a comunidade acadêmica quanto à necessidade de voltar-se para o cuidado da saúde dos universitários, investindo em projetos de ensino que envolvam o estudante em sua integralidade.

Destarte, acreditamos que esse estudo também contribuirá para a diminuição do estigma e preconceito existente na comunidade universitária acerca dos sofrimentos psíquicos vivenciados por estudantes, tendo em vista que profissionais da saúde e professores precisam ter um olhar mais sensível para estudantes que serão os futuros trabalhadores da saúde.

2 REVISÃO DE LITERATURA: SITUANDO O “ESTADO DA ARTE”

Para situar o “estado da arte”, foi realizada uma revisão na literatura científica, do tipo narrativa, nas bases de dados científicas MEDLINE, LILACS, BDENF – Enfermagem, Index Psicologia e IBECs, todas acessadas através da Biblioteca Virtual de Saúde (BVS), entre os meses de março e julho do ano de 2017, utilizando os seguintes Descritores em Ciências da Saúde (DeCS): “saúde mental”, “estudantes de enfermagem” e “família”. Utilizamos o operador booleano AND para conjugar esses descritores, na tentativa de encontrar publicações que mais se aproximavam da temática desse estudo. Após utilizar os filtros: textos completos disponíveis; idiomas português, inglês ou espanhol; últimos cinco anos, ou seja, entre os anos de 2012 a 2017, encontramos um total de 161 trabalhos científicos.

Na revisão do tipo narrativa, considerada como exploratória, pela maneira como é realizada a busca dos documentos, seleciona-se os artigos de forma arbitrária, de modo diferente da revisão sistemática, não havendo critérios explícitos nem, tampouco, preocupação para esgotar as fontes de informação. Além disso, o autor ainda pode acrescentar documentos conforme seu entendimento (FERENHOF; FERNANDES, 2016).

A partir desse acervo, excluímos aqueles que estavam repetidos e que, após a leitura do resumo, fugiam do objetivo dessa pesquisa, de modo que restaram 22 artigos. Também foram incluídos nessa revisão, alguns estudos citados pelos artigos primeiramente encontrados, tendo em vista a importância e afinidade com o presente estudo. Após a seleção dos artigos mencionados, realizamos a leitura de todo material, que fez emergir três eixos temáticos apresentados a seguir.

2.1 DIFICULDADES VIVENCIADAS POR ESTUDANTES DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM DURANTE O PERÍODO UNIVERSITÁRIO

Durante a formação acadêmica, os estudantes de graduação em enfermagem desenvolvem diversas atividades para a sua composição curricular, envolvendo-se em atividades extensionistas, projetos de pesquisa, monitorias, participando de congressos, simpósios, jornadas, entre outros. Desta forma, os acadêmicos podem avaliar a formação acadêmica como estressora, devido às inúmeras atividades que se somam, ocupando o tempo para além dos horários regulares, sobretudo quando se aproxima do final do curso (ARAÚJO et al., 2014; SANCHES et al., 2017).

A literatura aponta diversos fatores de estresse vivenciados por estudantes de enfermagem durante o curso universitário. Esses fatores são categorizados em: acadêmicos, como a realização de provas, a sobrecarga de trabalhos, a entrega de relatórios e o excesso de responsabilidade; clínicos, como medo das situações desconhecidas, a falta de conhecimentos e habilidades pessoais, a possibilidade de erros nas atividades práticas-assistenciais, o uso de termos médicos etc; e pessoais/sociais, dentre os quais se destaca a relação com amigos, professores e profissionais de saúde, a dificuldade de controlar as emoções, a baixa autoconfiança e a dificuldade para administrar o tempo (BARBOZA; SOARES, 2012; BENAVENTE et al., 2014).

Ao comunicarem-se pela primeira vez com seu ambiente de estágio, os estudantes vivenciam diversos sentimentos em suas relações com o cliente, com o professor e com os próprios colegas da área de saúde, mobilizando diferentes expectativas. Assim, podem surgir perguntas e possíveis reações emocionais, que se manifestam, muitas vezes, por meio de problemáticas que prejudicam a própria saúde dos estagiários e influenciam também sua formação (DIAS et al., 2014).

A formação profissional, o gerenciamento do tempo e a comunicação profissional são responsáveis por altos níveis de estresse entre estudantes de graduação em enfermagem. Eles preocupam-se com o conhecimento a ser adquirido, pensando no futuro profissional que serão; sentem dificuldades para conciliar atividades curriculares com demandas pessoais, emocionais e sociais; e, devido a pouca experiência, possuem maior dificuldade para lidarem com outras pessoas e com as questões assistenciais junto a equipe (BENAVENTE et al., 2014).

Ao entrar para o curso universitário, a vivência das exigências acadêmicas, as diferentes oportunidades na área de pesquisa e ensino, e muitas vezes, a necessidade de trabalhar para a própria manutenção pode gerar conflitos internos, uma vez que o estudante necessita administrar as diversas demandas e ainda conciliá-las ao convívio social e familiar (BENAVENTE et al., 2014). Assim, surgem grandes dificuldades entre os estudantes para conseguirem conciliar as atividades curriculares com as demandas pessoais, emocionais e sociais.

Em relação aos aspectos socioeconômicos, a literatura também revela uma maior prevalência do estresse nas idades entre 18 e 22 anos de idade, o que levou a inferência de que os níveis hormonais e a maturidade na fase da adolescência influenciam os efeitos psicológicos do estudante (RODRIGUES et al., 2016).

O estresse é definido como uma reação natural do organismo, mas que pode provocar alterações físicas e emocionais, que se dividem em três fases: defesa, resistência e exaustão. Estudo realizado com 15 estudantes de enfermagem de uma faculdade da região metropolitana do estado de São Paulo verificou que dez deles estavam passando pela fase de exaustão, período em que se manifesta como um grande desequilíbrio interno; três estavam passando pela fase de resistência, que é mantida por um período muito prolongado e no qual novos estressores acumulam-se no organismo; e apenas dois estavam na fase de alerta, que é considerada a fase positiva do estresse (COZZA et al., 2013).

Outros autores apontam para a baixa qualidade de vida entre estudantes do curso de enfermagem (ARAÚJO et al., 2014), além das manifestações de exaustão emocional, como desgaste, cansaço físico e emocional, desânimo, estresse, irritabilidade, cefaleias, dores musculares e alterações do padrão de sono; e sentimentos de descrença que se manifesta com o aumento das faltas nas aulas, o distanciamento dos estudos e das atividades extraclasse, além do desejo de evasão do curso universitário e da diminuição da interação com colegas, professores e pacientes (BARLEM et al., 2013).

No Curso de Graduação em Enfermagem, o estresse específico pode ser maior entre os estudantes do gênero masculino. Devido a enfermagem ter surgido como uma profissão exclusiva de mulheres e, até os dias de hoje, ainda ter predominância do gênero feminino entre os seus profissionais, os homens muitas vezes se sentem discriminados tanto pela sociedade quanto pelos membros da academia, quando há generalização do termo enfermeiras (MAURÍCIO; MARCOLAN, 2016).

Os profissionais de enfermagem têm de lidar constantemente com situações de sofrimento, como o adoecimento e a morte em seus ambientes de trabalho, além disso, muitas vezes, possui rotinas laborais com horários exaustivos, o que produz ainda mais desgaste e estresse (COZZA et al., 2013). A entrada no campo prático, pode levar os estudantes a vivenciarem essas situações e, então, surgem as dúvidas e questionamento com relação à sua escolha profissional, podendo leva-lo à perda do interesse pelo curso (BARLEM et al., 2013).

Pesquisa realizada com acadêmicos de enfermagem de uma instituição de ensino superior de Brasília, utilizando o Inventário de Depressão de Beck, encontrou uma prevalência de depressão mínima entre seus participantes, correspondendo 62,6% dos casos investigados, enquanto que a depressão leve a moderada teve uma prevalência de 25,2%. Além disso, os estágios moderado a grave e grave, tiveram uma prevalência de 10,9% e 1,1% respectivamente (CAMARGO; SOUSA; OLIVEIRA, 2014).

A depressão afeta significativamente a autoestima do sujeito, levando a repercussões negativas no seu desenvolvimento profissional, portanto, é necessário que ainda nas universidades, os estudantes possam ter um suporte psicológico, que os auxiliem no enfrentamento das dificuldades vivenciadas durante o curso e nos desafios da futura profissão (CAMARGO; SOUSA; OLIVEIRA, 2014).

A aplicação de um inventário de saúde mental com graduandos em enfermagem de uma instituição pública do norte de Portugal revelam que “69,7% dos participantes da pesquisa sentiam-se sobre grande pressão e stress; 66,1% sentiam-se muito nervosos no último mês; 68,1% sentiam-se tensos e irritados e 64,3% encontram-se ansiosos e preocupados” (SEQUEIRA et al., 2013, p.179).

No ano seguinte, um estudo realizado com 172 estudantes dos últimos três semestres dos cursos de medicina, odontologia e enfermagem sobre transtornos mentais comuns e fatores associados, identificou que cerca de metade deles dedicaram menos de seis horas por semana a atividades de lazer (50%), reagiram agressivamente ou se retraíram em situações de conflito (51,5%) e se consideraram emocionalmente estressados (44,4%). Além disso, mais de metade (56,4%) pensou em deixar o curso pelo menos uma vez, os quais também apresentaram maior associação com o desenvolvimento de transtornos mentais comuns (COSTA et al., 2014).

Atualmente, temos visto que essas implicações na saúde mental dos estudantes universitários, a depender de características pessoais e de determinadas circunstâncias sociais e culturais, que inclui o processo adaptativo do jovem ao mundo universitário, pode envolver situações conflituosas que não são bem digeridas, deixando o indivíduo vulnerável no que se refere à sua saúde mental, fazendo emergir conflitos existenciais e traços psicopatológicos latentes e, até mesmo levar ao processo suicida nos casos mais graves (PEREIRA; CARDOSO, 2015).

Estudo realizado em cinco universidades da cidade de Bogotá, Colômbia, afirma que quando a decisão de tirar a própria vida é tomada por pessoas jovens, o suicídio adquire significados e repercussões específicas, pois se tratam de vidas em crescimento e vidas que a sociedade deposita expectativas (FRANCO et al., 2017). Segundo esses autores, o suicídio cometido por jovens produz um grande impacto em seus ambientes e sociedade, sobretudo, dentre os jovens universitários, que constituem um grupo particular de jovens, caracterizado por seu acesso a um nível mais alto de formação e maiores oportunidades acadêmicas, econômicas e de emprego.

Com o objetivo de caracterizar comportamentos suicidas de estudantes graduação em enfermagem, uso de medicamentos, suporte social e razões para viver, em uma escola de enfermagem de Portugal, encontrou-se um percentual aproximado de 5% dos estudantes com história de comportamentos suicidas, sendo mais frequentes entre as estudantes do sexo feminino (LEAL; SANTOS, 2016). Além disso, o mesmo estudo revelou que cerca de 9% tomavam medicamentos psicotrópicos; os estudantes do quarto ano apresentaram os menores escores de saúde mental; e os do terceiro ano foram os mais satisfeitos com o apoio social, enquanto os do quarto ano foram os menos satisfeitos, conforme a aplicação de uma Escala de Satisfação do Suporte Social. Já no que se refere à aplicação do Inventário de Razões para Viver, os alunos do primeiro ano tiveram melhores pontuações, enquanto os alunos do quarto ano tiveram as piores pontuações (LEAL; SANTOS, 2016).

Estudo norte-americano realizado com 729 universitários, revela que 11,1% dos estudantes investigados apresentaram ideação suicida nas últimas 4 semanas e 16,5% já tiveram uma tentativa de suicídio ao longo da vida ou um episódio autoprejudicial (GARLOW et al., 2008). Ademais, em estudantes noruegueses do curso de medicina, a literatura traz que 14% tiveram ideias de suicídio nos últimos doze meses, e destes, 8% planejaram suicídio e 1,4% tentaram (TYSSEN, et al., 2001). Em uma amostra da Áustria e da Turquia, a prevalência de ideação suicida foi de 11,3% e 12% respectivamente (ESKIN et al., 2011). Ambos os estudos convergem para a necessidade de fornecer serviços eficazes de extensão e estratégias de promoção da saúde mental para essa população vulnerável.

No Brasil, estudo realizado em uma instituição de ensino superior localizada em Brasília, com 210 adultos jovens e universitários de ambos os sexos, que objetivou conhecer a prevalência de comportamentos de risco à saúde de adulto jovem e universitário, aponta a tentativa de suicídio dentre os principais comportamentos de risco adotados pelos universitários (FARIA; GANDOLFI; MOURA, 2014). Além disso, em uma Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil, foi constatado que em uma amostra de 637 universitários, 9,9% tiveram ideias suicidas nos últimos 30 dias. Essa realidade aponta para a urgência de um diagnóstico situacional que possibilite a formulação de políticas acadêmicas e de ações de promoção da saúde mental e prevenção do sofrimento psíquico no mundo universitário (SANTOS et al., 2017).

2.2 ESTUDANTES DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM E SUA RELAÇÃO COM A FAMÍLIA

No Curso de Graduação em Enfermagem, muitos acadêmicos encontram dificuldades em desenvolver as atividades de cuidado, tanto em relação a si como em relação ao cliente, e, muitas vezes, essas dificuldades estão ligadas a questões pessoais, dentre elas, a relação familiar (PAIANO et al., 2012).

Estudo realizado com estudantes do Curso de Graduação em Enfermagem, de quatro instituições de ensino superior brasileiras, verificou dentre seus participantes que 76,4% residiam com familiares. Os autores afirmam que os graduandos que estão em convivência com sua família, e que mantêm uma boa relação com a mesma, possuem maior facilidade para se adaptarem às mudanças inerentes à entrada em uma instituição de ensino superior, uma vez que a família se constitui como suporte social para auxiliá-los no enfrentamento das dificuldades e na tomada de decisões (BUBLITZ et al., 2015).

Ademais, dentre os motivos que podem levar os estudantes a evadirem-se do Curso de Graduação em Enfermagem, ou ao elevado nível de estresse e insucesso acadêmico-profissional, estão os problemas familiares (BARBOZA; SOARES, 2012; BARLEM et al., 2012; GÓMEZ; COMETO; CERINO, 2015). Bem como, a separação da família pode ser um fator de risco para a saúde mental dos estudantes de graduação e também para o uso de substâncias psicoativas (SEQUEIRA et al., 2013).

A inserção na universidade rotineiramente implica alterações no nível das relações familiares dos universitários, pois as atividades demandadas pelo meio acadêmico exigem que o estudante dedique maior parte do seu tempo para desenvolvê-las, diminuindo o tempo disponível para interação com os familiares. Entretanto, essas alterações relacionais podem implicar na saúde mental do estudante, quando ele não encontra estratégias para lidar com essa mudança. Também é importante considerar que o afastamento do núcleo familiar é comum nesse grupo populacional, uma vez que muitos estudantes precisam mudar de município de residência para cursar uma graduação.

A depressão nos estudantes da área de saúde está mais associada aos relacionamentos insatisfatórios, seja com familiares, amigos, colegas de turma e docentes. Além disso, a insatisfação com a inatividade física é um fator fortemente associado à prevalência da depressão nesse público (LEÃO et al., 2018).

Na população universitária a insatisfação com as relações interpessoais está associada a sentimentos de solidão; ademais, o estudante universitário está em uma fase de desenvolvimento pessoal e passa a vivenciar conflitos para realizar suas escolhas entre os relacionamentos interpessoais e o desempenho acadêmico, porque esses dois focos nem sempre são conciliáveis (PEREIRA; CARDOSO, 2015). Porém, salienta-se a necessidade de

planejamento e organização para se conseguir conciliar as necessidades acadêmicas com as necessidades afetivas e familiares.

A privação da convivência e do lazer com a família é apontado na literatura como fator estressante para o universitário, pois devido à sobrecarga de atividades e demandas advindas da universidade, mesmo os estudantes que residem com familiares, possuem dificuldade de administrar seu tempo para se dedicar à família (COSTA et al., 2014).

Problemas familiares são apontados na literatura como desencadeantes para a tentativa de suicídio entre jovens universitários. Questões de desintegração do núcleo familiar, devido a mudanças em sua dinâmica, à prioridade dada pelos pais a atividades laborais, econômicas e profissionais em detrimento das relações com os filhos, além de mudança de residência, para aqueles que vão fazer o curso de graduação em outra cidade que não a sua de origem. Problemas também foram notados no exercício de autoridade dentro da família, traduzido tanto em termos de excesso de autoritarismo, como o oposto da falta de autoridade (FRANCO et al., 2017).

Entretanto, questões familiares também podem fazer o indivíduo a optar pela inserção em um Curso de Graduação em Enfermagem, conforme foi evidenciado com estudantes de uma Universidade Federal no Sul do Brasil e de uma universidade pública da cidade de São Paulo, onde alguns participantes afirmaram ter optado pelo curso a partir de vivências prévias com situações de adoecimento familiar ou, ainda, pelo contato ou motivação com pessoas próximas ou familiares que atuam na enfermagem (MAURÍCIO; MARCOLAN, 2016; BARLEM et al., 2012).

Nesse mesmo estudo, os estudantes também apontaram o medo do diálogo com os pais como uma das dificuldades para decidirem pela evasão do curso. E apesar dessa dificuldade, fica notório no discurso que esse diálogo é fundamental no processo de evasão, pois a partir da aprovação dos pais nessa decisão, o estudante se sente mais seguro para fazer a optar entre continuar ou desistir do curso (BARLEM et al., 2012).

O diálogo em família regula a intimidade emocional e a capacidade de se adaptar e se reorganizar durante todo o ciclo de vida. Nesse contexto, a família desempenha um papel fundamental no bem-estar psicológico dos estudantes universitários (LONZOY; ZEGARRA; JESÚS, 2016).

Ademais, os jovens que desenvolveram na infância um padrão de apego/apoio familiar seguro tendem a ser menos autocríticos, o que os leva a envolverem-se mais nas interações sociais e a experimentarem menos solidão e depressão no primeiro ano da universidade (MENDES; LOPES, 2014).

2.3 IMPORTÂNCIA E NECESSIDADE DE ESTRATÉGIAS DE PROMOÇÃO DA SAÚDE MENTAL PARA ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS

Existem diversos fatores que podem influenciar positiva ou negativamente a saúde, como por exemplo, a saúde mental e o estilo de vida (LOBO; BARREAL; SALGADO, 2015). Dessa forma, esses autores revelam a necessidade de desenvolvimento de estratégias de promoção da saúde mental dos estudantes de enfermagem é fundamental para a melhoria da saúde e da qualidade de vida destes.

Na tentativa de enfrentar o estresse no ambiente acadêmico o alunado muitas vezes lança mão de algumas estratégias errôneas para diminuir o estresse, o que acaba acarretando a diminuição da sua qualidade de vida (SOARES; OLIVEIRA, 2013). Para esses autores, o consumo de tabaco, por exemplo, aumenta gradativamente conforme os semestres avançam, assim como práticas de automedicação, fazendo com que os estudantes utilizem, como forma de enfrentamento, as substâncias lícitas e ilícitas.

Estudos afirmam a necessidade de intervenções adequadas para promover o comportamento positivo da saúde entre os estudantes de graduação em enfermagem, pois a sobrecarga de atribuições vivida durante o curso e as mudanças de hábitos adquiridos antes da entrada na universidade, podem gerar graves repercussões na saúde dos estudantes (BARBOZA; SOARES, 2012; KLAININ-YOBAS; HE; LAU, 2015).

Entretanto, faz-se necessário identificar os fatores estressores aos quais esses estudantes estão expostos, para estabelecer estratégias eficazes para enfrentar as situações que causam desgaste. Assim, percebe-se a necessidade de assistência emocional ao estudante no decorrer de sua formação, uma vez que, ao minimizar ansiedades, conflitos e preocupações, é possível contribuir tanto para o crescimento pessoal como para o profissional (SANCHES et al., 2017).

Ao proporcionar ao acadêmico a oportunidade de refletir e discutir sobre seu modo de relacionar-se e sobre as dificuldades que encontra em seu processo de viver, oferece-se a ele a oportunidade de se autoconhecer para, assim, poder se relacionar com os outros de maneira satisfatória, com vistas ao melhor cuidado de si e do outro (PAIANO et al., 2012).

Estudo realizado no Triângulo Mineiro, Brasil, com graduandas, mestradas e docentes de um Curso de Graduação em Enfermagem com o objetivo de descrever o significado de vivenciar um grupo terapêutico através da terapia comunitária, relatou que o grupo pode exercer efeito terapêutico quando conduzido corretamente, e sua efetividade surge

através do desenvolvimento de discussões de fenômenos humanos como ansiedades, defesas, disputas, projeções e resistências, permitindo a identificação entre os integrantes e auxiliando na percepção de si mesmo (GONÇALVES et al., 2013). Para os sujeitos desse estudo, vivenciar o grupo terapêutico proporcionou acolhimento, estratégia que permite ao indivíduo encontrar um espaço para ser ouvido, aumentando sua autoestima e permitindo o desenvolvimento de autonomia. Além disso, o grupo também favoreceu a oportunidade de introspecção e reflexão sobre a própria vida.

No decorrer das atividades universitárias é possível utilizar estratégias que auxiliem na adaptação às situações estressoras vividas na graduação, bem como minimizar as consequências do estresse na vida e saúde dos graduandos (GONÇALVES et al., 2013). Por outro lado, quando os estressores permanecem e há a cronificação do estresse, pode acontecer a Síndrome de Burnout (SB) (SANCHES et al., 2017).

Esta síndrome é um fenômeno psicossocial que consiste em uma reação emocional crônica ao estresse ocupacional, por lidar excessivamente com pessoas. O conceito da SB já tem sido ampliado, envolvendo não só a categoria profissional, mas também acadêmica; devido à necessidade de estudos sobre o tema com universitários dos cursos de saúde, sobretudo da enfermagem (VILELA; PACHECHO; CARLOS, 2013).

As situações estressantes que permeiam a vida acadêmica do estudante do Curso de Graduação em Enfermagem devem passar pelo Projeto Pedagógico do Curso (PPC) para que haja um planejamento estratégico apropriado que reorienta e redefina a prática clínica. É preciso lembrar que a prevenção do estresse deve ser um objetivo institucional, considerando que este aluno está em formação para exercer uma profissão responsável pelo cuidado de terceiros, sendo assim, é necessário que mantenham a saúde física e mental em equilíbrio (RODRIGUES et al., 2016).

Na busca de aumentar a qualidade de vida de estudantes da área de saúde, já está sendo implantada em algumas universidades a disciplina denominada “estratégias de enfrentamento do estresse profissional”, que foi pensada e planejada de forma a ter um aporte de conhecimentos teóricos sobre o estresse, sobre qualidade de vida, estratégias de enfrentamento, mecanismos de defesa do ego individuais e coletivos, formas de comunicação, assertividade, identidade médica e vocação (PEREIRA et al., 2014).

Um dos objetivos dessa disciplina é o compartilhamento de vivências entre os estudantes, uma vez que esta simples atividade já se configura como um eficiente meio de aliviar as tensões e estresses sentidos por eles no meio acadêmico. Ao se propor uma disciplina com características de ser um momento/espaço de escuta das possíveis queixas dos

estudantes, espera-se trazer benefícios imediatos aos alunos que a cursarem. O compartilhamento de sentimentos comuns e das dificuldades vivenciadas no curso, por si só, já é capaz de trazer alívio e bem-estar aos estudantes (PEREIRA et al., 2014).

Assim, fica evidente a vulnerabilidade dos estudantes universitários ao sofrimento psíquico e desenvolvimento de transtornos mentais, o que nos alerta para a necessidade de implantação de instrumentos de apoio para auxiliar esses estudantes, inclusive a prosseguirem com a graduação. Desse modo, as universidades precisam reavaliar suas políticas de saúde mental, com o objetivo de fornecer aos seus estudantes, durante a formação, estratégias de prevenção do adoecimento psíquico e de promoção da saúde mental (CASTRO, 2017).

Além disso, como os Cursos de Graduação em Enfermagem das universidades públicas geralmente são ofertados em período integral, ocupando maior parte do dia dos estudantes, é necessário que tanto apoiadores formais quanto informais assumam um papel relevante na rede de apoio social dos discentes. Ademais, a universidade precisa fornecer estratégias de suporte para transição universidade-trabalho, promovendo informações acerca do mercado de trabalho, bem como de concursos e de programas de residências profissionais (ALMEIDA et al., 2018).

A reflexão, a partir do levantamento do “estado da arte”, sobre a saúde mental dos estudantes universitários, desde a inserção à universidade até o momento da obtenção do diploma, levou-nos a uma série de indagações sobre as relações produzidas no meio acadêmico e a forma como acontece a produção do conhecimento. Ademais, apontou-nos para uma lacuna no conhecimento, no sentido de compreender como os estudantes do Curso de Graduação em Enfermagem percebem sua saúde mental no contexto universitário, sem que deixemos de considerar todos os aspectos socioantropológicos que entornam a vida desses estudantes.

Diante do contexto de vulnerabilidade dos estudantes dos cursos de graduação da área da saúde, sobretudo da Enfermagem, para o surgimento de sofrimento mental, é necessário que a temática seja mais explorada, discutida e debatida com vistas a mudanças no modo de ser-fazer a universidade, para que um ambiente rico em produção de conhecimento, em promoção do desenvolvimento pessoal, intelectual e profissional, não seja associado a uma rotina de produção de sofrimento.

3 FENOMENOLOGIA MERLEAU-PONTYANA PARA SUSTENTAÇÃO TEÓRICO-FILOSÓFICA DO ESTUDO

“A grande prosa é a arte de captar um sentido jamais objetivado até então e de torná-lo acessível a todos os que falam a mesma língua”
(MERLEAU-PONTY, 2012, p.12).

Em meio ao contexto de crise que a ciência se encontrava no final do século XIX e início do século XX, devido ao modelo fragmentado que estava se firmando por conta das especializações, a fenomenologia ganha visibilidade, como corrente filosófica. Seu precursor, Edmund Husserl, tinha como perspectivas resgatar o ideal clássico de ciência dos gregos que consistia em desvelar os fenômenos como unidades dos entes e reestabelecer a filosofia como modelo de ciência rigorosa, objetivando superar a oposição tradicional entre realismo e idealismo (SENA, 2006; TERRA et al., 2006).

A fenomenologia, cuja raiz etimológica significa “o que se mostra”, é o estudo das essências; é uma filosofia que “busca observar a existência concreta do ser humano como ser-no-mundo, pois ela não é estática nem existe outra igual. Ela está sempre um sendo, ou seja, formando-se” (TERRA, 2007, p.69). Porém, apesar de possuir um estilo incoativo, o inacabamento fenomenológico não a torna uma filosofia fracassada, ao contrário, revela o entrelaçamento do mistério do mundo e o mistério da razão, ou seja, possibilita refletir sobre o irrefletido (MERLEAU-PONTY, 2015).

Neste sentido, a “fenomenologia não é neutra em relação a suas respostas e conceitos, mas subentende a si mesma enquanto possibilidade de perguntar por um campo sob qual está inclinada e suspendida como questão de fato” (PERIUS, 2012, p.138).

Enquanto movimento filosófico, a fenomenologia tem a pretensão de descrever o fenômeno tal como ele aparece, considerando seu acontecimento dentro do tempo e espaço, para que a vivência possa ser compreendida. E para que haja essa compreensão, não devemos explicar ou analisar, e sim, descrever o fenômeno, sem a preocupação de buscar relações de causalidade (TERRA et al., 2006).

A fenomenologia de Maurice Merleau-Ponty tem raiz no pensamento husserliano, que sustenta a ideia de que o conhecimento ocorre mediante processo intersubjetivo, não está no sujeito ou no objeto, mas acontece na relação. Desse modo, busca romper com o objetivismo das ciências naturais e o subjetivismo psicologista, cuja concepção básica é a de que o conhecimento possui um lócus definido (SENA et al., 2011).

A existência humana é permeada por vivências e tudo aquilo que o homem sabe do mundo, mesmo por ciência, parte de uma visão própria ou de uma experiência do mundo; é ele quem faz ser para si, de modo que é a experiência que caminha em direção aos antecedentes, ao ambiente físico e social (MERLEAU-PONTY, 2015). “Minhas experiências são experiências do mundo e é o mundo que dá sentido às experiências que tenho”, por isso, Merleau-Ponty afirma não ser possível à redução fenomenológica completa, conforme propunha Husserl, pois não podemos retirar-nos totalmente do mundo (MATTHEWS, 2011, p.28).

A experiência do ser no mundo faz surgir a necessidade de falar ao outro sobre as suas escolhas e decisões que se fazem por meio do uso da linguagem, a qual mostra o mundo em que está inserido e também a possibilidade de conhecê-lo (TERRA, 2007).

Para Merleau-Ponty, as vivências são dinâmicas e contraem as ambiguidades de quem as vive e aquelas que vamos encontrar em todas as partes do universo, partindo da premissa de que uma mesma experiência possui um movimento de reversibilidade que perpassa por dois polos, o sensível e o objetivo. A percepção, como uma experiência de campo, é caracterizada por essa vivência ambígua (SENA et al., 2010). E nenhum discurso clássico é capaz de expressar a percepção do ponto de vista de quem a vive efetivamente (SENA, 2006).

A percepção não é uma ciência do mundo, não é nem mesmo um ato, uma tomada de posição deliberada; ela é o fundo sobre o qual todos os atos se destacam e ela é pressuposta por eles” [...] não existe homem interior, o homem está no mundo, é no mundo que ele se conhece (MERLEAU-PONTY, 2015, p. 6).

A percepção se dá quando voltamos a nossa própria experiência direta das coisas para atribuímos significado a uma ideia abstrata. “Perceber algo não é apenas ter uma ideia a respeito, mas lidar com isso de alguma forma” (MATTHEWS, 2011, p.33). A percepção, portanto, é o campo de revelação do mundo. Nesse sentido, o significado que atribuo às coisas, só acontece a partir de uma experiência prévia que tenho com elas, a partir da fusão entre sujeito e objeto na perspectiva da intercorporalidade (MERLEAU-PONTY, 2015).

“Na concepção fenomenológica da percepção a apreensão do sentido ou dos sentidos se faz pelo corpo, tratando-se de uma expressão criadora, a partir dos diferentes olhares sobre o mundo” (NÓBREGA, 2008, p.142). Para a autora, a percepção acontece a partir de uma atitude corpórea, é um acontecimento da corporeidade, da existência desse corpo.

Na obra “Fenomenologia da percepção”, Merleau-Ponty apresenta uma noção de *corpo próprio*, a qual revela que ser corpo é estar atado a certo mundo, o nosso corpo é no espaço, e a conexão entre os segmentos do meu corpo e minha experiência não acontecem por acumulação ou por reunião das suas partes, essa conexão é o meu próprio corpo, ela está feita de uma vez por todas em mim (MERLEAU-PONTY, 2015).

A experiência perceptiva seria, portanto, esse *corpo próprio*, que nos permite vivenciar sensações ambíguas e constitui experiências de campo. Ou seja, as vivências do *corpo próprio* acontecem em um campo fenomenal, e se refere a nossa inserção no mundo da vida, uma vez que toda percepção, para Merleau-Ponty, é sempre a percepção do ponto de vista de quem a vive (SENA; GONÇALVES, 2008). Ademais, o *corpo próprio*, enquanto fenômeno do ser no mundo, possui intenções próprias que o levam a agir como totalidade portadora de todas as correlações possíveis, ou seja, ele *é e se percebe* ao mesmo tempo (WARMLING, 2016).

O objeto desse estudo emergiu de nossa experiência no âmbito do *corpo próprio*. Surgiu, portanto, da experiência de viver a universidade como graduanda, pós-graduanda e docente, de tornar-se um *outro eu mesmo* a partir da minha existência no mundo, e desses modos de estar no mundo, que permitem tornar-me outro, uma vez que meu corpo é um conjunto de significações vividas.

O sujeito que tem a sua experiência começa e termina com ela, e, como ele não pode preceder-se nem sobreviver a si, a sensação necessariamente se manifesta a si mesma, ela depende de uma *sensibilidade* que a precedeu e que sobreviverá a ela [...] Toda vez que eu experimento uma sensação, sinto que ela diz respeito não ao meu ser próprio, aquele do qual sou responsável e do qual decido, mas a um outro eu que já tomou partido pelo mundo, que já se abriu a alguns de seus aspectos e sincronizou-se a eles (MERLEAU-PONTY, 2015, p. 291).

Na experiência perceptiva, quando eu percebo algo, todos os meus sentidos entram em operação simultaneamente, mesmo que o objeto tenha sido dado inicialmente a um único sentido; eu percebo “porque tenho um campo de existência e porque cada fenômeno aparecido polariza em direção a si todo o meu corpo enquanto sistema de potência perceptivas” (MERLEAU-PONTY, 2015, p.426)

Ainda na obra “Fenomenologia da Percepção”, Merleau-Ponty (2015) apresenta essa noção de percepção sob cinco dimensões do corpo próprio, a saber: o *corpo habitual*; o *corpo perceptivo*; o *corpo falante*; o *corpo sexuado*; e o *corpo do outro*.

O *corpo habitual* nos ocorre involuntariamente, independentemente de nossa vontade, pois ao percebermos um objeto, podemos percebê-lo em si, mas essa percepção jamais aparecerá sozinha, ela acontecerá sempre de um ponto de vista que carrega consigo um fundo, um hábito, um horizonte que se organiza espontaneamente; algo se mostra sem a nossa intervenção. Assim, o mundo aparece para mim sempre em perspectivas, como em uma relação da figura sobre um fundo. Partindo desse entendimento, é preciso que descrevamos o ser tal como ele se apresenta a nós para que o compreendamos, pois quando percebemos a coisa em si, percebemos sempre de um ponto de vista (SENA, 2006).

No desenvolvimento das pesquisas, é necessário reconhecermos o potencial criativo do nosso *corpo habitual* para reaprender a ver as coisas além da reprodução das teses que se apresentam empiricamente e deixar-se penetrar por uma significação nova. Logo, a partir das narrativas produzidas nas rodas de terapia comunitária com os estudantes do Curso de Graduação em Enfermagem, buscamos fazer a suspensão dessas teses, para compreender o que se mostrava em si mesmo.

A noção de *corpo perceptivo* está entrelaçada ao *corpo habitual*, partindo do entendimento de que ele é mobilizado involuntariamente pelo *corpo habitual*. Nosso corpo se movimenta procurando algo, é impulsionado, a partir de um passado anônimo, mas, por não saber o que procuramos, vamos buscá-lo no horizonte de futuro, onde não estamos. Essa constitui a noção de corpo perceptivo em Merleau-Ponty, um sistema em ação orientado por um hábito (SENA, 2006).

Merleau-Ponty reconhece o corpo inserido no mundo, como constituição da subjetividade e expressividade da fala (TERRA, 2007). Para ele, o conhecimento se faz por uma imersão no mundo e a linguagem é a expressão infundável dessa experiência, pensando em linguagem de forma abrangente, que envolve não apenas a fala cotidiana, mas vai da matemática à pintura (MERLEAU-PONTY, 2012) e é pela linguagem que o ser humano tem acesso à realidade (TERRA, 2007).

A linguagem nos ultrapassa, não apenas porque o uso da fala sempre supõe um grande número de pensamentos que não são atuais e que cada palavra resume, mas ainda por uma outra razão, mais profunda: a saber, porque esses pensamentos, em sua atualidade, jamais foram “puros” pensamentos, porque neles já havia excesso do significado sobre o significante e o mesmo esforço do pensamento pensado para igualar o pensamento pensante, a mesma junção provisória entre um e outro que faz todo o mistério da expressão (MERLEAU-PONTY, 2015, p.521).

O *corpo falante* é a dimensão do corpo próprio que possui essa capacidade de estabelecer uma comunicação na busca de avançar no conhecimento, para preencher alguma carência, e que coloca em movimento a fala do outro; o *corpo falante* não possui pensamento em seu interior, os pensamentos não existem fora do mundo e fora das palavras, eles se articulam através da fala, afinal, “se a fala pressupusesse o pensamento, não se compreenderia por que o objeto mais familiar parece-nos indeterminado enquanto não encontramos seu nome” (MERLEAU-PONTY, 2015, p.241). Desse modo, “o pensamento e a expressão constituem-se simultaneamente” (MERLEAU-PONTY, 2015, p.249).

Entretanto, para que a comunicação seja possível, é necessário que eu compreenda a fala do outro, e para que isso aconteça eu preciso ter algum conhecimento prévio do seu vocabulário e sua sintaxe; para compreender o que me dizem, preciso saber anteriormente o sentido das palavras a mim direcionadas (MERLEAU-PONTY, 2012; 2015). Esse *corpo falante* abre possibilidades à criatividade e a experiência de tornar-se um outro eu-mesmo, pois se relaciona com tudo que se comunica com o mundo através do uso da linguagem, seja um poema, um quadro, uma música; e em primeiro lugar, essa comunicação se estabelece com o sujeito falante (ANDRADE, 2012).

Em seu livro “A prosa do mundo”, Merleau-Ponty nos revela que só somos capazes de encontrar na fala do outro, aquilo que nós mesmos colocamos nela; a comunicação, portanto, não nos ensina nada de verdadeiramente novo (MERLEAU-PONTY, 2012). Seguindo esse pensamento ele questiona: “como seria ela (a fala) capaz de nos arrastar para além do nosso próprio poder de pensar, já que os signos que ela nos apresenta nada nos diriam se já não tivéssemos em nosso íntimo sua significação?” (MERLEAU-PONTY, 2012, p.35).

Merleau-Ponty opera a noção de linguagem sob dois aspectos, a saber: a fala falada, secundária, que constitui a língua como um sistema de fala articulado em que a existência e o sentido estão separados, que representa o uso dos significados adquiridos, é aquela que repete as ideias e as falas; e a fala falante ou autêntica, como a própria linguagem, é aquela pela qual uma ideia começa existir e revelar coisas novas, representa o movimento de criação de novos significados, pertence ao domínio espontâneo, que é a existência corporal atuando a partir da temporalidade, ou seja, o corpo próprio no mundo (FURLAN; FURLAN, 2005; SENA, 2006; TERRA et al., 2009).

O *Corpo sexuado* se refere ao nosso meio afetivo, que visivelmente só tem sentido e realidade para nós; trata-se da forma pela qual procuramos compreender os objetos e seres por meio do desejo ou do amor (MERLEAU-PONTY, 2015). É a “experiência que vivemos em nosso próprio corpo quando somos arrebatados pelo olhar do outro” (SENA, 2006, p.76); e, é

através dele, que fazemos as nossas escolhas pelas coisas, pelo mundo e pelo outro, involuntariamente, ou seja, “é a sexualidade que faz com que o homem tenha uma história” (MERLEAU-PONTY, 2015, p.219).

Assim como as outras dimensões do corpo, o *corpo sexuado* também consiste em uma experiência ambígua, e Merleau-Ponty ao falar sobre sexualidade recorre a alguns pensamentos freudianos, em que nos esclarece que “o sexual não o genital, a vida sexual não é um simples efeito de processos dos quais os órgãos genitais são o lugar [...] ela é o poder geral que o sujeito psicofísico tem de aderir a diferentes ambientes, de fixar-se por diferentes experiências” (MERLEAU-PONTY, 2015, p.219).

Após a abordagem das demais dimensões do corpo, podemos adentrar ao *corpo do outro* que está diante de mim, mas que carrega sua singular existência, apesar de ser como uma réplica de mim mesmo, apresenta-se sempre em perfil; “todo outro é um outro eu mesmo”, mas quando esse outro me aparece, algo ainda é acrescentado a mim e no entanto não é mais eu (MERLEAU-PONTY, 2012, p.219).

Somos coextensivos com tudo o que podemos ver, ouvir e compreender, e por isto somos uma totalidade; logo, em nossa percepção o outro está sempre a nosso lado, atrás de nós, a todo instante sentimos que nos sentem, e nos sentem enquanto sentimos. Porém, como o outro não é eu, é preciso chegar à distinção, pois há um que é outro, e este nos destitui de nossa posição central, neste caso, entre ele e nós há uma inversão de papéis, pensamos poder caracterizar aquele que vemos; no entanto, ele de repente furta-se a esta condição (SENA, 2006, p.82).

Para Merleau-Ponty nosso corpo pode comportar segmentos tomados do corpo dos outros assim como uma substância que passa por entre eles (MERLEAU-PONTY, 2013). Esse entrelaçamento ocorre em virtude da abertura do corpo que possibilita a ocorrência de um arrebatamento pelo olhar do outro, que favorece a retomada da dimensão de coexistência impessoal e faz o corpo perceptivo se voltar à procura de um horizonte pessoal, que caracteriza a humanidade (MERLEAU-PONTY, 2015).

A noção de coexistência merleau-pontyana também pode ser compreendida a partir da ideia de experiência perceptiva, que nos permite contrair, no presente, um horizonte de passado e outro de futuro, constituindo uma vivência de campo, que comporta a *intercorporalidade e entre eu e outrem* (CARVALHO et al., 2011).

A *coexistência* ocorre como intercorporalidade impacto do mundo sobre nós, e o efeito de nossos gestos sobre o mundo, significação transferível que “torna possível uma ‘situação comum’ e, finalmente, a percepção de *um outro*” (MERLEAU-PONTY, 2012). Para o autor,

o diálogo promove esse entrelaçamento e permite que a fala do outro nos descentre e nossa fala, através de respostas e questionamentos, toque em suas significações.

O filósofo reflete a noção de que pelo corpo do outro é possível compreendê-lo, e para isso precisamos compreender todas as dimensões do corpo próprio mencionadas anteriormente. Nessa perspectiva, voltamos o nosso olhar para estudantes do Curso de Graduação em Enfermagem mediante a produção de vivências *intercorporais* que favoreceram uma abertura para novas conexões com o outro, o mundo e as coisas.

A reflexão de que “enquanto de meu lado aparecia a camada do ser corporal em que minha visão atola, do lado das coisas o que se vê é uma abundância de perspectivas [...] que me obrigam a dizer que a própria coisa está sempre mais longe” (MERLEAU-PONTY, 2014, p. 81), nos fez intuir que a percepção de estudantes do Curso de Graduação em Enfermagem sobre sua saúde mental aparece como experiência do corpo próprio, e evidenciam diferentes perspectivas sobre o modo como a universidade se apresenta para eles e sobre os fenômenos que se desvelam nessa experiência.

4 CAMINHO METODOLÓGICO: EM BUSCA DO DESVELAMENTO DAS VIVÊNCIAS

Nesse capítulo, descrevemos o caminho para o alcance do nosso objetivo, explicitando toda a trajetória que percorremos, atendendo ao rigor científico exigido, a partir dos critérios de coerência, consistência, originalidade e objetivação inerentes à abordagem de pesquisa qualitativa (MINAYO, 2010).

E por se tratar de um estudo fenomenológico, entendemos que “todo o universo da ciência é construído sobre o mundo vivido, e se queremos pensar a própria ciência com rigor, precisamos primeiramente despertar essa experiência do mundo percebido, pela simples razão de que ela é uma determinação ou uma explicação dele” (MERLEAU-PONTY, 2015, p.3).

4.1 TIPO DE ESTUDO

Estudo de natureza qualitativa, emergido de vivências que levaram a um mundo perceptivo sobre a realidade de estudantes de universidades públicas, onde as sensações se manifestam a si mesmas em um meio de generalidades. Assim, o desenvolvimento desta pesquisa se fundamenta na Fenomenologia Merleau-Pontyana, a qual norteia todo o caminhar metodológico e inclusive na construção da estratégia metódica que utilizamos para a análise das descrições vivenciais.

O estudo fenomenológico possui um direcionamento específico para o fenômeno pesquisado, sendo a percepção um dos elementos fundamentais da sua proposta, por revelar sensações referentes ao conhecimento das coisas, do espaço, do tempo e da liberdade mediante a qual temos acesso ao outro e ao mundo. No entanto, a percepção é ambígua, porque deixa transparecer a ambiguidade do mundo, do homem e das coisas (MERLEAU-PONTY, 2015).

A descrição de vivências relacionadas à saúde mental desses estudantes torna-se uma generalidade e decorre da capacidade humana de experimentar a intersubjetividade (MERLEAU-PONTY, 2015). Nesta aparece a coexistência que também pode ser descrita a partir da ideia de temporalidade, em que, por meio da experiência perceptiva, contraímos, no presente, um horizonte de passado e outro de futuro, constituindo uma vivência de campo, que também pode ser chamada de vivência do corpo próprio ou do outro eu mesmo, por permitir o descentramento, o entrelaçamento e a reversibilidade entre eu e outrem (MERLEAU-PONTY, 2015).

Para Merleau-Ponty, a generalidade ocorre como *intercorporalidade*, como uma extensão do *corpo próprio*, em que “pela percepção de outrem, eu me encontre posto em relação com um outro eu, [...] aberto às mesmas verdades que eu em relação com o mesmo ser que eu” (MERLEAU-PONTY, 2013, p.39).

Assim, “a fenomenologia representa um método adequado ao estudo de fenômenos que requerem outro ‘modo de ver, de olhar’ para além das concepções objetivistas legadas pelo pensamento oriundo pela ciência tradicional” (TERRA et al., 2006, p.675). Nessa perspectiva, a percepção revela, do fundo da subjetividade, outra subjetividade investida de direitos iguais, porque, no campo perceptivo, se desenha a conduta de outrem, expressa em comportamentos compreensíveis, que envolvem palavras e pensamentos que nascem em meio aos fenômenos, apropriam-se deles, tratando-os segundo as condutas típicas das quais o corpo próprio tenha experiência.

4.2 CENÁRIO E PARTICIPANTES DO ESTUDO

A pesquisa foi realizada na Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), localizada no município de Feira de Santana – Bahia – Brasil. A implantação da UEFS partiu de uma estratégia governamental que tinha como finalidade a interiorização da educação superior, que até então ficava circunscrita à Salvador, capital baiana. Assim, em 31 de maio de 1976, foi solenemente instalada com a oferta de uma variedade de cursos, dentre os quais, o Curso de Graduação em Enfermagem. Hoje, a referida universidade possui 28 cursos de graduação entre licenciaturas e bacharelados, nas áreas de Tecnologia e Ciências Exatas, Ciências Humanas e Filosofia, Letras e Artes, Ciências Naturais e da Saúde, reunidos em nove Departamentos.

Apesar da implantação do Curso de Graduação em Enfermagem desde o ano de 1976, o seu processo de reconhecimento aconteceu em 1980. Desde a sua criação até os dias de hoje, o curso já passou por três reformas curriculares.

Atualmente, esse curso oferece quarenta novas vagas semestralmente, dispõe de 82 professores no seu quadro docente entre efetivos e substitutos, e possui duração mínima de dez semestres e máxima de quinze, nos quais o estudante precisa cumprir um elenco de 39 componentes curriculares obrigatórios, além dos optativos, que dependerá da carga horária do componente que ele escolherá para determinar quantos precisará cumprir.

O curso tem uma carga horária de 4.160 horas, sendo 3.840 horas destinadas aos componentes obrigatórios (aulas teórico-práticas e Estágio Obrigatório com 900 horas), 200

horas para Atividades Complementares e 120 horas para os componentes curriculares optativos. Foi criado para atender a uma das necessidades da população de Feira de Santana e a demanda do mercado de trabalho local e regional.

Foram convidados para participar da pesquisa os estudantes do Curso de Graduação em Enfermagem da referida universidade que atenderam ao seguinte critério de inclusão: estar matriculado regularmente no curso. Não limitamos a quantidade de participantes, tendo em vista que o método escolhido para produção das descrições vivenciais não traz exigências de limites inferiores nem superiores para a sua realização.

A escolha por estudantes de todos os semestres ocorreu partindo do entendimento de que em diferentes momentos do curso acontecem diferentes experiências, que podem gerar alegria/prazer, tristeza/sofrimento de maneiras diversas. Aqueles nos anos iniciais, em razão da adaptação ao novo modelo de vida imposto pelo mundo universitário, podem estar mais suscetíveis a algumas perturbações emocionais, enquanto que os que se aproximam da conclusão do curso, experimentam outros tipos de sofrimento, como, por exemplo, a preocupação com o mercado de trabalho.

Os estudantes do Curso de Graduação em Enfermagem de universidades públicas são, em sua maioria, adultos-jovens, do sexo feminino, muitas vezes, provenientes de outros municípios, precisando se afastar do convívio familiar para ir em busca de uma formação profissional. Esses estudantes têm o desafio de saber lidar com a liberdade e responsabilidade que essa etapa da vida lhes proporciona, além da necessidade de se adaptar a um novo meio e formar novas relações sociais.

Somando os participantes de todas as quatro rodas de TC temáticas realizadas, participaram da pesquisa um total de 41 estudantes do Curso de Graduação em Enfermagem da UEFS, dos variados semestres, com exceção do quinto, sexto e décimo semestres apesar de termos feito o convite para participação na pesquisa em todas as turmas, conforme mostrado abaixo, no Quadro 1. A primeira roda contou com a participação de 17 estudantes, a segunda com 28 estudantes, a terceira com 23 e a quarta roda com 15 estudantes.

Consideramos participantes todos os que estiveram presentes nas rodas, independentemente de terem se expressado de forma verbal. Entretanto, dentre os 41 participantes acima mencionados, 29 estudantes tiveram participação com expressão verbal, partilhando suas vivências nas rodas. Abaixo, apresentamos uma caracterização geral desses estudantes.

Quadro 1: Caracterização dos estudantes do Curso de Graduação em Enfermagem da UEFS que participaram do estudo.

CodINome	Idade	Sexo	Semestre em curso	Enfermagem foi primeira escolha?	Trabalha?	Mora com família
Alicia	24 anos	Feminino	9º semestre	Sim	Não	Sim
Ana Helena	18 anos	Feminino	3º semestre	Sim	Não	Sim
Andrews	24 anos	Masculino	3º semestre	Sim	Não	Sim
Angélica	26 anos	Feminino	9º semestre	Não	Não	Não
Bibi	22 anos	Feminino	2º semestre	Sim	Sim	Sim
Brenda	20 anos	Feminino	2º semestre	Não	Não	Sim
Cecília	22 anos	Feminino	3º semestre	Não	Não	Sim
Eduarda	25 anos	Feminino	9º semestre	Sim	Não	Não
Ellora	22 anos	Feminino	9º semestre	Não	Não	Sim
Felipe	22 anos	Masculino	9º semestre	Não	Não	Não
Flora	22 anos	Feminino	9º semestre	Sim	Não	Não
Frida	21 anos	Feminino	3º semestre	Sim	Não	Sim
Igor	17 anos	Masculino	2º semestre	Não	Não	Sim
Joana	22 anos	Feminino	9º semestre	Não	Não	Sim
Joaquim	24 anos	Masculino	7º semestre	Não	Não	Não
Júbila	22 anos	Feminino	3º semestre	Não	Não	Não
Júlia	22 anos	Feminino	9º semestre	Sim	Não	Sim
Juliana	24 anos	Feminino	9º semestre	Sim	Não	Sim
Lia	23 anos	Feminino	3º semestre	Sim	Não	Não
Linda	42 anos	Feminino	3º semestre	Sim	Não	Não
Lilian	19 anos	Feminino	3º semestre	Não	Não	Não
Lis	25 anos	Feminino	9º semestre	Não	Não	Sim
Lola	21 anos	Feminino	3º semestre	Sim	Não	Não
Lua	22 anos	Feminino	9º semestre	Sim	Não	Não
Luz	18 anos	Feminino	3º semestre	Não	Não	Não
Manuel	23 anos	Masculino	9º semestre	Sim	Não	Não
Maria	21 anos	Feminino	3º semestre	Sim	Não	Sim
Marina	24 anos	Feminino	9º semestre	Não	Não	Sim
Mário	22 anos	Masculino	8º semestre	Sim	Não	Não
Marta	20 anos	Feminino	4º semestre	Não	Não	Não
Mel	19 anos	Feminino	2º semestre	Sim	Não	Não

Melissa	25 anos	Feminino	8º semestre	Não	Não	Não
Mia	21 anos	Feminino	2º semestre	Não	Não	Não
Monalisa	19 anos	Feminino	2º semestre	Sim	Não	Sim
Neia	20 anos	Feminino	1º semestre	Sim	Não	Sim
Renata	20 anos	Feminino	2º semestre	Não	Não	Não
Rosa	27 anos	Feminino	3º semestre	Não	Não	Não
Rute	21 anos	Feminino	9º semestre	Não	Não	Não
Samanta	19 anos	Feminino	4º semestre	Não	Não	Sim
Scarlett	19 anos	Feminino	3º semestre	Não	Não	Sim
Sofia	18 anos	Feminino	3º semestre	Sim	Não	Não

Fonte: Dados da pesquisa.

A idade dos estudantes foi de 17 a 42 anos, o que sinaliza um predomínio de adultos jovens no curso. A representatividade do sexo feminino historicamente construída na profissão da enfermagem e característica comum nos cursos de enfermagem de variadas instituições reflete os 35 participantes do sexo feminino (FREITAS et al. 2018). Dos 41 participantes, 21 não escolheram o Curso de Graduação em Enfermagem como primeira opção e apenas uma estudante estudava e trabalhava, todos os demais dedicavam seu tempo integral aos estudos.

O desconhecimento ou desinformação acerca da profissão pode estar atrelado a não opção pela enfermagem como primeira escolha. Porém, percebemos que iniciar um curso universitário apenas para estar inserido na universidade e não por possuir um desejo pelo curso também pode fazer com que o estudante não leve a graduação adiante. Existe uma tendência de evasão em diversas universidades, principalmente durante o primeiro ano universitário, justificado pelas expectativas não-compatíveis ao curso pelo qual optaram (JABBUR; COSTA; DIAS, 2012).

Com relação à atividade laboral, acreditamos que o fato de o Curso de Graduação em Enfermagem ser diurno, ocupando o tempo integral dos estudantes, dificulta a inserção no mercado de trabalho. Mesmo não trabalhando, eles já possuem dificuldades no manejo do tempo entre demandas acadêmicas e pessoais, devido à carga exaustiva de atividades teóricas e práticas (SILVA et al., 2019). Ademais, também pode ser uma opção dos estudantes, pelo fato de estarem primeiramente se capacitando, adquirindo conhecimento, para entrarem no mercado de trabalho já na profissão que estão se formando.

Foram considerados que moram com a família aqueles que estão com pai e/ou mãe, ou aqueles que são casados e moram com o cônjuge. Assim, os estudantes que referiram ter saído do município de moradia, para ir morar em Feira de Santana devido ao ingresso no curso universitário, mesmo que tenham sido acolhidos por pessoas de outros graus de parentesco, de modo que 22 estudantes foram considerados como não moram com a família, o que representa mais da metade dos nossos participantes.

Com a conclusão da tese, faremos um convite a todos participantes para mais um encontro, com a finalidade de darmos uma devolutiva sobre os resultados do estudo. Na ocasião, também pretendemos encerrar esse momento com mais uma roda de TC, como agradecimento pela participação voluntária e como estratégia de promoção da saúde mental desses estudantes.

4.3 ETAPA DE CAMPO E COLETA DE DADOS

4.3.1 Aproximação e Ambientação

A aproximação com os possíveis participantes do estudo ocorreu mediante a realização de uma visita em sala de aula, para cada turma separadamente, momento em que apresentamos, de forma breve, o projeto de pesquisa, com seus objetivos, justificativa, critérios para participação, benefícios e riscos; e em seguida, solicitamos aos interessados que assinassem uma lista, colocando seu nome, idade, endereço eletrônico, telefone para contato e semestre em curso.

Após obtida a lista de todos os estudantes interessados, um contato foi feito com a finalidade de agendar um primeiro momento em comum a todos os interessados. Nessa ocasião, utilizamos de uma dinâmica de acolhimento realizada em um auditório da Universidade, retirando as dúvidas dos interessados sobre a pesquisa, apresentamos o Termo de Assentimento (TA) (APÊNDICE A), o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (APÊNDICE B) e o TCLE destinado para os responsáveis legais (APÊNDICE C), fornecendo esse documento para aqueles que confirmaram a participação assinarem. Os menores de dezoito anos receberam o TA e TCLE para os responsáveis legais, ambos os documentos em duas vias, e trouxeram com as respectivas assinaturas no encontro seguinte, que já foi agendado com eles nesse momento.

Finalizadas as dúvidas e recolhidas às assinaturas nos TCLE, definimos juntos com os participantes a data da primeira roda de TCI para produção das descrições vivenciais. Nesse encontro, antes de começarmos a primeira roda, aconteceu a primeira etapa da coleta das informações, com os dados de identificação de todos os presentes. Destacamos que ao final de cada roda de TC foi combinada conjuntamente a data da roda seguinte.

4.3.2 A Produção das Descrições Vivenciais

Para produção das descrições vivenciais utilizamos as etapas da TCI por entendermos que as vertentes dessa prática integrativa não se contrapõem ao olhar fenomenológico, pelo contrário, contribuem para o desvelamento dos fenômenos. As etapas da TCI não interferem, ao contrário, mobilizam o olhar fenomenológico. Desde a primeira fase, no momento de acolhimento das rodas de TC, ao falar sobre como seria sua realização, principalmente, a que trata da impossibilidade de fazer julgamentos ou dar sermões, observamos um imbricamento com o pensamento merleau-pontyano, que se contrapõe a emissão de juízo de valores.

Entendemos que o referencial teórico-filosófico escolhido se adequa à perspectiva teórico-prática adotada na condução da TCI e a base dessa relação situa-se, fundamentalmente, no fato de que a fenomenologia merleau-pontyana consiste em uma filosofia da experiência e a TCI constitui um espaço de partilha vivencial, onde cada pessoa do grupo expõe sua própria experiência. Ao mesmo tempo, esses dois referenciais apresentam como ponto de intersecção a relação dialógica e a intersubjetividade, o que torna as rodas de TCI um espaço onde se faz fenomenologia na prática.

As rodas de TCI são espaços comunitários de fala, de escuta, de encontro, e proporcionam a transformação do jeito de ver e conduzir a vida, além de promover autonomia e empoderamento. Ao compartilhar problemas e sofrimentos, os participantes podem trazer alívio para si e ajudar na superação de desafios. Desta forma, a TCI pode ser considerada uma estratégia de promoção da saúde mental e prevenção do adoecimento.

A TCI nos convida a olhar além da carência, para ressaltar a competência, tendo em vista que os problemas do cotidiano são discutidos, compreendidos e as possibilidades de solução são ampliadas, através do compartilhamento das realidades vividas e alternativas experimentadas (BARRETO, 2008). É um instrumento de construção de redes sociais solidárias, que tem a finalidade de dar um espaço de apoio e escuta para promover a resiliência dos sujeitos (FERREIRA FILHA et al., 2012).

O desenvolvimento da TCI pode ocorrer em qualquer espaço comunitário, devendo defini-lo com a própria comunidade e ser conduzido por até três pessoas: um terapeuta e até dois co-terapeutas. A presença do terapeuta com formação em TCI é indispensável para o acontecimento da roda. Durante a realização da roda, que não possui quantidade mínima ou máxima de participantes, é necessário seguir as etapas seguintes, que constituem a modalidade tradicional de condução da TC: acolhimento; escolha do tema; contextualização; problematização; encerramento/rituais de agregação e conotação positiva (BARRETO, 2008).

Nessa pesquisa, assim como em outros espaços de realização de rodas de TCI, o acolhimento era conduzido pelo co-terapeuta, que recepcionava o grupo e deixava os participantes confortáveis e à vontade através de músicas e mensagens de boas-vindas, da valorização da vida a partir da canção de parabéns para os aniversariantes do mês e do acordo que se fazia com o grupo no intuito de deixar claros os objetivos e as regras para que a terapia fosse bem sucedida.

Durante o acolhimento, o co-terapeuta do dia repassa as informações necessárias para o desenvolvimento da TC, enfatizando a importância do silêncio, de falar sempre de si, do não julgamento e não dar conselhos, do respeito à história do outro, bem como da possibilidade de sugerir músicas para cantar com o grupo durante a reunião. Essa etapa de acolhimento se finda com a realização de uma dinâmica de interação proposta pelo co-terapeuta, que em seguida, passa a palavra para o terapeuta dar continuidade com a etapa da escolha do tema (BARRETO, 2008).

Na escolha do tema, o terapeuta pede para as pessoas do grupo que estivessem sentindo algum sofrimento, angústia, preocupação, falarem sobre o que as inquieta e, neste momento, reflete sobre a importância do falar. Além disso, pede aos participantes que fiquem atentos enquanto alguém do grupo fala, pois em seguida ocorre a votação do tema que consideram mais necessário ser discutido em virtude da identificação do grupo. Assim, chegam à escolha do tema, do que será discutido na roda.

Após a escolha do tema, através da votação, passava-se à etapa da contextualização, momento no qual a pessoa cujo tema foi escolhido, falava mais sobre o seu sofrimento e a comunidade poderia fazer perguntas para compreender o problema em seu contexto.

Na problematização, a pessoa que falou sobre seu problema fica em silêncio e o terapeuta apresenta um MOTE, que nada mais é do que uma pergunta-chave que permitiria a reflexão daquela comunidade/grupo durante a roda de terapia. Esse mote ou tema discutido, considerado a alma da terapia, direciona a partilha de experiências dos participantes da roda (BARRETO, 2008).

O encerramento da reunião ocorria por meio de rituais de agregação e conotação positiva, momento em que o terapeuta propiciava um ambiente de interiorização, de clima afetivo para que o grupo se sinta mutuamente apoiado. O terapeuta faz conotações positivas a todos que se expuseram ou apresentaram seus sofrimentos e solicita aos participantes que fala em sobre como estão saindo daquela roda, o que estavam levando de bom daquela vivência e, por fim, junto com o co-terapeuta, agradece a todos, já convidando-os para os próximos encontros (JATAI; SILVA, 2012).

Entretanto, para a realização das rodas de TC desse estudo, optamos por utilizar a Terapia Comunitária Temática que se difere TCI, apenas por ser realizada utilizando um MOTE escolhido previamente em consonância com a questão que se quer trabalhar na roda; além de que, as etapas de contextualização e problematização ocorrem simultaneamente (CARÍCIO, 2010). As rodas de Terapia Comunitária Temática ocorreram de fevereiro a abril de 2019, foram gravadas através de quatro aparelhos gravadores de voz digital, para posterior transcrição fidedigna das descrições vivenciais e análise do conteúdo obtido.

Ao todo, foram realizadas quatro rodas, mesma quantidade inicialmente proposta pelo projeto de Tese, pois entendemos que estas foram suficientes para o alcance do objetivo de compreender como os estudantes do Curso de Graduação em Enfermagem percebem a sua saúde mental no mundo universitário. Cada roda foi norteada por um tema do roteiro elaborado previamente pelas pesquisadoras para a realização dessas rodas temáticas (APÊNDICE D).

4.4 ANÁLISE DAS DESCRIÇÕES VIVENCIAIS

Para a análise das descrições vivenciais, “na tentativa de descrever o tecido intencional do qual se constituem as vivências” (SENA, 2006), utilizamos a técnica *Análise da Ambiguidade*, uma metodologia de análise criada por Sena (2006), inspirada na redução fenomenológica de Husserl e na ontologia da experiência de Merleau-Ponty. A análise foi fundamentada pela especificidade da filosofia merleau-pontyana em que as essências caracterizam-se, justamente, pela percepção das ambiguidades inerentes ao processo intersubjetivo que dão origem às descrições vivenciais (‘dados empíricos’) construída para preencher uma lacuna relacionada à escassez de uma estratégia metodológica coerente com o referencial teórico fenomenológico para nortear a compreensão das descrições vivenciais, evidenciada “na literatura tradicional especializada em procedimento de análise” adequado aos estudos de abordagem fenomenológica (SENA, 2006, p. 107).

A *Analítica da Ambiguidade* concebe a percepção sob o ponto de vista de quem a vive e tem se consolidado como uma estratégia adequada à organização de descrições vivenciais em categorias/objetivações, que constituem abertura para a compreensão dos fenômenos como se mostram à percepção e não como uma forma de explicá-los (REIS; SENA; MENEZES, 2016; REIS; MENEZES; SENA, 2017; SENA; SANTOS; SUBRINHO; CARVALHO, 2018).

A aplicação da *Analítica da Ambiguidade* ocorre como a experiência de observação de uma tela em que, para perceber uma imagem é preciso fixar o olhar em seu contorno e fechá-lo às demais imagens (SENA, 2006; SENA et al., 2010). Esse processo aconteceu espontaneamente, como ocorre em todos os momentos de nossas vidas: os fenômenos aparecem de forma irrefletida e impensada, desvelados por meio do diálogo estabelecido entre eu-outro-coisas.

Essa experiência consistiu em compreender como o vivido intencional se constituiu e se mostrou desde si mesmo. Portanto, os aspectos dos temas constitutivos das descrições vivenciais como tal, na análise, embora, infundáveis, foram considerados como figuras que traziam consigo um fundo, que, ao entrar no foco do olhar possibilitaram a descoberta de outras figuras. Assim, *a Analítica da Ambiguidade*, seguimos os seguintes passos:

- a) os textos foram organizados com a transcrição das gravações das descrições vivenciais na íntegra, conforme apareceram durante as rodas de TCI;
- b) as leituras do material, realizadas de forma exaustiva, partiu das prerrogativas que se seguem:
 - como um estudo fenomenológico, busca descrever as vivências, e, não explicá-las,
 - as vivências são ocorrências de campo e por se constituírem como experiências perceptivas, acontecem em um campo fenomenal, que tem a ver com nossa inserção no mundo da vida,
 - a vivência da percepção apresenta-se como uma experiência ambígua, envolvendo dois pólos: o pré-reflexivo e o reflexivo, domínio da linguagem, em que se instala o universo de significações (MERLEAU-PONTY, 2014),
 - a experiência ambígua se mostra a partir das descrições vivenciais, que revela fenômenos, ou seja, o mundo aparece para nós

parcialmente, ao arrastar consigo um horizonte de passado que retomamos em nossa vivência perceptiva;

c) a leitura do material fluiu livremente, permitindo que os fenômenos se desvelassem a partir de si mesmos e os reconheçêssemos como generalidade intercorporal;

d) após a leitura exaustiva do material, convencendo-nos de que as ambiguidades são inúmeras, pois a percepção se insere em um campo fenomenal, efetivamos as objetivações;

e) as objetivações, como operações expressivas, constituíram uma “transmutação” do pólo pré-reflexivo ao reflexivo, processo realizado pela fala (MERLEAU-PONTY, 2012).

4.5 ÉTICA QUE ENVOLVE AS PESQUISAS COM SERES HUMANOS

Por se tratar de pesquisa envolvendo seres humanos, foram respeitados todos os fundamentos éticos e científicos dispostos na Resolução N° 466, de 12 de dezembro de 2012, do Conselho Nacional de Saúde (CNS) (BRASIL, 2012). Sendo assim, o projeto de pesquisa foi encaminhado ao Comitê de Ética em Pesquisa da UESB para avaliação e, somente após ser aprovado, segundo o Parecer N° 3.092.573 e CAAE 94544618.3.0000.0055 (ANEXO A), foi iniciada a produção das descrições vivenciais.

Após a aprovação, iniciamos o trabalho de campo por meio do esclarecimento completo e pormenorizado aos participantes sobre a **natureza da pesquisa**, seus **objetivos, métodos, benefícios** previstos, potenciais **riscos e incômodos** que o estudo pudesse causar, assim como os **custos**.

Este termo foi produzido em uma linguagem simples, clara e objetiva, de modo a esclarecer os participantes quanto à **autonomia** em não aceitar, recusar ou retirar-se em qualquer uma das fases da pesquisa, sem que houvesse quaisquer tipos de penalidades e, ainda, informar-lhes sobre a **garantia do anonimato**. Além disso, foram esclarecidos quanto à **confidencialidade** das descrições, no que tange a não-utilização das informações em prejuízos de pessoas e/ou famílias, inclusive em termos de autoestima, prestígio e/ou aspectos econômicos (BRASIL, 2012). Por fim, o TCLE foi assinado em duas vias, sendo uma do pesquisador e outra do participante.

Para os participantes com idade inferior a dezoito anos que desejaram participar do estudo, atendendo ao critério de inclusão anteriormente mencionado, foi fornecido o TA para

assinatura, também contendo dados da pesquisa como o TCLE. Nesses casos, além da assinatura no TA, também disponibilizamos o TCLE para assinatura dos seus responsáveis legais.

Os participantes ou seus representantes legais autorizaram a utilização do gravador digital durante todas as etapas de produção das descrições vivenciais, de modo que possam solicitá-las sempre que necessário. Os participantes autorizaram a publicação dos resultados da pesquisa em revistas e periódicos, bem como a apresentação em eventos técnico-científicos nacionais e internacionais.

As informações obtidas através da pesquisa são confidenciais e, com a finalidade de manter o **anonimato dos participantes**, pedimos que eles escolhessem nomes próprios substitutivos aos seus nomes verdadeiros para serem identificados. Visto que a participação possui caráter totalmente **voluntário**, foi informado aos participantes que, se desejassem, poderiam desistir da sua participação em qualquer momento da pesquisa, respeitando assim a sua autonomia. Ademais, todo o material relacionado à pesquisa, como TCLE e documentos oriundos das produções das informações, ficará arquivado por um período de cinco anos sob responsabilidade da pesquisadora, na sede do “Grupo de Estudos e Pesquisas em Saúde Mental: loucos por cidadania”, para após esse período ser incinerado.

Acreditamos nos **benefícios da pesquisa**, tendo em vista a participação dos estudantes do Curso de Graduação em Enfermagem nas rodas de TC, importante instrumento de promoção da saúde mental no âmbito comunitário, que proporcionou alívio ao sofrimento vivenciado e estimulou o compartilhamento de suas angústias, externalizando aquilo que não estava lhe fazendo bem.

A pesquisa buscou oferecer **riscos** mínimos aos participantes, uma vez que a discussão sobre a sua saúde mental pôde gerar algum tipo de desconforto psicológico. No entanto, caso acontecesse, a pesquisadora deveria buscar meios para saná-lo, bem como realizar o encaminhamento para um profissional de competência, caso percebesse a necessidade. Salientamos que após a realização de uma das rodas temáticas, encaminhamos uma das participantes para o serviço de psicologia da universidade, não por uma situação ocorrida durante a roda, mas, após esta, momento em que a participante relatou uma necessidade pessoal, por afirmar ter encontrado em nós um ponto de referência para procura de apoio psicológico.

5 DESVELANDO OS FENÔMENOS QUE SE MOSTRAM NOS ESTUDANTES DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM A PARTIR DA VIVÊNCIA DO MUNDO UNIVERSITÁRIO

Os resultados desse estudo estão apresentados sob a modalidade de três manuscritos científicos que têm como finalidade fomentar o conhecimento acerca da saúde mental dos estudantes de graduação em Enfermagem, com o foco na compreensão de como eles significam o contexto universitário, como lidam com o distanciamento da família a partir do ingresso na vida universitária e quais as estratégias que utilizam para o cuidado de si no contexto universitário. Toda a discussão está fundamentada na abordagem fenomenológica de Maurice Merleau-Ponty, baseada nas obras *Fenomenologia da Percepção* (MERLEAU-PONTY, 2015), *Visível e Invisível* (MERLEAU-PONTY, 2014) e *A Prosa do Mundo* (MERLEAU-PONTY, 2012).

Desse modo, os manuscritos foram elaborados conforme as normas de formatação dos periódicos escolhidos para a submissão, a saber:

Manuscrito 1 – Vítima e vilã: experiência ambígua de estudantes de Enfermagem no contexto universitário. Elaborado e adequado conforme as normas da *Revista Gaúcha de Enfermagem*.

Manuscrito 2 – Vivência ambígua do estudante do Curso de Graduação em Enfermagem ao distanciar-se da família. Elaborado e adequado conforme as normas da *Revista Texto & Contexto Enfermagem*.

Manuscrito 3 – Estratégias de estudantes de Enfermagem para o cuidado de si no contexto Universitário: estudo fenomenológico. Elaborado e adequado conforme as normas da *Revista Qualitative Health Researche*.

5.1 PRIMEIRO MANUSCRITO: VÍTIMA E VILÃ: EXPERIÊNCIA AMBÍGUA DE ESTUDANTES DE ENFERMAGEM NO CONTEXTO UNIVERSITÁRIO

Este manuscrito será submetido à *Revista Gaúcha de Enfermagem* (Qualis A2) e foi elaborado e adequado conforme as normas e instruções para autores, consultadas em janeiro de 2019, disponíveis no link:

<https://seer.ufrgs.br/index.php/RevistaGauchadeEnfermagem/about/submissions#authorGuidelines>.

VÍTIMA E VILÃ: EXPERIÊNCIA AMBÍGUA DE ESTUDANTES DE ENFERMAGEM NO CONTEXTO UNIVERSITÁRIO

RESUMO

Objetivo: compreender como os Estudantes de Graduação em Enfermagem significam o contexto universitário. **Métodos:** estudo fenomenológico, fundamentado na ontologia de Maurice Merleau-Ponty, realizado com 41 estudantes de Graduação em Enfermagem de uma universidade pública do interior da Bahia, Brasil, no período de fevereiro a abril de 2019. Para a construção das descrições vivenciais realizamos quatro rodas de Terapia Comunitária, cujo material produzido foi submetido à técnica Analítica da Ambiguidade. **Resultados:** o estudante percebe a universidade como um “em si”, a partir de uma visão objetivista, colocando-a como responsável por todo o sofrimento vivenciado. Ademais, a ambiguidade da percepção humana é revelada, pois ao mesmo tempo em que o estudante sofre, ele também cresce, evolui, transcende e vivencia a experiência do “eu posso”. **Conclusões:** apontamos para a necessidade de estratégias de promoção da saúde mental na universidade, a fim de proporcionar melhorias para o bem-estar dos estudantes.

Palavras-chave: Estudantes de Enfermagem. Saúde Mental. Universidades.

VICTIM AND VILLA: ENVIRONMENTAL EXPERIENCE OF NURSING STUDENTS IN THE UNIVERSITY CONTEXT

ABSTRACT

Objective: to understand how Undergraduate Nursing Students mean the university context. **Methods:** phenomenological study, based on the ontology of Maurice Merleau-Ponty, conducted with 41 undergraduate nursing students at a public university in the interior of Bahia, Brazil, from February to April 2019. For the construction of the experiential descriptions, we performed four Community Therapy wheels, whose produced material was submitted to the Ambiguity Analytical technique. **Results:** we understand that the student perceives the university as “itself”, from an objectivist view, placing it as responsible for all the suffering experienced. Furthermore, the ambiguity of human perception is revealed, because at the same time that the student suffers, he also grows, evolves, transcends and experiences the experience of "I can". **Conclusions:** we point to the need for strategies to promote mental health at the university, in order to provide improvements for the well-being of students.

Keywords: Students, Nursing. Mental Health. Universities.

VÍCTIMA Y VILLA: EXPERIENCIA AMBIENTAL DE ESTUDIANTES DE ENFERMERÍA EN EL CONTEXTO UNIVERSITARIO

RESUMEN

Objetivo: comprender cómo los estudiantes de pregrado en enfermería se refieren al contexto universitario. **Métodos:** estudio fenomenológico, basado en la ontología de Maurice Merleau-Ponty, realizado con 41 estudiantes universitarios de enfermería en una universidad pública del interior de Bahía, Brasil, de febrero a abril de 2019. Para la construcción de las descripciones experimentales, realizamos cuatro Ruedas de terapia comunitaria, cuyo material producido se sometió a la técnica de análisis de ambigüedad. **Resultados:** entendemos que el alumno percibe a la universidad como "en sí misma", desde un punto de vista objetivista, ubicándola como responsable de todo el sufrimiento experimentado. Además, se revela la ambigüedad de la percepción humana, porque al mismo tiempo que el estudiante sufre, él también crece, evoluciona, trasciende y experimenta la experiencia de "Yo puedo". **Conclusiones:** señalamos la necesidad de estrategias para promover la salud mental en la universidad, con el fin de proporcionar mejoras para el bienestar de los estudiantes.

Palabras clave: Estudiantes de Enfermería. Salud Mental. Universidades.

INTRODUÇÃO

A inserção do estudante no mundo universitário o faz vivenciar uma série de mudanças em sua vida, bem como passa a experienciar um novo horizonte, um desconhecido. Envoltos por uma série de expectativas, medos e incertezas, o graduando vai se deparando com um turbilhão de possibilidades com novos conhecimentos, novas relações e também de responsabilidades, compromissos, desejos que estimulam provocando os mais variados sentimentos. Assim, o estudante vai se construindo diariamente, moldando-se, remoldando-se, vivendo – cada um à sua maneira – o que a universidade tem a lhe oferecer.

Na transição do Ensino Médio para o Ensino Universitário, o estudante vivencia processos emocionais paralelos: por um lado, o luto pela perda das peculiaridades da infância; e, por outro, as responsabilidades pela própria vida que precisam ser assumidas, quando é necessário fazer a escolha da profissão ao se submeter ao exame vestibular, mesmo sem ainda ter certeza de que aquela é a melhor opção⁽¹⁾.

Essas vivências se tornam ainda mais intensas quando se trata de estudantes de cursos de graduação na área da saúde, como a Enfermagem, pois passam a enfrentar e lidar com

situações dicotômicas, como saúde-doença e vida-morte, que precisam ser bem trabalhadas e elaboradas para que não repercutam negativamente em sua saúde mental.

Com a necessidade de adaptarem-se às mudanças de vida e às novas demandas após a inserção na universidade, o estudante pode perceber esse processo como estressor, o que impacta diretamente na sua saúde⁽²⁾. Devido às aulas práticas com vivências em ambiente clínico durante o processo de formação, os estudantes de Graduação em Enfermagem passam por situações desgastantes e referem altos níveis de estresse, que é potencializado por diversos fatores, como: sobrecarga nas atividades teórico-práticas; carga horária exaustiva de aulas, que resulta em acúmulo de atividades acadêmicas, gerando ansiedade e angústia; preocupações com o mercado de trabalho; atividades avaliativas; relação entre estudo, vida familiar e vida social; e, relação com o professor⁽³⁻⁴⁾.

Com o avançar dos semestres na universidade, além da obrigatoriedade de cumprimento da carga horária curricular, a maioria dos estudantes envolve-se em atividades complementares e extracurriculares, como a iniciação científica, os projetos de extensão e a participação em cursos, o que aumenta a sobrecarga e pode prejudicar a qualidade de vida⁽³⁾.

Sendo assim, de certa forma, o contexto universitário impõe uma condição de vulnerabilidade ao segmento acadêmico para a ocorrência de transtornos mentais, como ansiedade e depressão, o que leva a crer que aspectos relacionados à vida acadêmica e à carreira podem impactar na saúde mental dessa população⁽²⁾. Esses transtornos podem provocar sofrimento e prejuízo à vida cotidiana, repercutindo diretamente no desempenho acadêmico e nas relações intra e extrauniversitárias.

Quando falamos em vulnerabilidade na população universitária, referimo-nos às situações específicas de fragilidades que envolvem os estudantes, sejam elas físicas, psicológicas, sociais, culturais, entre outras. “Vulnerabilidade traz à consciência nossa condição de humanidade”⁽⁵⁾. E, pensando no perfil dos estudantes do Curso de Graduação em Enfermagem, podemos afirmar que a maioria deles está submetida à dupla vulnerabilidade: por serem jovens e do sexo feminino, considerando as dificuldades que as mulheres ainda enfrentam nos dias atuais para serem reconhecidas e terem seu espaço e direitos garantidos.

Estudo revela que os sintomas depressivos, ansiosos e de estresse vêm se alastrando no público jovem, sobretudo universitário, e podem, por vezes, ser constatados logo no início do curso. Esses sintomas repercutem para além do âmbito da saúde e qualidade de vida do estudante, ocasionando impactos também nos âmbitos familiar, institucional e com os pares. Além disso, a população feminina é a mais vulnerável para o surgimento desses sintomas⁽⁶⁾.

Os desafios inerentes ao processo de desenvolvimento pessoal, social e acadêmico que os jovens universitários vivenciam exigem maturidade e autonomia para enfrentar as transformações naturais desse ciclo de vida, sobretudo devido às dificuldades em satisfazer suas demandas individuais, familiares, comunitárias⁽⁷⁾. Ademais, as elevadas expectativas criadas no percurso acadêmico, bem como as ambições pelo futuro profissional e pessoal, os medos, incertezas e inseguranças relacionadas ao mercado de trabalho, comumente resultam em alta prevalência de problemas psicoafetivos, por vezes desconhecidos, o que interfere na possibilidade de tratamento adequado⁽⁶⁾.

Quando não identificados e tratados, os sintomas depressivos, ansiosos e de estresse podem se potencializar, resultando em atitudes prejudiciais para a vida do estudante, como os casos de tentativa de suicídio e suicídio que têm sido noticiados em nível mundial. No Brasil, as notícias sobre suicídios de estudantes universitários têm se tornado cada vez mais frequentes. Os dados apontam significativa estatística de suicídio nesse público, independente da região do país em que ocorre. Além disso, sabemos que os registros ainda não correspondem à realidade, pois se veicula mais notícias na mídia do que temos de registros oficiais⁽⁸⁾.

Ademais, a literatura revela alta prevalência de pensamentos suicidas entre universitários da área de saúde, dentre elas a Enfermagem. E aponta ainda que fatores como tentativa anterior de suicídio, histórico de *bullying*, assim como uso de tabaco, álcool e outras drogas, aumentam as chances de ideação suicida⁽⁹⁾.

A relevância do estudo consiste em trazer ao universo da produção científica um tema atual e que tem se propagado nas mídias televisivas e digitais, devido à sua repercussão à vida dos jovens universitários. Assim, urge falar, debater e propor um novo olhar para a saúde mental dos estudantes universitários, nas esferas sociais, políticas e psíquicas.

Diante desse contexto de sofrimento mental que os estudantes universitários estão vivenciando, delineou-se a questão que norteou o presente estudo: como os estudantes de Graduação em Enfermagem significam sua experiência vivida no contexto universitário? E, como objetivo do estudo: compreender como os estudantes de Graduação em Enfermagem significam sua experiência vivida no contexto universitário.

MÉTODOS

Trata-se de um estudo fenomenológico, de natureza qualitativa, sustentado na abordagem filosófica de Maurice Merleau-Ponty, mais especificamente na experiência do corpo próprio.

Desse modo, para compreensão dos resultados e discussão utilizamos as categorias apresentadas por Merleau-Ponty acerca da ambiguidade da percepção humana, que é permeada por dois polos, o sensível e o reflexivo, bem como a experiência de transcendência do corpo, de tornar-se o *outro eu mesmo*. O autor defende que toda percepção é ambígua, pois a natureza humana sensível está entrelaçada à nossa consciência reflexiva. Somos um corpo no mundo e do mundo em constante interação, que sente, deseja, sofre, pensa, percebe⁽¹⁰⁻¹¹⁾.

Sabemos que as vivências dos estudantes no contexto universitário são vivências de intersubjetividade, de intercorporalidade, e que, por isso, são vivências ambíguas. Assim, justifica-se a escolha da fenomenologia merleau-pontyana acerca da percepção, uma vez que o autor estuda a percepção enquanto experiência do corpo próprio, que é uma vivência ambígua.

Para ele, toda percepção envolve um horizonte de passado e um horizonte de futuro, que se atualizam em um presente, e cada vivência dessa síntese perceptiva é dinâmica, pois cada momento corresponde a uma nova vivência, na qual acontece a experiência de transcendência, a possibilidade de ressignificar sua personalidade e tornar-se um *outro eu mesmo* a partir da vivência da temporalidade^(10,12).

Essa abordagem se adequa ao objeto de estudo, uma vez que estamos estudando a percepção dos estudantes do Curso de Graduação em Enfermagem em relação a como eles significam o contexto universitário. No caso dos estudantes universitários do estudo, percebemos que eles podem transcender, seja em uma perspectiva de sofrimento, de adoecimento, seja no sentido de crescimento, desenvolvimento pessoal, profissional, do aprendizado, da convivência. Pode ocorrer também a evolução da condição de sofrimento para a de saúde, ou ao contrário. São várias transcendências que acontecem em função dessa dinamicidade da percepção, pois, a cada vivência que o estudante vai tendo, ele vai desenvolvendo outra percepção.

Essas mudanças sempre acontecem na intersubjetividade, na intercorporalidade entre os próprios estudantes, entre estudantes e professores, com a comunidade intra e extrauniversitária. Para os estudantes significarem esse contexto, eles passam por diversas vivências intersubjetivas e intercorporais, de modo que, assim, vão tendo uma multiplicidade de percepções do cotidiano universitário. Ou seja, a percepção que temos de um objeto se dá a partir de todas as experiências que tivemos ou que poderíamos ter dele⁽¹⁰⁾.

O campo de estudo escolhido foi a Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), localizada no município de Feira de Santana, Bahia, Brasil, que possui o Curso de Graduação em Enfermagem desde 1976, oferecendo atualmente quarenta novas vagas a cada semestre. O ingresso para todos os cursos da referida universidade passou a ser 100% pelo Sistema de Seleção Unificada (Sisu) a partir do processo seletivo do início de 2019.

Foram convidados a participar da pesquisa, os estudantes do Curso de Graduação em Enfermagem de todos os semestres, desde que atendessem ao critério de inclusão: estar regularmente matriculado. Dessa forma, realizamos visita em todas as turmas, separadamente, para fazer o convite de participação na pesquisa e, na oportunidade, disponibilizávamos uma lista para os interessados assinarem. Naquele momento, já agendávamos o primeiro encontro com eles para dirimir possíveis dúvidas, bem como fazer a leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e do Termo de Assentimento (TA) visando obter as assinaturas nesses documentos.

Para a produção das descrições vivenciais utilizamos como estratégia metodológica a Terapia Comunitária (TC) e de comum acordo, agendamos a data para a realização da primeira roda. A TC é uma Prática Integrativa e Complementar em saúde que consiste em um espaço de fala e de escuta no qual os participantes têm a oportunidade de falar de suas angústias, sofrimentos e, conforme o desenvolver da roda, podem encontrar caminhos para ressignificar o sofrimento. Salientamos que, a cada roda de TC finalizada, deixamos agendada a próxima roda.

Assim, por meio de rodas de TC, ocupamo-nos de produzir descrições das vivências junto aos estudantes do Curso de Graduação em Enfermagem na tentativa de desvelar os fenômenos que envolvem sua saúde mental no contexto universitário. Optamos por realizar quatro rodas de TC temáticas para facilitar a condução da TC e direcioná-la ao alcance do objetivo do estudo. Os encontros das rodas de TC ocorreram no período de fevereiro a abril de 2019.

Cada encontro teve a duração aproximada de uma hora e meia, tempo em que, na condição de pesquisadora/terapeuta comunitária, realizávamos anotações, buscando fazer a síntese das falas, caracterizar os participantes quanto ao sexo, registrar o horário de início e de término da roda.

Os participantes constituíram-se em 41 estudantes, contando com as quatro rodas de TC realizadas, sendo que 29 deles tiveram participação com expressão verbal. Destes, 35 estudantes eram do sexo feminino, o que reflete o perfil dos Cursos de Graduação em

Enfermagem em relação a presença maior de mulheres, ao que parece ocorrer pela própria história de origem da Enfermagem, que perdura até os dias atuais.

A idade dos estudantes foi de 17 a 42 anos. Destes, 21 não escolheram o Curso de Graduação em Enfermagem como primeira opção e, somente uma estudante estudava e trabalhava, de forma que os demais, naquele momento, estavam exclusivamente dedicando-se aos estudos. Além disso, destaca-se que 22 estudantes informaram não morar com a família, uma vez que vieram de outro município para cursar a graduação.

Todas as falas dos estudantes nas rodas de TC foram gravadas com aparelhos gravadores digitais, a fim de fazermos a transcrição das descrições na íntegra e, em seguida, realizarmos a compreensão por meio da técnica *Analítica da Ambiguidade*. A sua aplicação envolve as seguintes etapas: organização dos textos resultantes das gravações, leituras exaustivas desses textos deixando que saltem aos olhos os fenômenos, e, por fim, efetivação de categorias que expressem ambiguidade⁽¹²⁾.

Os aspectos éticos para pesquisas envolvendo seres humanos dispostos na Resolução N° 466/2012 foram respeitados. Desse modo, a pesquisa iniciou somente após Parecer de Aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (CEP/UESB) n° 3.092.573 e CAAE 94544618.3.0000.0055. Além disso, também obtivemos as assinaturas nos TCLE dos estudantes maiores de dezoito anos e a assinatura no TA dos menores de dezoito juntamente com a assinatura do seu responsável legal no TCLE. Com a finalidade de preservar o anonimato dos participantes, os estudantes escolheram os nomes próprios que desejaram para serem identificados na pesquisa.

RESULTADOS

Frente às adversidades e às dificuldades vivenciadas pelos estudantes universitários, cada um deles cria estratégias para os enfrentamentos da forma como aprendeu durante a vida, resgatando um horizonte de passado, na perspectiva de um horizonte de futuro. A filosofia de Merleau-Ponty sustenta a premissa fenomenológica de que todo conhecimento acontece na relação com o outro e, portanto, na intersubjetividade de vivências da percepção. Como a percepção envolve as dimensões sentir e pensar, ela é sempre ambígua e, nessa lógica, o saber se desvela segundo o olhar figura-fundo.

No estudo com estudantes do Curso de Graduação em Enfermagem, percebemos um discurso naturalizado que coloca a universidade como um “em si” - a universidade que adoce. Eles comprometem a instituição como sendo a única responsável por situações de

sofrimento pelas quais muitos deles passam. Isto nos leva a crer que ignoram todo o contexto de vida que os entorna, além da imersão na universidade.

O presente artigo apresenta um construto referente a duas categorias emergentes das descrições dos estudantes nas rodas de TC, mediante a Analítica da Ambiguidade, fundada no pensamento de Maurice Merleau-Ponty, que revelam o significado atribuído pelos estudantes às vivências no contexto universitário, expressando suas experiências de transcendência, sejam elas para o crescimento ou para o sofrimento: **a universidade que gera sofrimento e a universidade que proporciona crescimento.**

A universidade que gera sofrimento

As repercussões da inserção dos estudantes na universidade ocorrem em sua vida nas dimensões biológica/física, psicológica e sociofamiliar, como um todo, interligada.

Sendo assim, percebemos que na dimensão biológica/física as descrições corroboram a íntima relação entre as dimensões de nosso corpo. Logo, quando uma dimensão é afetada, a outra reflete o impacto. Os estudantes referiram alterações à dimensão biológica, mas acreditam que estão intimamente associadas aos aspectos psicológicos vivenciados no contexto acadêmico. Destacam que se sentem ansiosos em relação às aulas práticas nos serviços de saúde, sofrem com a pressão por parte dos professores e sentem dificuldade em administrar o tempo para conseguir realizar as atividades intra e extrauniversitárias. Nesse contexto, lhes ocorrem mudanças no apetite e insônia.

O que me fazia sentir, mesmo, no casulo, aqui na universidade, é a pressão dos professores [...] Eu não era ansiosa, e a partir da universidade comecei a ter transtorno de ansiedade; comecei a emagrecer. Era começar o estágio eu emagrecia, parava de comer, não me alimentava [...]. o auge foi no sétimo semestre [...], eu tive que tomar remédio para dormir porque eu ficava com medo de reprovar. (Alicia)

A universidade suga a gente e eu sofri muito com isso, porque eu gosto de praticar esportes, gosto de jogar bola, de fazer karatê. E o que eu mais sinto é que a UEFS me tirou isso, porque desde que eu entrei aqui, eu não consigo ter um treino regular no karatê, não consigo tempo para mais nada. (Igor)

Tem vezes que eu não quero comer, não consigo comer nada; e às vezes, se brincar eu como até as paredes da casa. (Joana)

Depois que eu entrei no curso o que mais se destacou para mim foi que tudo isso repercutiu em insônia, ao ponto de ter que tomar remédio para dormir. (Juliana)

Em relação à dimensão psicológica, os estudantes revelam a coexistência entre eles com relação à dimensão sensível. Identificam o contexto universitário como adoecedor, como responsável pelos choros, pela ansiedade, pelas crises, pela tristeza sentida, pelo estresse; ou

seja, tendem a culpabilizar a instituição pelo sofrimento, especialmente quando referem à pressão dos professores; à competitividade dos colegas; e ao excesso de carga horária. No entanto, velam o contexto socioantropológico que entorna outras dimensões de suas vidas.

No final do ano passado, que, como eu sou 2º semestre, eu peguei semiologia, era como se fosse uma pressão muito grande em cima de mim. Minha saúde mental estava lá embaixo. Tinha dias que, do nada, eu começava a chorar, porque não sabia o que fazer. Ficava muito trancada em casa, não queria sair, justamente porque estava me sentindo muito pressionada. Eu ainda não consegui encontrar uma fuga para isso, uma forma de tentar resolver essa minha pressão. Então, o que faço é ficar em casa chorando, sem saber o que fazer. Na hora, alivia, a gente passa a pressão para o choro, mas depois volta tudo a mesma coisa. (Brenda)

Minha primeira crise aqui na universidade foi ainda no primeiro semestre [...] No início a gente tinha dificuldade, acho que era geral, a gente estudava, estudava e não conseguia aprovar; tipo, não tirava notas tão boas [...]; cursei semiologia também, que foi o segundo desespero, o primeiro contato com o hospital; ocorreram as crises de ansiedade, o sentimento de incapacidade antes de chegar lá, o frio na barriga, o medo. (Sofia)

Quando iniciei semiologia, foi uma época de grande estresse, porque eu achava que não conseguiria passar; foi uma fase que eu fiquei muito mal emocionalmente. (Felipe)

Me sinto muito pressionada, principalmente no final do ano passado, por conta de seminários, provas. Do nada sentia vontade de chorar, a famosa crise de ansiedade. (Monalisa)

O Nível de maturidade dos estudantes ao iniciar a vida universitária, com exigências de responsabilidade, disciplina e compromisso, também interfere no modo como eles conseguirão lidar com as demandas acadêmicas. Alguns sentem dificuldade para entender que a vida adulta está chegando e que é preciso tomar decisões e assumir a responsabilidade pela própria vida.

Eu cheguei muito nova aqui, com 17 anos de idade, e você tem uma cobrança muito grande dos professores, muita responsabilidade para você lidar numa idade em que você ainda não sabe realmente se é aquele curso que você quer para sua vida, se realmente lá na frente é aquilo que você quer. E aí eu comecei a ter crise de ansiedade. (Joana)

Ao abordar o desconforto que sente no contexto universitário, uma participante revela certo sofrimento entrelaçado à falta de identificação com o curso, mesmo estando próxima à conclusão do mesmo, conforme se pode ver na descrição seguinte:

O que mais me faz sentir mal aqui dentro da universidade são as práticas. Eu não sei se é porque não tenho certeza se quero ser enfermeira, apesar de já estar no nono semestre, eu não sei o que é não. Mas em todas as práticas eu não gosto, não tenho prazer de fazer [...]. Não me lembro se já passei um semestre sem chorar numa prática. Já me tranquei no banheiro duas vezes para chorar, inclusive agora no estágio, no nono semestre. (Rute)

A descrição que se segue nos faz ver que o estudante, ao escutar os pares comentarem sobre como sofrem na universidade, tende a repetir e generalizar o discurso. Com base na

ontologia merleau-pontyana, o corpo constitui *carne porosa* e, como tal, emite e recebe informações que o faz experienciar o *outro eu mesmo*, seja no sentido de satisfação, seja na insatisfação e sofrimento⁽¹⁰⁾.

Eu acho que, no contexto universitário, o pior momento para a gente é a pressão que a gente sofre aqui, independente do semestre, e a tendência é sempre piorar, é o que dizem para gente e a gente incorpora. À medida que o semestre vai passando, todo mundo tende a ficar mais nervoso, mais estressado. É quase que um surto coletivo, você vê alguém estressado na sua turma, você fica estressado também [...]. Eu tive muitos transtornos psicológicos por causa das duas disciplinas que eu tive que desistir, porque eu me achava incapaz. (Renata)

Nessa descrição, percebemos a *universalidade do sentir* entre os estudantes, a *coexistência*, ou seja, o que um vive parece transcender ao outro⁽¹⁰⁾. No que refere às vivências de sofrimento psíquico, os estudantes fazem ver que, à medida que um expressa sentimentos de ansiedade e de impotência, o semelhante é afetado e, aos poucos, todos da turma tendem a vivenciar sensações similares. Entretanto, também notamos na descrição a ambiguidade entre o sentir e o pensar. Ao mesmo que a participante revela compartilhar a natureza sensível com os pares, reconhece que o sentimento de impotência não está no outro, mas em si mesma.

Já em relação à dimensão sociofamiliar, mesmo com a expansão do sistema de ensino superior brasileiro, a inserção do estudante na universidade pode requerer o afastamento da família, especialmente se houver necessidade de mudança da cidade de origem, quando esta não possui uma universidade pública ou o curso de graduação desejado. Essa mudança pode impactar negativamente tanto a saúde mental do estudante como o desempenho acadêmico, uma vez que, com a distância física da família, diminui o suporte social e o apoio para as tomadas de decisões. Ademais, a ruptura da dinâmica familiar na vida de um adolescente e a inserção dele em um contexto desconhecido pode levá-lo a se sentir inseguro para construir novas relações e, conseqüentemente, ao isolamento.

Para mim, sem dúvida nenhuma, o que mais me faz sentir como casulo hoje, na vida universitária, é a distância da família, porque eu sou muito apegado à minha família e quando passo muito tempo longe, aquilo vai reverberando no meu emocional, até no meu rendimento na graduação [...]. Quando vim para a universidade morei 2 anos e meio sozinho [...] então, às vezes, você se sente só demais, e fica triste. Assim, o primeiro impulso não é você ir contatar outras pessoas, mas é você ficar na sua, ficar mais recluso. (Felipe)

Alguns estudantes, a exemplo de Felipe, conseguem perceber que as vivências de sofrimento no contexto universitário não são geradas, exclusivamente, por eventos concernentes à academia, mas a fatores externos como a distância do seio familiar. No

entanto, há aqueles que realmente atribuem à universidade a culpa pelo desconforto vivido, conforme se pode constatar na descrição seguinte:

Eu sempre falo da carga horária da universidade [...] parece que a universidade faz uma bolha e você tem que ficar dentro dela [...] A competitividade é um sofrimento desnecessário para todos, e eu acho que essa competitividade é construída dentro da universidade. (Rosa)

A necessidade de dedicação exclusiva à universidade foi destacada em algumas descrições. Os estudantes revelam que todo o seu tempo se torna comprometido com a realização das demandas acadêmicas e que não lhes resta oportunidade para que se dediquem à família, ao lazer, às relações afetivas, a um estilo de vida mais saudável, e até mesmo às atividades laborais:

Eu ficava sem ver meu namorado duas semanas, e eu ficava só estudando. Chegava em casa estudava, estudava, estudava, eu não queria ver ninguém. (Alicia)

Às vezes eu quero fazer algo e a carga horária acaba me impedindo, porque quando chega o final da semana tem que dar conta das disciplinas, dos trabalhos, das provas que você vai ter que realizar. Então, a gente tem aula manhã e tarde, chega à noite morta de cansada e você tem que estudar. E aí, às vezes, eu sinto falta de um tempo para mim. (Ana Helena)

O meu principal casulo nesse período todo de universidade foi depender financeiramente de meus pais [...] é a pior coisa, foi o que já me fez pensar em desistir da faculdade. (Juliana)

A universidade que proporciona crescimento

O ingresso na universidade e a dedicação ao mundo universitário exigem a ruptura com a rotina anterior e a construção de uma nova rotina, um novo estilo de vida, pois, nesse contexto, outras relações e formas de convivência são produzidas, bem como outras demandas comportamentais. Não obstante ocorrer tais mudanças à vida dos estudantes, a universidade lhes abre portas para a construção de um *outro eu mesmo*.

Embora as descrições revelem o discurso do sofrimento relacionado às demandas acadêmicas excessivas, à competitividade, à difícil relação entre professor e estudante devido à pressão imposta, elas também mostram o reconhecimento do crescimento pessoal, da autonomia e da independência, adquiridos a partir da imersão no ambiente universitário, além de todo o conhecimento construído ali.

Para mim o sofrimento proporcionou maturidade, porque entrei mais novo do que a média aqui [...]. Então, para eu me encontrar foi um pouco complicado, mas foi uma coisa necessária, porque me fez amadurecer. (Igor)

Eu acho que foi um sofrimento necessário o fato ter chegado e ter me sentido muito sozinha, eu não tinha ninguém [...], hoje eu acho importante, porque eu pude abrir a minha mente, ter mais autonomia, ser mais independente. (Samanta)

Eu evolui enquanto pessoa por estar sozinha aqui, saber fazer minha própria comida, que eu não sabia, lavar minha roupa, me virar. Porque sempre dependi muito da minha mãe, e hoje tenho uma visão de mundo diferente. (Rosa)

Estar bem sozinho foi uma coisa que eu descobri vivenciando a universidade, quando eu vim para cá, no período que eu morei só, principalmente. (Felipe)

Uma coisa boa que a universidade me trouxe foi maturidade e resiliência. (Sofia)

Inserir-se na universidade, começar a lidar com situações completamente diversas das vivenciadas anteriormente no meio escolar e familiar, proporcionam a transcendência para o amadurecimento, desenvolvimento enquanto ser humano, estímulo ao exercício da cidadania, capacidade de se tornar resiliente, tudo isso faz o estudante vivenciar a experiência do “eu posso”. A seguir, notamos o exercício perceptivo sob o olhar figura-fundo, quando a estudante olha para a dificuldade, para o desafio e percebe a possibilidade do tornar-se um *outro eu mesmo*.

Em relação às disciplinas, realmente são difíceis, mas quanto mais a disciplina é difícil e no final eu consigo me sair bem, eu gosto, porque me desafia. Mesmo sendo sofrido, no final quando eu consigo superar, para mim tem um retorno muito grande. (Juliana)

Além disso, a vivência do contexto universitário numa dimensão mais ampliada, para além do Curso de Graduação em Enfermagem, como, por exemplo, através da participação e composição do movimento estudantil, foi apontada por uma participante como oportunidade de transcendência para o crescimento pessoal, relacional, dialógico e político. Assim, a história social que ela vem construindo na universidade vai torná-la diferente de outros estudantes que não vivenciaram o movimento.

Eu vejo como um ponto muito positivo para mim é estar e me sentir muito inserida dentro do movimento estudantil, que eu gosto, é algo que me fortalece, e, assim, quando estou dentro de algo que envolve o movimento estudantil, me faz sentir borboleta dentro do espaço universitário. E também é algo que, de alguma maneira, melhora e me ajuda no quesito saúde mental. Então, me fortalece nesse sentido. (Marina)

A universidade também aparece como um ambiente de proteção para os estudantes que estão na reta final do curso, tendo em vista a insegurança com relação à inserção no mercado de trabalho. Assim, o estudante vive a ambiguidade. Por um lado, sofre com as pressões e sobrecargas do contexto universitário, por outro, deseja permanecer nele, pois o mundo fora dele é incerto.

Eu acho que o casulo, ao mesmo tempo que aprisiona, também protege. Então, eu vejo que a universidade, hoje, ela para mim representa uma proteção nesse sentido. Porque eu já estou saindo, falta só mais um semestre, e quando eu sair desse casulo? (Rute)

DISCUSSÃO

Em se tratando de um estudo fenomenológico, cuja matriz teórica versa sobre a suspensão de discursos naturalizados, mediante a compreensão texto e contexto, figura e fundo, a discussão dos resultados está sustentada no referencial teórico-filosófico que norteou

toda a construção da pesquisa, sendo ele a abordagem de Maurice Merleau-Ponty acerca da percepção.

O autor aborda a percepção humana a partir do que considera como *corpo próprio*. Para o filósofo, o *corpo* corresponde à temporalidade, que consiste na síntese perceptiva, ou seja, no ato de perceber, a pessoa atualiza no presente um horizonte de passado e outro de futuro, sempre de forma criativa. O *próprio* significa a capacidade que a pessoa tem de transcender-se, no sentido de mudança do *self*, por meio do fluxo do tempo (temporalidade). Assim, Merleau-Ponty descreve o *corpo próprio* como intercorporalidade, considerando que nenhum ser humano vive para si mesmo, mas de forma intersubjetiva⁽¹⁰⁾.

Desse modo, tendo como fundamento a linguagem merleau-pontyana, a discussão dos resultados do estudo sobre a percepção de estudantes de Graduação em Enfermagem em relação à sua saúde mental está pautada no entrelaçamento daquilo que se mostra como ambiguidades nas descrições vivenciais produzidas com eles, e a *ontologia do corpo próprio*. Tal proposta se opõe completamente ao determinismo das ciências naturalistas, segundo o qual as coisas já são em si mesmas.

Nessa perspectiva, a universidade vista como um “em si” pelos estudantes no contexto da temática em questão aponta em direção à coerência da escolha do referencial teórico de Merleau-Ponty para a sustentação do estudo, uma vez que a abordagem do autor se contrapõe a todo discurso objetivista. Assim, entendemos que a intersubjetividade estabelecida com os participantes resultou na descrição de suas vivências no contexto universitário, e não na explicação de situações que eles apontam como geradoras de sofrimento, nem tampouco das manifestações deste, uma vez que toda explicação já se constitui discurso naturalizado.

Portanto, em nosso estudo, buscamos desconstruir teses, discursos incorporados no ambiente sociocultural que se repetem irrefletidamente como se fossem verdades absolutas, como a ideia de que “a universidade adocece”. Propusemos, então, ultrapassar a ideia do “em si mesmo” e compartilhar um novo modo de pensar sobre o tema, partindo do entendimento de que toda vivência é ambígua, uma vez que envolve a intersubjetividade.

Graças a essa ambiguidade da percepção humana, podemos desenvolver um olhar figura e fundo e ver, por exemplo, que as demandas acadêmicas e as relações conflituosas emergentes do meio universitário são perfis de uma totalidade que escapa qualquer tentativa de apreendê-la por completa. Trata-se da reflexividade de cada estudante, que o faz ser, ao mesmo tempo, semelhante aos demais de sua espécie, e distinto, por sua experiência sociocultural.

Merleau-Ponty defende que todo conhecimento é produzido na intercorporalidade, mediante relação dialógica. Portanto, cada ato comunicativo é intercorporal e desvela um novo perfil na dinâmica da percepção⁽¹⁰⁾. Por conseguinte, as vivências dos estudantes de Enfermagem desveladas nas descrições se mostraram para nós não como categorias definidas ou concepções acabadas, mas como perfis das ambiguidades concernentes ao *corpo próprio*.

O contexto universitário tem sido alvo de críticas no cenário mundial, pelo modo como a sua comunidade tem sofrido ao vivenciá-lo. Entretanto, percebemos uma culpabilização naturalizada em relação à universidade, que a inscreve como principal responsável pelo que se sofre. Nesse sentido, os estudantes veem a universidade como algo em si mesma, como vilã de todo desconforto e sofrimento que vivenciam em qualquer das dimensões física/biológica, psicológica e sociofamiliar. É um olhar objetivista, como se estivessem de fora da universidade, e não como quem está inserido nela, fazendo parte dela.

Os participantes do estudo revelaram que o cotidiano acadêmico afeta negativamente sua saúde mental devido às mudanças que acontecem na rotina e estilo de vida frente às demandas da instituição. Como resultado dessas mudanças, lhes ocorrem, por exemplo, tristeza, episódios de choro, falta de apetite, insônia, isolamento, crises de ansiedade, entre outras manifestações. À luz do pensamento merleau-pontyano, entendemos que culpabilizar o contexto universitário por esses eventos, ignorando a reflexividade de cada estudante, constitui atitude objetivista, ou seja, foca-se na figura (um perfil) e perde-se de vista o fundo (a totalidade de onde emerge o perfil).

A alteração no padrão de sono, relatada como redução de sua quantidade, foi muito referida pelos participantes. Este fato corrobora estudo realizado com outros estudantes da área da saúde, cujos resultados e discussão sustentam a forte associação entre a diminuição do sono e a ocorrência de ansiedade, o que afeta o interesse pelas atividades cotidianas e pode gerar outros problemas de saúde⁽¹³⁾.

Não obstante os estudantes culpabilizarem a universidade por afetar a sua saúde mental, a literatura aponta outros aspectos que os tornam mais vulneráveis às situações de sofrimento descritas por eles, como, por exemplo, situações socioeconômicas e familiares⁽¹⁴⁾. Portanto, não é a universidade em si mesma a vilã do sofrimento. Ela apresenta perfis de um universo de fatores que podem contribuir para a expressão de sofrimentos. Entendemos que o estudante, ao adentrar a universidade e começar a compartilhar de vivências que os levam a vê-la como um “em si”, ele passa a projetar nela todas as angústias e sofrimentos advindos de outras vivências.

Nos semestres iniciais ocorrem as dificuldades de adaptação, de gerenciamento do tempo, de compreensão da nova dinâmica de vida, do estabelecimento e construção de novos vínculos, além das exigências de muita dedicação aos estudos, disparidade entre obrigação e lazer e medo de não conseguir alcançar resultados desejados ao longo do Curso. Ademais, o estudante também pode vivenciar relações conflituosas com professores, sentindo-se pressionado por eles⁽¹⁵⁾.

As descrições revelaram, também, que os estudantes vivenciam dois tipos de pressão. Ao mesmo tempo em que falam sobre a pressão da parte de professores, referem sofrer autopressão, uma pressão exercida de si para consigo mesmos. Essa última pode ocorrer de forma ainda mais intensa nos dois semestres que antecedem a conclusão do curso de graduação em Enfermagem, nos quais realizam estágios com supervisão indireta dos professores, pois se sentem como profissionais dos Serviços de Saúde e, embora tenham o apoio e as orientações necessárias para os estágios, necessitam ter mais autonomia, responsabilidade e tomada de decisão do que aqueles de semestres anteriores⁽¹⁶⁾.

Nesse sentido, em muitas situações, o estudante se percebe sozinho. Assim, por um lado, pode emergir sentimento de autossuficiência, uma vez que passa a executar ações sem a presença do professor. Por outro lado, pode se sentir desamparado⁽¹⁶⁾ e ansioso, e apresentar episódios de choro e desespero em ambientes de estágio.

Dessa forma, corroboramos a ontologia merleau-pontyana acerca da dinâmica do ser e, assim, percebemos que as ambiguidades vivenciadas pelos estudantes de Enfermagem no contexto universitário acontecem no entrelaçamento constante do sentir e do pensar⁽¹¹⁾, dimensões próprias da natureza humana no âmbito da percepção. As descrições evidenciam que desde os primeiros semestres do curso os estudantes são afetados, tanto por sua resposta intuitiva singular diante da nova realidade a que são submetidos, como pela incorporação de discursos deterministas de colegas, a exemplo da tese de que a ansiedade e o sofrimento vividos no começo do curso tendem a intensificar ao longo da trajetória acadêmica.

Ao incorporar essa tese, os estudantes passam a propagar a ideia de que a universidade os adocece. Portanto, nosso estudo ressoa a crítica merleau-pontyana ao objetivismo e ao determinismo peculiares às ciências naturais⁽¹⁰⁾, pois consistiu em suspender as teses que saltavam aos nossos olhos durante a leitura atenta das descrições dos participantes, e em reconhecer em nosso próprio corpo as ambiguidades⁽¹¹⁾, também, encontradas no outro e no mundo sociocultural no qual nos inserimos.

Com essa compreensão, não estamos ignorando o fato de que o contexto universitário pode favorecer a ocorrência de sofrimento e adoecimento mental, pois nosso corpo, enquanto

experiência perceptiva, constitui *carne porosa* ⁽¹¹⁾ e, como tal, afeta e é afetado na intersubjetividade. O que refutamos é a assertiva objetivista encontrada na literatura de que todas as fases da graduação e as relações produzidas na universidade se configuram como processos criadores ou patogênicos para o estudante, interferindo no aspecto educacional, social e psicológico⁽¹⁷⁾, sem, contudo, problematizar todo o entorno sociofamiliar implicado à vida dos estudantes.

Todo ser humano vivencia experiências de sofrimento psíquico durante a vida, que pode evoluir e se expressar nas relações⁽¹⁸⁾. Porém, o modo como o sofrimento ocorre à vida é que dependerá da reflexividade de cada pessoa, permitindo-lhes vivenciar significados distintos, uma vez que o sofrimento está associado à experiência do *corpo próprio* a partir da *temporalidade*.

As descrições dos participantes corroboram o que versa a literatura acerca da temática, que o estudante de Enfermagem, geralmente, dedica todo o seu tempo às atividades acadêmicas e, em função disso, pode desenvolver sofrimento e adoecimento em sua integralidade, o que envolve as dimensões física, psíquica e sociocultural^(13,15). Não obstante, mais uma vez, à luz de Merleau-Ponty, refutamos essa perspectiva objetivista, pois se apoia em estabelecer relações de causa e efeito diante de situações complexas como as de sofrimento.

Estudo aponta que “o sujeito contemporâneo é portador de sentimento de impotência diante das elevadas exigências de desempenho e, sendo livre, pode tanto investir na sua tendência criadora de vida e amor, quanto nas destruidoras, sendo capaz de aniquilar aquilo que ele mesmo construiu”⁽¹⁸⁾. Para Merleau-Ponty, independente das circunstâncias vivenciadas, sejam de estresse, tensão emocional, desconforto, dor, sofrimento, ou satisfação, prazer, saúde e vida, sempre há a possibilidade de transcendência, a pessoa poderá tornar-se outra. Assim, de certa forma, as vivências dos estudantes universitários de Enfermagem, seja em contexto de proteção ou de vulnerabilidade, resultam em crescimento pessoal e social.

Nesse contexto, o estudo mostra que a elaboração de vivências universitárias ocorre de forma distinta em cada estudante, dependendo de inúmeros fatores singulares, com maior ou menor vulnerabilidade psicológica, facilidade ou dificuldade para os relacionamentos interpessoais, uso de estratégias de enfrentamento e mecanismos adaptativos⁽¹⁹⁾.

O estudante que transcendeu para uma situação de sofrimento pode produzir resiliência e evoluir para um perfil de saúde, de qualidade de vida. Com base na ontologia de Merleau-Ponty, compreendemos que sofrimento produzido e vivido no período coincidente de imersão do estudante na universidade passa a ser um horizonte de passado, que o corpo, como

potência, tornou possível a experiência do “*eu posso*”, pela capacidade de tornar-se um *outro eu mesmo* mediante a *temporalidade*⁽¹⁰⁾.

O modo como cada ser humano conseguirá lidar com as demandas acadêmicas, se transcende para o aniquilamento, o adoecimento, ou para o crescimento intelectual e pessoal, isso dependerá de seu universo socioantropológico. A literatura aponta, por exemplo, que a prática religiosa constitui fator de proteção ao sujeito, auxiliando-o no modo de lidar com o sofrimento, assim como os vínculos interpessoais podem exercer forte influência no comportamento da pessoa, como nos casos de ideação suicida⁽⁷⁾. Ademais, existe maior correlação entre a prevalência de depressão em estudantes e relacionamentos insatisfatórios com familiares, amigos, colegas e docentes⁽¹³⁾.

O período universitário possui uma importância significativa na vida do adolescente/jovem adulto, pois é marcado por muitas experiências novas, desafios e eventos de vida. Durante esse período de transição, os estudantes adquirem mais independência e liberdade, experimentam mudanças nos sistemas sociais, adquirem relevantes habilidades para a vida, além do diploma, que lhe possibilita um futuro melhor⁽²⁰⁾.

Assim, apesar das descrições vivenciais desvelarem sofrimento, o mundo universitário também é marcado por crescimento, na perspectiva da formação tanto profissional quanto humana. Além do desenvolvimento intelectual e aquisição de uma bagagem de conhecimentos, o sujeito também desenvolve habilidades para relações interpessoais, para comunicação, adquire liberdade, autonomia, independência e senso de responsabilidade.

Contudo, o jovem estudante, visto como um ser em transição, passando por um processo de preparação para a vida adulta, vive conflitos de insegurança e dificuldade para tomada de decisões. Com estruturas sociais cada vez mais instáveis, esse jovem pode se manter em permanente tensão entre o presente e o futuro. Ao mesmo tempo em que possui desejo de independência, tem dificuldade de se libertar dos vínculos de dependência, pelo medo de enfrentar a vida adulta.

Essa ambiguidade se mostra nas descrições dos participantes de nosso estudo quando referem a universidade como espaço de segurança social, de proteção, mas, também, de insegurança, pois sentem medo e preocupação quanto aos possíveis desafios que enfrentarão para se inserirem no mercado de trabalho após a conclusão do Curso. Esses estudantes desvelam um não saber de si pelo movimento de transcendência das experiências perceptivas.

Diante das descrições nas quais os estudantes de Enfermagem revelam queixas de sofrimento, que atribuem à inserção no contexto universitário, independente se os argumentos constituem ou não uma visão objetivista, no sentido em que culpabilizam a instituição como

geradora de fatores que os adoecem, percebemos a necessidade de a universidade envidar esforços no sentido de planejar e implementar estratégias de cuidado, tanto de promoção da saúde, quanto de intervenção para o manejo do sofrimento no meio acadêmico, visando ao bem-estar dos estudantes dentro e fora do ambiente universitário.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O olhar figura-fundo, próprio da ontologia de Merleau-Ponty, possibilitou-nos compreender como os estudantes de Graduação em Enfermagem significam o contexto universitário. Percebemos nas descrições que eles veem a universidade como um *em si*, como vilã responsável pelo sofrimento que vivenciam na trajetória acadêmica. Reproduzem o discurso objetivista de culpabilização da universidade, vendo-a como quem está de fora, e não como quem a vive de fato; focam o olhar em um perfil e vela a totalidade de onde ele emerge.

O estudo mostra que as demandas universitárias exigem mudanças nas rotinas de vida dos estudantes, que, somadas à singularidade de cada um e aos aspectos sociofamiliares e culturais, podem afetar a saúde mental deles. Entretanto, a inserção no meio acadêmico e o compartilhamento de vivências que os levam a vê-la como vilã fazem com que projetem nela todas as angústias e sofrimentos produzidos por outras vivências.

Nesse sentido, os estudantes relataram que, desde os primeiros semestres do curso, são afetados em sua saúde de forma integral, envolvendo as dimensões física, social, emocional e cultural. Destacaram, também, que o modo como o sofrimento acontece na vida de cada um, bem como a forma como eles conseguem lidar com isso, dependem de seu universo socioantropológico. Assim, não se pode estabelecer relação de causa e efeito, devido à complexidade que envolve as situações de sofrimento.

Com base no pensamento merleau-pontyano, compreendemos que as ambiguidades vivenciadas pelos estudantes no contexto universitário ocorrem no entrelaçamento constante do sentir e do pensar. Ao mesmo tempo em que a universidade é apontada como geradora de sofrimento, ela é vista, também, como capaz de proporcionar crescimento intelectual, sociocultural, afetivo e político. Portanto, independente das circunstâncias vividas, seja de sofrimento ou de satisfação e prazer, o estudante sempre poderá ressignificar sua vida e tornar-se um *outro eu mesmo*.

Acreditamos que o estudo poderá contribuir para que se possa ter um olhar diferenciado aos estudantes universitários, sobretudo os do curso de graduação em Enfermagem, devido à sua especificidade, que envolve a vida do estudante nos aspectos

físico, psicológico, sociofamiliar e cultural. Para tanto, é necessário que o corpo docente reflita sobre o modo de estimular e produzir conhecimento, buscando a construção de relações saudáveis com os estudantes e a promoção da saúde mental. Esperamos, também, que o estudo possa mobilizar atores sociais e políticos a envidar esforços que visem a amparar as demandas de saúde mental da comunidade acadêmica, inclusive com formulação e implementação de políticas de cuidado em saúde mental e redução do sofrimento.

Apontamos, como limitações do estudo o fato de não termos uma rede de apoio à saúde mental consolidada e com disponibilidade na universidade, para que seja possível fazer encaminhamentos de algumas necessidades desveladas a partir das rodas de TC. Ademais, devido à realização de rodas temáticas, voltadas para o alcance do objetivo do estudo, possivelmente, muitas outras demandas ficaram suprimidas. Assim, entendemos que há muito que desvelar do vivido no mundo universitário.

REFERÊNCIAS

1. Borine RCC, Wanderley KS, Bassitt DP. Relação entre a Qualidade de Vida e o estresse em acadêmicos da área da saúde. *Estudos Interdisciplinares em Psicologia*. 2015 [citado 2019 jul 17]; 6(1): 100-18. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/eip/v6n1/a08.pdf>.
2. Ariño DO, Bardagi MP. Relação entre Fatores Acadêmicos e a Saúde Mental de Estudantes Universitários. *Psicol. Pesqui.* 2018 [citado 2019 jul 17]; 12(3): 44-52. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/psicologiaempesquisa/article/view/23791>.
3. Rodrigues EOL, Marques DM, Lopes Neto D, Montesinos MJL, Oliveira ASA. Stressful situations and factors in students of nursing in clinical practice. *Invest Educ Enferm*. 2016 [citado 2019 jul 17]; 34(1): 211-20. Disponível em: <http://aprendeenlinea.udea.edu.co/revistas/index.php/iee/article/view/26011/20779360>.
4. Sanches GF, Vale BC, Pereira SS, Almeida CC, Preto VA, Sailer GC. Síndrome de Burnout entre concluintes de graduação em enfermagem. *Rev enferm UFPE on line* 2017 [citado 2019 jul 20]; 11(1):31-9. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/view/11875/14327>
5. Sevalho G. O conceito de vulnerabilidade e a educação em saúde fundamentada em Paulo Freire. *Interface: comunicação, saúde, educação* 2018 [citado 2019 jul 18]; 22(64):177-88. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/icse/2017nahead/1807-5762-icse-1807-576220160822.pdf>.
6. Padovani RC. Vulnerabilidade e bem-estar psicológicos do estudante universitário. *Rev. bras. ter. cogn.* 2014 [citado 2019 jul 18]; 10(1): 02-10. Disponível em: http://www.rbtc.org.br/detalhe_artigo.asp?id=188.

7. Santos HGB, Marcon SR, Espinosa MM, Baptista MN, Paulo PMC. Fatores associados à presença de ideação suicida entre universitários. *Rev. Latino-Am. Enfermagem*. 2017 [citado 2019 out 14]; 25(e2878): 1-8. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/rlae/v25/pt_0104-1169-rlae-25-e2878.pdf
8. Dutra E. Suicídio de universitários: o vazio existencial de jovens na contemporaneidade. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*. 2012 [citado 2019 out 14]; 12(3): 924-37, 2012. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812012000300013
9. Veloso LUP, Lima CLS, Sales JCS, Monteiro CFS, Gonçalves AMS, Silva Júnior FJG. Ideação suicida em universitários da área da saúde: prevalência e fatores associados. *Rev Gaúcha Enferm*. 2019 [citado 2019 out 07]; v.40: e20180144. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/RevistaGauchadeEnfermagem/article/view/96030/54002>.
10. Merleau-Ponty M. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes; 2015.
11. Merleau-Ponty M. *O visível e o invisível*. São Paulo: Perspectiva; 2014.
12. Sena ELS. A experiência do outro nas relações de cuidado: uma visão merleau-pontyana sobre as vivências de familiares cuidadores de pessoas com doença de Alzheimer [tese]. Florianópolis (SC): Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Doutorado em Enfermagem, Universidade Federal de Santa Catarina; 2006.
13. Leão AM, Gomes IP, Ferreira MJM, Cavalcanti LPG. Prevalência e Fatores Associados à Depressão e Ansiedade entre Estudantes Universitários da Área da Saúde de um Grande Centro Urbano do Nordeste do Brasil. *Revista Brasileira de Educação Médica*. 2018 [citado 2019 out 10]; 42(4):55-65. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbem/v42n4/1981-5271-rbem-42-4-0055.pdf>
14. Labrague LJ, MCenroe-Petitte DM, Amri MA, Fronda DC, Obeidat AA. An integrative review on coping skills in nursing students: implications for policymaking. *International Nursing Review*. 2018 [citado 2020 jan 20]; 65, Ed 2: 279-91. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/inr.12393>.
15. Silva RM, Costa ALS, Mussi FC, Lopes VC, Batista KM, Santos OP. Alterações de saúde em estudantes de enfermagem um ano depois do ingresso no curso de graduação. *Rev Esc Enferm USP*. 2019; 53: e03450. doi: <https://doi.org/10.1590/s1980-220x2018008103450>.
16. Restelatto MTR, Dallacosta FM. Vivências do acadêmico de enfermagem durante o estágio com supervisão indireta. *Enferm. Foco*. 2018 [citado 2019 jul 17]; 9(4): 34-8. Disponível em: <http://revista.cofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/1156/474>
17. Castro VR. Reflexões sobre a saúde mental do estudante universitário: estudo empírico com estudantes de uma instituição pública de ensino superior. *Revista Gestão em Foco*. 2017 [citado 2019 nov 11] Ed nº 9: 380-401. Disponível em: http://portal.unisepe.com.br/unifia/wp-content/uploads/sites/10001/2018/06/043_saude_mental.pdf

18. Macêdo S. Sofrimento Psíquico e Cuidado com Universitários: reflexões e intervenções fenomenológicas. ECOS. 2018 [citado 2019 nov 11]; 8(2): 265-77. Disponível em: <http://www.periodicoshumanas.uff.br/ecos/article/view/2844/1566>. Acesso em: 11/11/2019.
19. Nogueira-Martins LA, Nogueira-Martins MCF. Saúde Mental e Qualidade de Vida de estudantes universitários. Rev Psi Divers Saúde. 2018 [citado 2019 nov 16]; 7(3): 334-7. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/327594756_Saude_mental_e_qualidade_de_vida_d_e_estudantes_universitarios
20. Stoliker B, Lafreniere K. The Influence of Perceived Stress, Loneliness, and Learning Burnout on University Students' Educational Experience. College student journal. 2015 [citado 2019 out 14]; v.49(1):146-59. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/282817514_The_Influence_of_Perceived_Stress_Loneliness_and_Learning_Burnout_on_University_Students'_Educational_Experience.

5.2 SEGUNDO MANUSCRITO: VIVÊNCIA AMBÍGUA DO ESTUDANTE DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM AO DISTANCIAR-SE DA FAMÍLIA

Este manuscrito será submetido à *Texto & Contexto Enfermagem* (Qualis A2) e foi elaborado e adequado conforme as normas e instruções para autores, consultadas em janeiro de 2019, disponíveis no link:

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/textoecontexto/about/submissions#authorGuidelines>.

**VIVÊNCIA AMBÍGUA DO ESTUDANTE DO CURSO DE
GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM AO DISTANCIAR-SE
DA FAMÍLIA**

Luma Costa Pereira Peixoto¹

<https://orcid.org/0000-0002-6366-0212>

Edite Lago da Silva Sena¹

<https://orcid.org/0000-0002-1236-8799>

¹ Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-graduação em Enfermagem e Saúde. Jequié, Bahia, Brasil.

VIVÊNCIA AMBÍGUA DO ESTUDANTE DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM AO DISTANCIAR-SE DA FAMÍLIA

RESUMO

Objetivo: compreender como os estudantes do Curso de Graduação em Enfermagem lidam com o distanciamento da família decorrente do ingresso na vida universitária.

Método: estudo fenomenológico, qualitativo, fundamentado na abordagem de Maurice Merleau-Ponty, desenvolvido com 41 estudantes matriculados no Curso de Graduação em Enfermagem de uma universidade pública, localizada em um município do interior da Bahia, Brasil. As descrições vivenciais foram produzidas na universidade, no período de fevereiro a abril de 2019, por meio de rodas de Terapia Comunitária tipo temática. Após, as descrições foram submetidas à técnica *Análítica da Ambiguidade*. Os aspectos éticos e científicos foram respeitados com base na Resolução 466/2012.

Resultados: desvelaram-se três categorias: a coexistência entre o estudante e sua família produz sofrimento na distância, a ambiguidade dos estudantes em relação à família, o estudante e a experiência do “eu posso” com o distanciamento da família. Os estudantes sofrem com o afastamento da família, com a falta de afeto e com a necessidade de tomada de decisões. Além disso, vivem uma ambiguidade entre o sentir e o pensar, pois querem viver a liberdade, mas preocupam-se com o mundo social. Contudo, tanto a experiência de sofrimento, quanto a de libertação, abrem possibilidades de transcendência a partir da capacidade de resiliência do estudante.

Conclusão: o estudante revela a condição de sofrimento por se distanciar da família, mas, ao mesmo tempo, expressa o desejo de liberdade. Essa vivência ambígua o faz ressignificar a relação de afastamento e reconhecer o crescimento pessoal.

DESCRITORES: Estudantes de Enfermagem. Família. Relações familiares. Saúde mental. Universidades. Pesquisa qualitativa.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Ainda que a estrutura familiar venha passando por diversas alterações em sua constituição, com a formação dos modelos de família que se tem hoje, a família continua e continuará sendo uma instituição cuidadora de seus membros, um “lugar” de socialização, de educação, em que se aprende valores éticos, morais e humanos, afetos, convivência, e onde se constroem os valores culturais.

A família, além de funcionar como mediadora entre o sujeito e a sociedade, constitui um dos principais pontos de cuidado da vida psíquica das pessoas, sendo base para a construção de um modelo relacional que permite criar outras relações, desde as laborais, as de amizade, as de parentesco, até a construção de uma nova família.¹

Entretanto, apesar de a instituição familiar poder transmitir práticas de cuidado e responsabilidade, ela também pode proporcionar carência e vulnerabilidade. Assim como pode ser protetora, também pode produzir dano.² Desse modo, acreditamos que a família tanto é capaz de contribuir para a prevenção de sofrimento, quanto pode promovê-lo.

E, pensando no contexto do estudante universitário, é necessário refletirmos sobre a *coexistência* dele com a família, a experiência do ser sensível e seus afetamentos, que pode ser, tanto experiências prazerosas e de satisfação, como de desprazer e insatisfação. Sendo assim, na complexa rede de fatores que envolve o estudante, a família também pode ser um fator incentivador e/ou desmotivador, tanto para a decisão de ingressar na universidade, quanto para a decisão de se manter nela, e para lidar com as diversas situações vivenciadas na universidade.

Refletindo, à luz da fenomenologia, e pensando na família como uma instituição de cuidado, entendemos que o cuidado acontece na relação, “como um movimento ambíguo que envolve a transcendência do contínuo cuidado-descuido-cuidado, e que ocorre por meio do entrelaçamento do irrefletido (descuido) com o refletido (cuidado), que aparece na intersubjetividade”.^{3:3}

Iniciar uma trajetória acadêmica exige do estudante maior dedicação de seu tempo às atividades universitárias, com ocupação de maior parte do dia, sobretudo nos cursos da área da saúde, que, em sua maioria, como o curso de graduação em Enfermagem, são diurnos. Portanto, inevitavelmente acontece o afastamento do meio familiar, seja devido à mudança do município de residência para morar na cidade em que o curso de graduação é ofertado, seja durante quase todo o dia, devido às demandas inerentes à vida acadêmica.

Assim, o contexto universitário pode ser encarado como estressor para os que dele fazem parte, envolvendo aspectos relacionados à adaptação social, psicológica e emocional diante das mudanças na rotina de vida e dos desafios vivenciados. Os fatores estressores que podem predispor a ocorrência de sofrimento mental incluem: confrontos e rupturas pessoais, mudança no papel social, residência, distância de familiares e amigos, não familiarização com o ambiente universitário, problemas socioeconômicos, obrigações acadêmicas e, até relações interpessoais hostis.⁴⁻⁵

O estresse relacionado às experiências acadêmicas que os estudantes de Enfermagem podem experimentar pode ter efeitos deletérios em seu bem-estar, tanto físico quanto emocional, colocando em perigo seu desenvolvimento acadêmico e/ou profissional. Ademais, é necessário perceber que a própria vida cotidiana já propicia uma série de situações geradoras de estresse, que vão se somando de forma silenciosa, afetando, de maneira singular, cada sujeito.⁶

O modo como os estudantes conseguem lidar com as situações geradoras de estresse está relacionado ao apoio familiar e social que eles possuem. Entretanto, o próprio contexto da vida acadêmica predispõe ao estudante um afastamento progressivo da família, interferindo, portanto, na relação familiar. Além disso, sabemos que o estresse vivido na universidade também pode afetar a dinâmica familiar.

Contudo, há de se destacar os ganhos provenientes do afastamento do estudante de sua família, no sentido de que, ao distanciar-se do seio familiar, é preciso assumir as próprias responsabilidades, tornar-se resiliente para superar as dificuldades vividas no mundo extrafamiliar, adquirir autonomia e saber lidar com as consequências advindas de suas decisões. Nesse sentido, o estudante cresce/evolui como ser humano.

Podemos dizer que o estudante vive uma teia de afetamentos, uma vez que sua qualidade de vida e seu bem-estar não dependem apenas de suas características pessoais, mas, também, do contexto de vida familiar, da sociedade em que está inserido, da vida escolar que já teve e do mundo universitário que está vivenciando.

Desse modo, partindo da tese de que o afastamento da família gera sofrimento, e pensando no contexto de vida do universitário e sua relação familiar, ocorreu-nos delinear como questão de pesquisa: como os estudantes do Curso de Graduação em Enfermagem lidam com o distanciamento da família decorrente do ingresso na vida universitária? Na perspectiva de responder à pergunta, definimos como objetivo compreender como os estudantes do Curso de Graduação em Enfermagem lidam com o distanciamento da família decorrente do ingresso na vida universitária.

MÉTODO

Trata-se de estudo qualitativo, que teve como sustentação teórica a fenomenologia de Maurice Merleau-Ponty, acerca da percepção humana. Essa percepção é ambígua, pois está relacionada à vivência do *corpo próprio*, do “*si mesmo*”, de como o mundo se revela para mim, e da vivência diante do julgamento social, o “*para si*”.⁷ Uma ambiguidade que se revela pelo duplo aspecto da existência corporal. Assim, o *corpo* não é objeto, nem

tampouco a consciência é pensamento. O que se apresenta é sempre outra coisa além do que é, sem fechamento, pois a existência vem do nascer do mundo e nascer no mundo.⁸

O estudo foi desenvolvido em uma universidade pública do Estado da Bahia, no Curso de Graduação em Enfermagem, o qual oferece 40 novas vagas semestralmente, com uma carga horária de 4.160 horas distribuídas entre disciplinas obrigatórias, optativas, aulas práticas, estágios, além das atividades complementares, que devem ser cumpridas em dez semestres, podendo cursar até o limite máximo de quinze semestres.

Participaram do estudo 41 estudantes que obedeceram ao único critério de inclusão: ser estudante matriculado regularmente no Curso de Graduação em Enfermagem. Para tanto, foram convidados a participar da pesquisa todos os estudantes que estavam cursando os 10 semestres. Utilizou-se como estratégia para convidá-los espontaneamente a visita à sala de aula de cada turma, separadamente. Não houve limite inferior ou superior para o quantitativo de participantes. Portanto, todos que desejaram participar foram incluídos.

Na ocasião da visita, explicamos sobre a pesquisa a ser desenvolvida no âmbito do curso, seu objetivo, método e como seria realizada a produção das descrições vivenciais. Em seguida, disponibilizamos uma lista para que os interessados pudessem assinar, e também foi agendado o primeiro encontro para retirar as dúvidas dos participantes quanto ao desenvolvimento da pesquisa e para a leitura e assinatura dos Termos de Consentimento Livre e Esclarecido e do Termo de Assentimento, caso o estudante fosse menor de dezoito anos. Após a obtenção das assinaturas nos documentos, estabelecemos a data da primeira roda de Terapia Comunitária (TC). A cada finalização da roda era acordado uma nova data para a subsequente.

Salientamos que o total de 41 participantes se refere ao somatório de participação nas quatro rodas de TC realizadas para a produção das descrições vivenciais. Desses, 29 tiveram participação com expressão verbal, 35 são do sexo feminino, apenas 20 escolheram Enfermagem como primeira opção profissional, 40 se dedicavam aos estudos integralmente, sem nenhuma prática de atividade laboral, e a média de idade deles foi de 22,12 anos, sendo que o de menor idade possuía 17 anos e o de maior idade, 42 anos.

Ressaltamos, aqui, como destaque da temática do estudo, que 22 estudantes relataram não residir, naquele momento, com o seu núcleo familiar, pois necessitaram mudar do município em que residiam para conseguir realizar o Curso de Enfermagem.

Como mencionado, para produzir as descrições vivenciais, realizamos quatro rodas de TC temáticas, de forma que a TC constitui um tipo de prática integrativa e complementar em saúde, na qual temos formação. A TC é um espaço de promoção de

encontros interpessoais e intercomunitários, que se propõe a cuidar da saúde comunitária, sobretudo nos espaços públicos, valorizando a prevenção do adoecimento psíquico e o saber produzido pela experiência de vida de cada um.⁹ A escolha pela roda temática ocorreu para que os temas propostos nas rodas estivessem voltados ao objetivo proposto para o estudo.

Cada roda teve duração de, aproximadamente, uma hora e meia, e a realização das quatro rodas aconteceu no período de fevereiro a abril de 2019, com base nas seguintes temáticas: “o que no cotidiano da universidade tem me feito sentir ser casulo, e o que eu tenho feito ou devo fazer para me tornar borboleta?”; “‘Uma ostra que não foi ferida, não produz pérola’, então o que eu considero que no contexto universitário está me ajudando a ser transformado em pérola e quais as feridas eu considero desnecessárias para essa transformação?”; “Quais são as grades da minha gaiola e quais as chaves que eu posso ter para voar?”; “O que na família me faz continuar no casulo, e o que nessa relação me ajuda a me transformar em uma borboleta?”.

Os áudios das quatro rodas de TC temáticas foram gravados na íntegra por meio de aparelhos gravadores digitais, para, em seguida, procedermos com a transcrição de todo o material e realizarmos o processo de compreensão, que ocorreu mediante a aplicação da técnica *Análítica da Ambiguidade*. Essa técnica consiste nas etapas seguintes: organização dos textos (descrições vivenciais produzidas com os participantes) resultantes das transcrições, realização de leituras minuciosas e exaustivas das descrições, realização da leitura livre, de modo que os fenômenos se mostrem em si mesmos, mediante o entrelaçamento do pesquisador com o texto, e objetivação de categorias empíricas, considerando as ambiguidades inerentes à experiência perceptiva.¹⁰

O estudo se encontra em consonância com as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Desse modo, o desenvolvimento da pesquisa ocorreu somente após a Aprovação do projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia.

Em respeito à autonomia dos participantes, apenas iniciamos a produção das descrições vivenciais após a assinatura de todos no TCLE, para os estudantes maiores de dezoito anos e responsáveis legais pelos menores; e no TA para o estudante menor de dezoito anos. Para preservar o anonimato, solicitamos a cada um dos estudantes, participantes do estudo, que escolhesse um nome próprio fictício, com o qual seria identificado em suas descrições vivencias.

RESULTADOS

Buscamos aqui desvelar os fenômenos tais como eles são em si mesmos, como uma figura sobre um fundo, que possui vários perfis, e que por isso, nunca conseguiremos chegar a sua essência. Nas descrições vivenciais dos estudantes, é possível perceber a manifestação dos fenômenos, entendidos como perfis, que arrastam consigo um hábito, ou seja, uma história (intuitiva e social) vinculada a um *corpo* que emerge do mundo da vida (temporalidade).⁸ Ademais, também partimos da compreensão de que a percepção é ambígua, pois opera no entrelaçamento da dimensão sensível com a reflexiva, por meio da intersubjetividade.¹¹

Nesse estudo, a partir da análise das descrições vivenciais e fundamentados na fenomenologia merleau-pontyana, apresentamos as categorias: a coexistência entre o estudante e sua família produz sofrimento na distância; ambiguidade dos estudantes em relação à família; e, o estudante e a experiência do “eu posso” com o distanciamento da família.

A coexistência entre o estudante e sua família produz sofrimento na distância

A *coexistência* (existir com) dos estudantes com suas famílias, refere-se aos sentimentos emergentes da intersubjetividade e entrelaçamento deles, por meio dos quais podem compartilhar algo que é próprio da espécie - a humanidade, mas, também, a singularidade que caracteriza a vivência interpessoal de cada estudante com sua família. Nas descrições vivenciais dos participantes, percebemos a *coexistência* se desvelar por meio de sentimentos, tanto de afeto, amor, prazer, satisfação e gozo, como de raiva, descontentamento, desprazer, repulsa, insatisfação, sofrimento, entre outros, inclusive sentimentos ambíguos.

Acerca desse compartilhamento coexistencial, Merleau-Ponty¹² descreve que se trata de uma *universalidade do sentir*, uma vez que os envolvidos na intersubjetividade vivenciam os mesmos sentimentos. Por isso, ele refere ao entrelaçamento, no qual não é possível identificar o que é de um, nem o que é do outro na relação. Assim, um para o outro são como colaboradores em uma reciprocidade perfeita, uma vez que coexistem em um mesmo mundo.

A afetividade acontece na relação com pessoas que têm maior significado em nossas vidas, os familiares. A afetividade dispensada pela família é singular, independentemente de quão importantes sejam os outros tipos de relacionamento. Portanto, é de importância fundamental a construção de outras relações interpessoais para o desenvolvimento humano, seja no aspecto emocional, intelectual e social.

Quando o estudante sofre algum tipo de interferência no vínculo familiar, como, por exemplo, quando precisa deixar a família para estudar em outro lugar, pode afetar sua saúde, especialmente, a saúde mental. O fenômeno ocorre mais ainda com aqueles que estão atravessando a fase da adolescência ou iniciando a vida adulta, que são a maioria. E a universidade, devido às inúmeras demandas destinadas ao estudante, contribui para esse afastamento da família.

Eu já percebi que, em diversos momentos, quando vi que eu não estava me concentrando, que estava muito estressado, muito irritado, era devido à falta da família. Porque, por mais que eu tenha um suporte de amigos aqui, um suporte muito bom, família é família. Então, você sente saudade, e isso acaba dificultando muito sua vida (Felipe).

Família para mim em primeiro lugar e em qualquer circunstância, eu não vou colocar a universidade na frente da minha família, nunca! [...] O que mais me abalou durante o curso todo foram situações familiares, quando no terceiro semestre meu avô faleceu e agora o adoecimento da minha mãe. A questão família pesa muito (Joaquim).

Eu gostava de todo domingo sair com meu pai, porque meus pais são separados, então, eu saía com meu pai, a gente jogava bola, passávamos o dia juntos, e depois da universidade não consigo mais fazer isso. Depois que eu entrei, quase não vejo meu pai. Já passei quase um mês sem ver meu pai. Isso para mim é horrível (Igor).

Minha mãe é muito apegada a mim, e eu tenho a rotina de vir para a universidade e ficar o dia todo. Além disso, sou bolsista, e tenho que dar mais um turno à noite, então, chego em casa dez horas da noite. Eu moro com meu pai e minha mãe, mas às vezes, nem consigo vê-los. Então, ela compensa todo aquele amor, todo aquele carinho no momento em que me acha disponível. E, às vezes, é aquele momento que você está estressada, que não quer ver ninguém, não quer falar com ninguém, e aí, às vezes, eu me sinto um pouco ríspida, um pouco dura com minha mãe por isso. Acho que a universidade me tirou mais esse contato, esse carinho com minha mãe (Joana).

Percebemos, nas descrições vivenciais dos estudantes, a falta que eles sentem com o distanciamento dos familiares advindo da necessidade de dedicação à universidade, além do quanto são afetados por isso. Além disso, como as relações familiares interferem em suas vidas, em função do valor que atribuem aos vínculos familiares.

Ambiguidade dos estudantes em relação à família

Nesta categoria, apresentamos algumas descrições vivenciais dos estudantes do Curso de Graduação em Enfermagem que desvelaram a ambiguidade existente entre o

‘*ser sensível*’ e o ‘*ser reflexivo*’; o dilema vivido entre o *sentir* e o *pensar*. Por um lado, o desejo de satisfazer os seus sentimentos, e por outro, a preocupação com o mundo social, com o olhar do outro, com o que sou para os outros.

Eu sou de outra cidade, então eu pegava ônibus todos os dias para vir para a universidade e para voltar para casa, daí, para não ficar pegando a estrada, não correr risco, eu vim morar aqui (cidade onde estuda). Foi um momento difícil, porque eu e minha família, a gente fez a mudança em um dia, e no outro dia eles foram embora; e aí, eu olhei para os quatro cantos e não tinha ninguém, e aquilo começou a me apavorar [...]; é difícil quando você está sentindo que não está indo bem no semestre, na disciplina, e não poder contar para ninguém, porque até hoje minha mãe não sabe que eu fiz uma prova final. Eu não tenho coragem de falar para ela que eu não estou indo bem, que não estou conseguindo, porque vai todo mundo perguntar o porquê, e eu não sei explicar (Marta).

O entendimento que muitos familiares possuem em relação ao contexto universitário, por vezes, provoca sofrimento nos estudantes, principalmente para aqueles que estão mais distantes fisicamente, pois quando o estudante deseja externar o que está passando, sentindo, as dificuldades enfrentadas, precisando de uma palavra de apoio e conforto, muitas vezes ele se cala, porque sabe que seus familiares não reconhecem que ali há sofrimento.

Quando eu cheguei aqui na universidade eu tinha 17 anos de idade, e vim morar sozinha, foi muito difícil para mim. Eu tinha medo de dizer que estava ruim e me levarem de volta para minha cidade, porque eu sempre quis entrar nessa universidade. Quando criei coragem de dizer que aqui tinha assalto, que era perigoso, desabei chorando no chuveiro de casa falando para minha mãe. Aí ela falou: “mas lá você só estuda”! Então, não adiantou eu tomar coragem e falar, porque ela estava achando que minha realidade estava ótima, eu estava sendo sustentada, ela estava pagando um apartamento para mim, eu ia de ônibus para a universidade, só estudava, então não tinha motivos para sofrer. Às vezes, a pessoa não entende que a gente sofre aqui (Ellora).

Fica clara a preocupação da estudante com o social, o conflito entre *sentir* e *pensar*. Por um lado, o desejo de permanecer na universidade, embora morando longe de seus pais, mesmo com todas as dificuldades vivenciadas. Por outro lado, a exigência sociofamiliar que, por conseguinte, gera a necessidade de dar satisfações, de se mostrar forte e de não poder desistir.

Ademais, os estudantes desvelam uma vida familiar de opressão, controle, falta de diálogo, dominação, muitas vezes acatada por eles como forma de respeito e obediência aos mais velhos. Porém, a aceitação social desse papel de submissão carrega consigo

um sofrimento por velar os seus próprios desejos. Dessa forma, percebemos, também, uma ambiguidade no cuidado dos familiares com os estudantes, embora, na tentativa de cuidar, ocorre o descuido. Eles cuidam descuidando e descuidam cuidando.

Minha grade é minha família, mais especificamente minha tia. Eu fui criada por ela, e ela é muito controladora. Eu acho que tenho que fazer as coisas do jeito que ela quer, porque se eu não fizer, estou sendo ingrata; porque ela me criou e eu tenho essa obrigação na minha cabeça. Mas estou tentando mudar, porque eu deixo de fazer o que quero para fazer o que ela quer, e isso me causa muito mal (Júbila).

Essa descrição também desvela a ambiguidade *sentir* e *pensar*. A estudante sente que deve satisfazer a sua dimensão sensível, fazer o que o sentimento pede (ser livre), mas, ao mesmo tempo, ela reflete que deve satisfazer e obedecer a sua tia, uma vez que foi criada por ela. Desse modo, há um conflito entre o *sentir* e o *pensar*. Esse pensar, que está relacionado ao mundo social, ao que o outro exige de mim, à preocupação com o juízo de valor, produz culpa e, por conseguinte, sofrimento.

Minha avó me criou desde pequena, e ela se sente na obrigação de estar constantemente me controlando, e se eu quiser sair com meus amigos ela me proíbe, ela não me deixa sair para lugar algum, e desde pequena eu vivi assim. Eu cresci em um meio com falta de diálogo, ninguém conversa com ninguém. Gritaria, brigas... já passei por situações nada legais! E toda vez quando eu lembro, começo a chorar (Luz).

Eu sou a caçula, e minha mãe coloca todas as expectativas dela em mim. Ela me cobra muito, me controla demais, até a hora que eu vou dormir, a hora que eu vou para o banho, a hora que eu como, tudo ela quer me controlar. E eu comecei a me sentir muito sufocada com isso. Então, há pouco tempo eu comecei a enfrentá-la mais, mas me sinto um pouco culpada com isso, porque é como se eu estivesse frustrando ela. Eu queria fazer a vontade dela, mas tenho a minha vontade, tenho as minhas expectativas de vida. Isso acaba sendo uma confusão na minha mente (Lia).

Essa criação materna baseada na superproteção, mesmo que irrefletidamente, pode repercutir de forma negativa na vida adulta, quando os filhos já não estão sob os cuidados de alguém e necessitam assumir as suas próprias responsabilidades, cuidado de si. Essa realidade resulta em incapacidade de elaborar frustrações e de enfrentar dificuldades, bem como na interrupção da vivência “eu posso”.

O estudante e a experiência do “eu posso” com o distanciamento da família

Tanto a vivência de sofrimento quanto a de liberdade abrem possibilidade para a experiência do “eu posso”. A depender dos relacionamentos que os estudantes tinham

com os familiares de origem antes de se distanciarem em função da universidade, com a falta da família, eles podem vivenciar tanto o sofrimento quanto a experiência de liberdade e crescimento, e, em ambas situações, eles vivenciam a experiência do outro, tornando-se um *outro eu mesmo*, por meio da temporalidade. O “*eu posso*” se refere à capacidade, à potência de todo ser humano que o faz transcender, tornar-se outro por meio da intercorporalidade.⁸

Para mim, um sofrimento que foi necessário, que trouxe muitos benefícios, foi ser colocado fora daquele mundo que eu estava vivendo, fora de casa. Você aprende a se descobrir, saber quem é você, na verdade. Você é só aquele filho, aquele neto; tem muito do seu valor, a sua imagem, a sua família; quando você sai, você se coloca para o mundo, se descobre, descobre a sua independência, o que você gosta, o que você pode fazer, o seu alcance, todas as suas capacidades fora daquele contexto (Felipe).

Uma das minhas grades é a minha mãe, eu sou a filha mais velha de mãe solteira, ela sempre me prendeu muito, sempre foi muito controladora, então eu me sentia em uma gaiola por causa dela. Uma coisa que eu fiz para mudar foi ter vindo para cá (cidade onde cursa Enfermagem), eu acabei tendo mais liberdade. Justamente por ter saído de lá e viver outra realidade aqui. Hoje eu não faço tudo que me mandam, eu bato de frente em algumas questões que eu não concordo [...] me sinto melhor assim (Sofia).

Quando eu entrei aqui na faculdade eu percebi que, ao mesmo tempo que a faculdade poderia ser uma gaiola, também seria a minha chave. Porque a dependência toda que eu tinha das opiniões da minha família, de decidirem tudo por mim, da minha imaturidade, quando eu vim para cá amadureci 50 anos do que eu era (Marta).

Essa última descrição nos revela a capacidade de transcendência do corpo, o “*eu posso*” acontecendo à vida da estudante, motivada pela vivência da universidade e pela resiliência, quando ocorreu a necessidade de sair do berço familiar para morar sozinha, fazendo a estudante despertar-se para o exercício da cidadania, tornar-se empoderada, adquirindo mais autonomia, liberdade, amadurecimento, passando a se expressar conforme seus desejos e se defender, vivenciando a experiência do “*eu posso*”. Ademais, percebemos que a vivência de separação do estudante de sua família envolve dois polos: sofrimento e saúde.

Eu fui criada em uma família muito boa, tive uma vida muito boa, mas aqui eu não ia ter ninguém para me ajudar, então, me senti sozinha, porque era um espaço diferente, que eu nunca tinha vivenciado, que você tem que fazer as coisas por você, pensar por você, tomar as suas próprias decisões, mas acho isso importante (Samanta).

Eu não tenho familiar aqui, então eu teria que morar sozinha. O meu pai queria vir de Salvador para morar comigo, então foi uma luta, porque morar com ele, para mim, seria pior do que morar sozinha. Meu pai é separado da minha mãe desde que eu tinha quatro anos de idade, e a gente tem personalidades muito diferentes (Sofia).

A entrada na universidade desperta no estudante o desejo de independência. Mesmo com a possibilidade de vivenciar dificuldades com a mudança da cidade de origem para passar a viver sozinha, escolhe-se essa alternativa, como tentativa de mostrar para si e para outrem a sua capacidade de ser no mundo, seu poder de transcendência, de tornar-se um “*outro eu mesmo*”.

DISCUSSÃO

O estudante que adentra ao contexto universitário vivencia alguma semelhança com o que acontece com um recém-nascido, enfrenta um mundo desconhecido, novo e ameaçador. Logo, ele necessita ser amparado para lidar com as mudanças e desafios vindouros, para que consiga superar esse momento inicial e seguir em frente. Além disso, ele também precisará que o ambiente acadêmico seja acolhedor, para auxiliá-lo no processo de adaptação, no desenvolvimento do aprendizado e da construção do conhecimento científico.¹³

Esse apoio e amparo ocorrem, sobretudo, por parte dos familiares, que são a base de cuidado e afeto de seus entes. A família é a principal categoria de apoiadores dos estudantes de Enfermagem,¹⁴ bem como aspectos familiares como relacionamento, apoio, características do grupo familiar, ambiente familiar, disponibilidade de recursos e outros, são fatores que mais influenciam a deserção do estudante em relação ao curso.¹⁵

Entretanto, para ter a oportunidade de realizar o Curso de Graduação em Enfermagem, muitos estudantes necessitam se afastar do núcleo familiar e, além disso, a própria rotina da vida universitária provoca esse afastamento. Surgem aí algumas faltas como a de afeto, de proteção, de compartilhamento do tempo de vida. E, com isso, se faz ver a *coexistência*, pois essas faltas também são sentidas pela família. Sofre o estudante e sofre a família. A *coexistência* é vivida por ambos.

Refletindo sobre as descrições vivenciais, percebemos que a *coexistência* impõe uma necessidade de estar junto com a família e também implica em um sofrimento quando esses estudantes se afastam de seus familiares. Esse afastamento acontece para atender ao ser reflexivo e às exigências sociais, que, nesse caso, é o desenvolvimento das atividades acadêmicas em busca de uma formação profissional. Entretanto, apesar de ocorrer sofrimento com o afastamento familiar, os estudantes conseguem vivenciar a

experiência de transcendência ou do “*eu posso*”, ao se perceberem responsáveis por si mesmos, como discutiremos mais adiante.

Sobre a *coexistência*, Merleau-Ponty aborda que “é justamente meu corpo que percebe o corpo de outrem, e ele encontra ali como que um prolongamento miraculoso de suas próprias intenções, uma maneira familiar de tratar o mundo; doravante, como as partes de meu corpo em conjunto formam um sistema, o corpo de outrem e o meu são um único todo, o verso e o reverso de um único fenômeno”.^{8:474} Assim, quando existe uma comunicação entre os corpos, eles vivenciam o que o autor chama de intermundo. Entretanto, com o afastamento da família e a dificuldade enfrentada pelo estudante para conciliar estudo, lazer e família devido à limitação do tempo para o cumprimento dos múltiplos papéis, pode acontecer uma ruptura nesse intermundo.

O sofrimento do estudante com o distanciamento dos pais acontece porque ele sente falta do afeto, mas, também, porque precisa desenvolver autonomia e independência. Nesse contexto se faz ver uma condição ambígua, pois, ao mesmo tempo que estar ao lado da família constitui uma experiência construtiva para o estudante, uma vez que ele pode contar com o afeto, proteção e outros benefícios, isso pode significar uma experiência negativa, quando a relação familiar é de superproteção, gerando dependência e interrupção do “*eu posso*”, devido à dificuldade que o estudante enfrenta para se emancipar da família.^{8,16}

Nos casos em que o estudante, antes de adentrar a universidade e se distanciar da família, ao invés de receber afeto vivia situação de repressão, a vivência no ambiente universitário corresponde a uma experiência de libertação. Não obstante possa sofrer ao refletir que precisa dar satisfação a família, ou ficará preso a um sentimento de culpa. Nesse caso, o sofrimento não tem a ver com o contexto acadêmico em si, mas o estudante o percebe porque a vivência na universidade possibilita a ampliação de sua visão de mundo, melhora seu funcionamento cognitivo.¹⁷

Em ambas as situações, seja ao lado da família, seja distante dela, os estudantes vivenciam ambiguidades. Tanto podem ocorrer vivências de sofrimento, como de crescimento, que podemos chamar de saúde. Alguns dos estudantes viviam o relacionamento familiar com muito afeto e cuidado, outros tinham, no seu lar, uma vida de opressão e de descuido.

Ao adentrar na universidade, esses vividos são retomados e intensificam experiências ambíguas, que envolvem o *sentir* e o *pensar*. Assim, ora desejam estar perto da família, mas têm a obrigação com o social, a universidade; ora desejam estar distantes da família, porém preocupam-se com a moralidade, que lhes obriga a serem gratos com

os que lhe criaram. De todo modo, as reações, sejam elas positivas ou negativas, sempre serão influenciadas/estimuladas pelo mundo social, pelo simples fato de existirmos, pois, mesmo antes de tomarmos consciência, o social existe surdamente e como solicitação.⁸

Salientamos que, conforme descreve Merleau-Ponty em “Fenomenologia da Percepção”, no capítulo sobre Liberdade, os motivos pelos quais o estudante escolhe estar na universidade não possuem força sozinhos, é a decisão dele que empresta força a esses motivos. Entretanto, para que haja liberdade é preciso que ele se comprometa com a sua decisão, que ela esteja comprometida com o porvir.

Para aqueles que se prendem à culpa, é preciso compreender que “uma vez outrem posto, uma vez que o olhar de outrem sobre mim, inserindo-me em seu campo, me despojou de uma parte de meu ser, compreende-se que eu só possa recuperá-la travando relações com outrem, fazendo-me reconhecer livremente”.^{8:479}

Mesmo sendo proveniente de contexto familiar favorável e afetivo, uma estudante revela que o fato de se sentir dependente da família lhe provocava limitação pessoal. Portanto, o ingresso na universidade e a saída da casa dos pais, apesar de todo sofrimento com a separação, propiciou enorme crescimento pessoal. Percebemos aí o entrelaçamento das dimensões sensível e reflexiva. De um lado, a vivência de sentimentos agradáveis e desagradáveis em um mesmo contexto, e, de outro lado, o ser reflexivo que percebe a transcendência desse corpo e a importância de ter vivido o sofrimento. Só assim, olhando para si como quem olha para outrem, o vidente passa a ser verdadeiramente visível, “pela primeira vez, me apareço até o fundo debruçado sobre mim mesmo debaixo dos meus próprios olhos”.^{11:139}

Nesse sentido, a reflexão acerca da experiência do “eu posso” merleau-pontyano pode contribuir para que os estudantes reconheçam sua potência para exercitar a resiliência, a sua capacidade de enfrentar as adversidades para conseguir superá-las e fazer delas um aprendizado. Em outras palavras, essa capacidade de resiliência é a potência do corpo de tornar-se outro, de vivenciar o “eu posso”. Nas descrições dos participantes de nosso estudo percebemos expressões de satisfação e de conquista da maturidade, resultantes dos enfrentamentos das dificuldades com o distanciar-se da família para a vivência da universidade.

Vale destacar que a própria capacidade de resiliência do ser humano está relacionada ao afeto e ao apoio familiar vividos desde a infância.¹⁸ Entretanto, a superproteção que tem acontecido em algumas relações entre pais e filhos, tentando, a todo momento, evitar que as crianças sofram ou se sintam tristes, pode fazer com que, no

futuro, essas crianças se tornem adolescentes e adultas sem saber lidar com frustrações, de forma que sofrerão mais ainda por possuírem um baixo nível de resiliência.

Não significa dizer que as pessoas com maior nível de resiliência não passem por experiências de sofrimento, ou não sejam vulneráveis a frustrações, mas possuem uma melhor capacidade de superação desses eventos. Pesquisa realizada com estudantes universitários para relacionar a inteligência emocional com a resiliência e o bem-estar revelou que sujeitos com alto nível de resiliência e de reparação emocional apresentam escores mais altos de satisfação com a vida.¹⁹

Enfrentar as dificuldades exercitando a resiliência tem influência da história de vida do estudante, de sua temporalidade, de sua vivência do tempo. E essa potência para o enfrentamento já constitui o primeiro momento do processo de resiliência, e faz o estudante universitário passar pela experiência do “eu posso”. Quando os estudantes se distanciam da família, eles se projetam para o mundo exterior, para um horizonte temporal de possibilidades infinitas, saindo do estado de imobilidade e se colocando em um movimento existencial.²⁰

A capacidade de tornar-se outro, um *outro eu mesmo*, só é possível por meio da vivência do tempo; o *corpo*, enquanto percepção, vai se tornando *próprio* mediante à temporalidade, uma vez que essa vivência abre possibilidade à transcendência.⁸ Assim, a cada nova vivência, com a retomada de um horizonte de passado, poderá ocorrer um horizonte de futuro e, assim, é possível viver a experiência do “eu posso”.

Segundo Merleau-Ponty, “o tempo é o fundamento e a medida de nossa espontaneidade, a potência de ir além e de ‘niilizar’ que nos habita, que nós mesmos somos, ela mesma nos é dada com a temporalidade e com a vida [...]; nós somos inteiramente ativos e inteiramente passivos, porque somos o surgimento do tempo”.^{8:573}

Diante do exposto, consideramos relevante que a família esteja atenta ao modo como se relaciona com seus membros, especialmente os pais com os filhos, à forma como cuidam, às relações de afeto, à superproteção e às atitudes repressivas, a fim de evitar situações de sofrimento mútuo, limitante e adoecedor, que podem reduzir a capacidade de resiliência de seu ente. E quando um de seus jovens se insere na universidade, é preciso que a família interaja com o estudante e perceba as dificuldades vivenciadas, de modo a fornecer o amparo necessário para quaisquer enfrentamentos.

Apontamos, como possível limitação do estudo, o fato de as descrições vivências produzidas serem de um grupo específico de estudantes universitários, de um curso de graduação que é ofertado em período integral, o que restringe o tempo de convivência com a família. Assim, ressaltamos que esse grupo, possivelmente, estava mais

mobilizado às suas questões de saúde mental, motivando a adesão à pesquisa. Desse modo, faz-se necessário a realização de novas pesquisas sobre a temática, no sentido de ampliar a discussão com a inclusão de outros grupos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo permitiu compreender como os estudantes do Curso de Graduação em Enfermagem lidam com o distanciamento da família decorrente do ingresso na vida universitária. Para isto, ocorreu-nos a reflexão sobre os temas da *coexistência*, da ambiguidade do *sentir* e *pensar*, e da possibilidade de vivência do “*eu posso*” apresentados por Merleau-Ponty.

Ao adentrar a universidade os estudantes vivenciam o afastamento da família, devido às inúmeras demandas acadêmicas que começam a surgir e, especialmente, quando tiveram que deixar suas cidades de origem. Com isso, começam a passar por situações que podem gerar sofrimento, seja por sentirem falta do afeto familiar, pelas dificuldades de conseguirem administrar a própria vida sozinhos, seja pela falta de compartilhamento do tempo de vida, entre outros. Nesse contexto, se desvela a *coexistência* estudante e sua família, pois o sofrimento também é sentido pelos familiares com a falta do seu ente que se afastou.

Para aqueles que não mantinham relações agradáveis no seio familiar, ao se inserirem na universidade, encontram uma ‘chave para a libertação’. Passam a vivenciar novas relações, a se sentirem livres das repressões da família, vão buscando e construindo conhecimentos e, assim, começam a se sentir mais empoderados. Mas, ainda, continuam experienciando situações de sofrimento ao ficarem presos a juízos de valor, a questões morais, como medo do julgamento dos familiares.

De todo modo, os estudantes sofrem com o afastamento familiar, porém existe aí uma ambiguidade entre *sentir* e *pensar*, pois eles desejam estar perto da família, mas refletem sobre a necessidade de estarem na universidade, ou almejam a liberdade longe da família, porém preocupam-se com a moralidade.

Mesmo com a presença de sofrimento, a vivência da universidade e o afastamento da família abrem possibilidades de transcendência do *corpo*. O estudante, enquanto ser no mundo e ser do mundo, enquanto *corpo* e sua capacidade de transcendência no tempo para se tornar *corpo próprio*, retoma um horizonte de passado na perspectiva de um horizonte de futuro, para passar pela experiência do “*eu posso*”, buscando sua autonomia, independência, autoreconhecimento, crescimento pessoal e profissional.

REFERÊNCIAS

1. Souza MS. Relação entre suporte familiar, saúde mental e comportamentos de risco em estudantes universitários. *Acta Colombiana de Psicología* [Internet]. 2010 [citado 2019 dez 10]; 13(1):143-54. Available from: <http://www.scielo.org.co/pdf/acp/v13n1/v13n1a13.pdf>
2. Pizzi MLG. Conceituação de família e seus diferentes arranjos. *Revista eletrônica: LENPES-PIBID de Ciências Sociais – UEL* [Internet]. 2012 [citado 2019 dez 10]; 1(1):1-9. Available from: <http://www.uel.br/revistas/lenpes-pibid/pages/arquivos/1%20Edicao/1ordf.%20Edicao.%20Artigo%20PIZZI%20M.%20L.%20G.pdf>
3. Carvalho PAL, Malhado SCB, Constâncio TOS, Ribeiro IJS, Boery RNSO, Sena ELS. Human care in light of Merleau-Ponty's phenomenology. *Texto Contexto Enferm* [Internet]. 2019 [citado 2019 dez 10]; 28:e20170249. Available from: <https://dx.doi.org/10.1590/1980-265X-TCE-2017-0249>
4. Nogueira-Martins LA, Nogueira-Martins MCF. Saúde Mental e Qualidade de Vida de estudantes universitários. *Rev Psi Divers Saúde* [Internet]. 2018 [citado 2019 nov 27]; 7(3):334-7. doi: 10.17267/2317-3394rpsds.v7i3.2086
5. Mohebbi Z, Setoodeh G, Torabizadeh C, Rambod M. State of Mental Health and Associated Factors in Nursing Students from Southeastern Iran. *Invest Educ Enferm*. [Internet]. 2019 [citado 2019 nov 27]; 37(3):e04. doi: 10.17533/udea.iee.v37n3e04.
6. Hirsch CD, Barlem ELD, Almeida LK, Tomaschewski-Barlem JG, Lunardi VL, Ramos AM. Stress triggers in the educational environment from the perspective of nursing students. *Texto Contexto Enferm* [Internet]. 2018 [2019 dez 06]; 27(1):e0370014. Available from: <https://doi.org/10.1590/0104-07072018000370014>.
7. Sena ELS. A experiência do outro nas relações de cuidado: uma visão merleau-pontyana sobre as vivências de familiares cuidadores de pessoas com doença de Alzheimer [tese]. Florianópolis (SC): Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Doutorado em Enfermagem, Universidade Federal de Santa Catarina; 2006.
8. Merleau-Ponty M. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo, SP(BR): Martins Fontes; 2015.
9. Barreto AP. *Terapia Comunitária: passo a passo*. 4ª ed. revista e ampliada. Fortaleza, CE(BR): Gráfica LCR; 2008.
10. Sena ELS, Araújo ML, Ribeiro BS, Santos VTC, Malhado SCB, Soares CJ, et al. Ambiguidade do cuidado na vivência do consumidor de drogas. *Rev Gaúcha Enferm*. [Internet]. 2017 [citado 2019 dez 06]; 38(2):e64345. Available from: <https://doi.org/10.1590/1983-1447.2017.02.64345>
11. Merleau-Ponty M. *O visível e o invisível*. São Paulo, SP(BR): Perspectiva; 2014.
12. Merleau-Ponty M. *A prosa do mundo*. 1ª ed. São Paulo, SP(BR): Cosac Naify; 2012.
13. Nogueira-Martins LA, & NogueiraMartins MCF. Saúde Mental e Qualidade de Vida de estudantes universitários. *Revista Psicologia, Diversidade e Saúde* [Internet]. 2018 [citado 2020 jan 14]; 7(3), 334-337. doi: 10.17267/2317-3394rpsds.v7i3.2086.
14. Almeida LY, Carrer MO, Souza J, Pillon SC. Avaliação do apoio social e estresse em estudantes de enfermagem. *Rev Esc Enferm USP* [Internet]. 2018 [citado 2020 jan 14]; 52:e03405. Available from: <https://doi.org/10.1590/s1980-220x2017045703405>.

15. Vargas-Porras C, Parra DI, Roa-Díaz Z. Factores relacionados con la intención de desertar en estudiantes de enfermeira. *Rev. cienc. cuidad.* [Internet]. 2019 [citado 2020 jan 10]; 16(1):86-97. Available from: <https://revistas.ufps.edu.co/index.php/cienciaycuidado/article/view/1545>.
16. Biolcati R, Agostini F, Mancini G. Analytical psychodrama with college students suffering from mental health problems: Preliminary outcomes. *Research in Psychotherapy: Psychopathology, Process and Outcome* [Internet]. 2017 [citado 2020 jan 10]; 20: 201-9. Available from: <https://sipsapsicodrama.org/wp-content/uploads/2017/11/Biolcati-Analytical-Psychodrama.pdf>
17. Ariño DO, Bardagi MP. Relação entre Fatores Acadêmicos e a Saúde Mental de Estudantes Universitários. *Psicol. Pesqui* [Internet]. 2018 [citado 2019 jul 17]; 12(3): 44-52. Available from: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/psicologiaempesquisa/article/view/23791>.
18. Acevedo VE, Restrepo L. De profesores, familias y estudiantes: fortalecimiento de la resiliencia en la escuela. *Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud* [Internet]. 2012 [citado 2020 jan 14]; 10(1):301-19. Available from: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=3935040>
19. Cejudo J, López-Delgado ML, Rubio MJ. Inteligencia emocional y resiliencia: su influencia en la satisfacción con la vida en estudiantes universitários. *Anuario de Psicología* [Internet], 2016 [citado 2020 jan 12]; 46(Issue 2):51-7. Available from: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0066512616300071>
20. Labronici LM. Resilience in women victims of domestic violence: a phenomenological view. *Texto Contexto Enferm* [Internet]. 2012 [citado 2020 jan 10]; 21(3):625-32. Available from: <https://doi.org/10.1590/S0104-07072012000300018>.

NOTAS

ORIGEM DO ARTIGO

Extraído da tese – Percepção de estudantes do Curso de Graduação em Enfermagem sobre sua saúde mental, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Enfermagem e Saúde, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, em 2020.

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Concepção do estudo: Peixoto LCP, Sena ELS

Coleta de dados: Peixoto LCP

Análise e interpretação dos dados: Peixoto LCP, Sena ELS

Discussão dos resultados: Peixoto LCP, Sena ELS

Redação e/ou revisão crítica do conteúdo: Peixoto LCP, Sena ELS

Revisão e aprovação final da versão final: Peixoto LCP, Sena ELS

FINANCIAMENTO

Financiamento próprio.

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Aprovado no Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, parecer n. 3.092.573/2018, Certificado de Apresentação para Apreciação Ética 94544618.3.0000.0055.

CONFLITO DE INTERESSES

Esse estudo não possui conflito de interesses.

HISTÓRICO (uso da revista)

Recebido:

Aprovado:

AUTOR CORRESPONDENTE

Luma Costa Pereira Peixoto

lumacosta88@hotmail.com

5.3 TERCEIRO MANUSCRITO: ESTRATÉGIAS DE ESTUDANTES DE ENFERMAGEM PARA O CUIDADO DE SI NO CONTEXTO UNIVERSITÁRIO: ESTUDO FENOMENOLÓGICO

Este manuscrito será submetido à *Qualitative Health Research* (Qualis A1) e foi elaborado e adequado conforme as normas e instruções para autores, consultadas em janeiro de 2019, disponíveis no link: <https://journals.sagepub.com/author-instructions/QHR>.

ESTRATÉGIAS DE ESTUDANTES DE ENFERMAGEM PARA O CUIDADO DE SI NO CONTEXTO UNIVERSITÁRIO: ESTUDO FENOMENOLÓGICO

Luma Costa Pereira Peixoto. Programa de Pós-Graduação em Enfermagem e Saúde, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Jequié, Bahia, Brasil. lumacosta88@hotmail.com.

Edite Lago da Silva Sena. Programa de Pós-Graduação em Enfermagem e Saúde, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Jequié, Bahia, Brasil.

RESUMO

Objetivo: descrever as estratégias que os estudantes do Curso de Graduação em Enfermagem utilizam para o cuidado de si no contexto universitário. **Método:** estudo qualitativo, fundamentado na fenomenologia Merleau-Pontyana a partir da percepção como experiência do *corpo próprio*, desenvolvido, no período de fevereiro a abril de 2019, com 41 estudantes de graduação em Enfermagem de uma universidade pública do interior do Estado da Bahia, Brasil. Utilizou-se a metodologia da Terapia Comunitária para produzir as descrições vivencias, sendo realizadas quatro rodas de terapia temáticas, cujas descrições foram analisadas por meio da técnica *Analítica da Ambiguidade*. **Resultados:** os estudantes desvelaram como estratégias para o enfrentamento do estresse e o alcance do bem-estar a busca do apoio de amigos; sair; dançar; praticar atividade física e religiosa; ouvir músicas; desenvolver o autoconhecimento; e, por vezes, ficar sozinhos. **Conclusões:** a vivência do sofrimento mobiliza o estudante a buscar variadas estratégias de enfrentamento, na tentativa de transcender e se tornar outro.

Palavras-chave: Estudantes de Enfermagem. Estratégias de enfrentamento. Saúde mental. Universidades. Pesquisa Qualitativa.

ESTRATÉGIAS DE ESTUDANTES DE ENFERMAGEM PARA O CUIDADO DE SI NO CONTEXTO UNIVERSITÁRIO: ESTUDO FENOMENOLÓGICO

INTRODUÇÃO

A vivência de um curso universitário é permeada por fatores estressores, que podem ocorrer desde o início do curso até à obtenção do diploma profissional. Sobretudo nos Cursos de Graduação em Enfermagem, inúmeros são os estressores aos quais o estudante está exposto, por se tratar de um curso da área da saúde, cuja prática principal, que é o cuidado humano, inclui questões de adoecimento e morte, situações que não faziam parte do seu contexto de vida. Desse modo, o estudante necessita lançar mão de estratégias de cuidado de si para conseguir lidar com os variados fatores estressores que ocorrem durante a vivência acadêmica.

As dificuldades de adaptação ao mundo universitário, de conciliar a vida acadêmica com a vida sociofamiliar e com o lazer, devido à extensa carga horária de aulas teóricas, práticas, monitorias, atividades de pesquisa e extensão, além das diversas atividades avaliativas podem afetar, sobremaneira, a saúde do estudante. Ademais, a competitividade existente nesse contexto, a necessidade de assumir responsabilidades e tomar decisões que antes não estavam acostumados, também, fazem com que o estudante se sinta pressionado, sobrecarregado e com elevados níveis de estresse.

Estudo destaca sobre aqueles estudantes que decidem por um curso universitário sem o real entendimento do que vem a ser a profissão que estão almejando. Essa decisão, fragilizada e irrefletida, pode ocasionar frustrações e perda do entusiasmo pela universidade, pois foram criadas falsas expectativas em relação ao curso, e isso implicará em vivências de situações estressantes (Barlem et al., 2012).

Estudantes revelam que a falta de tempo para o descanso e para atividades de lazer é a principal causa do estresse no mundo acadêmico e, somado às exigências da universidade, levam a um desgaste tanto físico quanto emocional (Hirsch et al., 2018). Desse modo, percebemos o quão relevante é a administração do tempo utilizado pelo acadêmico de Enfermagem no seu processo de adaptação ao meio universitário, pois, do contrário, poderão ocorrer implicações para sua saúde mental e, conseqüentemente, para a sua qualidade de vida (Galdino, Martins, Haddad, & Ribeiro, 2016).

Pesquisas apontam que o Curso de Graduação em Enfermagem possui estressores adicionais como o medo de errar diante das situações vividas nas aulas práticas, o que pode aumentar ainda mais o risco de sofrimento psicológico dos estudantes. Desse modo, em todos os aspectos do curso, o estresse, visto como um fenômeno multifatorial é generalizado. Ademais, a falta de preparo para o enfrentamento das situações adversas pode culminar em vulnerabilidade da saúde mental e, por conseguinte, em prejuízos na formação acadêmica e profissional (Mccarthy et al., 2018; Almeida, Carrer, Souza, & Pillon, 2018).

Os estudantes universitários avaliam a formação acadêmica como estressora. A incapacidade de lidar efetivamente com o estresse pode fazer com que esses estudantes experienciem o sofrimento psicológico. Nesse sentido, faz-se necessário que eles encontrem estratégias de enfrentamento positivo para lidar com o estresse e seus fatores estressores, de modo que consigam manter níveis satisfatórios de bem-estar e qualidade de vida durante a realização do Curso de Graduação e, também, na futura vida profissional (Bublitz, Guido, Lopes, & Freitas, 2016; Almeida et al., 2018).

Os estudantes de Enfermagem utilizam variadas estratégias de enfrentamento do estresse, incluindo o apoio social, a resolução de problemas e a prevenção de fuga. Entretanto, existe uma forte associação entre sofrimento psíquico elevado e comportamentos de fuga, como, por exemplo, o uso de substâncias psicoativas como álcool, tabaco e *cannabis*, e dieta

não saudável, o que aponta para uma preocupação particular (Deasy, Coughlan, Pironom, Jourdan, & Mannix-Mcnamara, 2014).

O mundo universitário tem sido apontado como propício para o uso abusivo de substâncias psicoativas, principalmente o álcool, devido à tradição de beber, criada como estratégia de socialização, e à fase de desenvolvimento da maioria dos estudantes. Contudo, o consumo dessas substâncias pode estar associado ao baixo rendimento acadêmico (Souza, Hamilton, & Wright, 2019).

Refletindo, à luz da fenomenologia de Maurice Merleau-Ponty, podemos dizer que a escolha por estratégias de enfrentamento do estresse acontece de forma singular em cada pessoa, por meio da espacialidade do corpo e do desdobramento do seu ser no mundo (Merleau-Ponty, 2015). O estudante que inicia a vida universitária, diante da expectativa do novo e da necessidade de engajamento com os pares, na maioria das vezes, sente-se ansioso e é impulsionado a agir em busca de algo que lhe proporcione conforto, prazer, bem-estar, tirando-lhe da posição de sofrimento.

Assim, os estudantes do Curso de Graduação em Enfermagem vão vivenciando a universidade e experimentando as mais variadas estratégias de enfrentamento do estresse, na tentativa do cuidado de si para aliviar das tensões e obter sensações de prazer. Dentre essas estratégias podemos citar a busca do apoio de amigos e familiares, de atividades de lazer, como sair, ir a festas, a procura de uma religião e o apego à espiritualidade, a prática de esportes e de atividades físicas, entre outras.

Na universidade, a monitorização e o interesse da instituição pelo estudante, são, notoriamente, mais reduzidos do que no ensino secundário, o que faz com que o envolvimento do estudante com sua formação dependa muito mais dele do que do contexto universitário (Mendes & Lopes, 2014).

Entretanto, para viabilizar um processo de ensino-aprendizado que considere o bem-estar de seus estudantes, é importante que haja investimento institucional, no sentido de criar espaços mais acolhedores e humanizados no âmbito universitário. É necessário que a universidade aumente a disponibilidade de apoiadores formais e estimule a sua procura, uma vez que eles exercem importante papel em relação às demandas acadêmicas e emocionais dos estudantes (Almeida et al., 2018).

Nesse contexto, o presente estudo teve como questão de pesquisa: quais são as estratégias que os estudantes do Curso de Graduação em Enfermagem utilizam para o cuidado de si no contexto universitário? E, como objetivo: descrever as estratégias que os estudantes de Graduação em Enfermagem utilizam para o cuidado de si no contexto universitário.

MÉTODO

Estudo de natureza qualitativa, fundamentado na abordagem fenomenológica de Maurice Merleau-Ponty, cujo foco primordial é o estudo da percepção humana. Acerca desse tema, o filósofo se debruçou a escrever grande parte de suas obras. Ele trata a percepção como vivência corpórea que acontece no âmbito da temporalidade, o que corresponde a um evento dinâmico e intersubjetivo, pois envolve o entrelaçamento dos seres humanos no mundo.

Considerando a percepção um fenômeno temporal, Merleau-Ponty desenvolve a noção de *corpo próprio* como experiência “que nos ensina a enraizar o espaço na existência [...]”. Para o autor, “ser corpo é estar atado a um certo mundo, e nosso corpo não está primeiramente no espaço: ele é o espaço” (Merleau-Ponty, 2015, p. 205). Desse modo, é somente por meio do *corpo* (percepção) que nós nos projetamos no mundo, uma vez que nosso agir cotidiano está sempre amparado por certo envolvimento pré-reflexivo com as coisas.

Na perspectiva de compreender melhor a noção de corpo próprio no contexto da sustentação teórica dos resultados do estudo, ocorreu-nos salientar que, nos escritos de

Merleau-Ponty, aparecem cinco dimensões do corpo: *corpo habitual*, *corpo perceptivo*, *corpo falante*, *corpo sexuado* e *corpo do outro*. Não obstante tratar de dimensões que se entrelaçam, uma vez que consistem no modo como a percepção opera, por uma razão didática, julgamos importante discorrer sobre o que, essencialmente, significa cada uma delas.

O *corpo habitual* se refere ao horizonte de passado que preenche todos os atos intuitivos e que emerge de forma espontânea em nossas ações independentemente de deliberação pessoal. O *corpo perceptivo* equivale à ação propriamente dita, que, embora seja irreflexiva, é mobilizada pelo *hábito*. O *corpo falante* consiste na potencialidade da fala em gerar outras falas, como ocorre no diálogo, na intersubjetividade. O *corpo sexuado* significa a capacidade humana de sentir prazer naquilo que se faz; corresponde ao que nos motiva a viver e produzir. E o *corpo do outro*, também conhecido como experiência do outro, consiste na vivência de transcendência, na potência de se tornar outro mediante a temporalidade (Merleau-Ponty, 2014, 2015).

A Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) foi o cenário onde se desenvolveu o estudo. Foi a primeira instituição de ensino superior pública a se instalar no interior do Estado da Bahia, na cidade de Feira de Santana, Bahia, Brasil, e que, atualmente, possui 31 cursos de graduação de oferta contínua, dentre os quais está o curso de graduação em Enfermagem, com duração mínima de dez semestres e máxima de quinze. A UEFS possui um programa de permanência estudantil, com a oferta de Restaurante e Residência Universitária, bem como bolsas de assistência estudantil e acadêmicas.

Participaram do estudo 41 estudantes do Curso de Graduação em Enfermagem que atendessem ao critério de inclusão, ou seja, estar matriculado regularmente no curso. Foram convidados para participação estudantes de todos os semestres do curso, sendo realizada uma visita em cada turma, separadamente, para realizar o convite e fazer uma explanação breve sobre o projeto de pesquisa e suas principais características.

Na ocasião dessa visita passamos uma lista para preenchimento dos interessados. Em seguida, foi feito contato via telefone celular ou através do aplicativo de mensagens WhatsApp com todos os interessados, agendando um primeiro encontro para leitura e assinaturas do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e do Termo de Assentimento (TA) para os menores de dezoito anos, bem como disponibilizado o TCLE para assinatura do responsável legal pelo menor. Ao final desse encontro, definimos o dia em que começaríamos a primeira roda de Terapia Comunitária, estratégia metódica utilizada para produção das descrições vivenciais.

Com a finalidade de desvelar as descrições vivenciais, foram realizadas quatro rodas de Terapia Comunitária do tipo temática, no período de fevereiro a abril de 2019, cada uma com duração aproximada de uma hora e meia. Entretanto, neste estudo, utilizamos descrições vivenciais desveladas na primeira e na terceira rodas, que tiveram como temas: “O que no cotidiano da universidade tem me feito sentir ser casulo, e o que eu tenho feito ou devo fazer para me tornar borboleta?” e “Quais são as grades da minha gaiola e quais as chaves que eu posso ter para voar?”.

Nas rodas de TC acontecem a relação dialógica, em que os participantes têm uma vivência prática da temporalidade e cada um faz sua retomada de um horizonte de passado e uma perspectiva de futuro. Perspectiva essa de se sentir bem, de estar junto com o outro, compartilhando. Contudo, no momento em que a pessoa está falando, está se revelando ali um horizonte de passado, que vem sempre acrescido de criatividade, de inovação, de implementação, que brotam naquele momento.

Ressaltamos que os áudios das rodas foram gravados por meio de aparelhos gravadores digitais e, em seguida, foram transcritos na íntegra. Após a transcrição de todo material, as descrições vivenciais foram submetidas à *Análise da Ambiguidade*, método criado por Sena (2006) com base na ontologia da experiência de Maurice Merleau-Ponty, a

partir da necessidade da autora de encontrar uma possibilidade de compreensão de dados empíricos oriundos de pesquisa fenomenológica. A análise consistiu nas seguintes etapas: organização dos textos a partir das transcrições das descrições vivenciais gravadas; leituras exaustivas do material; leitura livre, deixando que os fenômenos se mostrassem em si mesmos, a partir de si mesmos; e por fim, categorização/objetivação, convencendo-nos de que as ambiguidades são inúmeras (Sena, 2006).

Assim, seguindo o método adotado, realizamos o exercício da percepção segundo o olhar figura-fundo, partindo da compreensão de que as descrições vivenciais emergidas das rodas de TC constituíam figuras ou perfis que traziam consigo um fundo ou totalidade que sempre foge à nossa tentativa de atingi-la plenamente. Desse modo, toda vez que desfocávamos o olhar do contorno de uma imagem percebíamos outras, o que corrobora a ambiguidade característica da percepção humana (Reis, Sena, & Menezes, 2016).

Nesse processo compreensivo das descrições conseguimos identificar situações ambiguidades desveladas pelos participantes da pesquisa, as quais nos conduziram a objetivar as categorias empíricas que reúnem, essencialmente, os resultados do estudo. Tais categorias foram discutidas à luz da ontologia merleau-pontyana acerca do *corpo próprio*.

Atendendo aos aspectos éticos e científicos dispostos na Resolução Nº 466/2012 que regulamenta a realização de pesquisas com seres humanos, o projeto de pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, sendo Aprovado sob Parecer Nº 3.092.573 e CAAE 94544618.3.0000.0055. A pesquisa somente foi iniciada com a obtenção dessa aprovação e após a assinatura dos participantes nos TCLE para os maiores de dezoito anos e nos TA juntamente com o TCLE do responsável legal, nos casos de estudantes menores.

Para preservar o anonimato dos participantes, utilizamos nomes próprios que não correspondem aos seus verdadeiros nomes, mas que foram escolhidos por eles para sua identificação na divulgação dos resultados.

RESULTADOS

No que refere às características dos estudantes, do total de 41 participantes, 35 foram do sexo feminino, reflexo histórico da profissão, com predomínio do cuidado de Enfermagem exercido por mulheres. A idade foi de 17 a 42 anos. Destes, 22 não residiam com a família no período da pesquisa e 21 não escolheram a Enfermagem como primeira opção profissional, e somente um estudava e trabalhava.

As descrições vivenciais revelam o modo como os estudantes lidam com situações geradoras de estresse, ou com os momentos em que se sentem sobrecarregados, estafados, tristes, pressionados, sobretudo, pela rotina da vida acadêmica, mas, também, devido a todo o contexto pessoal e sociofamiliar.

Assim, ao nos ocuparmos em compreender as descrições dos participantes do estudo acerca das estratégias que utilizam para o autocuidado ou cuidado de si, tendo como fundamento a filosofia de Merleau-Ponty, configuramos os resultados relacionando-os às cinco dimensões do *corpo próprio* desenvolvidas pelo autor. Nesse sentido, consideramos cada uma delas como formas de cuidado de si: *corpo habitual*, *corpo perceptivo*, *corpo falante*, *corpo sexuado* e *corpo do outro*.

Na perspectiva do *corpo próprio*, concebemos que o cuidado humano acontece na intersubjetividade e intercorporalidade, uma vez que sempre envolve a interação eu-outrem. Mesmo em se tratando do autocuidado, este não ocorre de forma solipse (solitária), pois depende da ação e/ou recursos de outros.

Sendo assim, irrefletidamente, temos a tendência para o autocuidado, a qual, neste estudo, chamamos de *cuidado no sentido do corpo habitual*. A depender das relações socioculturais que se constituem, o *corpo* (temporalidade) incorpora o *hábito*, seja de cuidado ou de descuido. Como se trata de fenômeno, o *cuidado como corpo habitual* ou *descuido habitual* se impõe a nós, sem que, necessariamente, façamos uma reflexão.

Em Merleau-Ponty, o *corpo habitual* preenche nosso sistema motor, mobilizando-o à ação, e essa ação o autor designa por *corpo perceptivo*, o qual está orientado ou preenchido pelo *corpo habitual*. Dessa mesma forma, entendemos que acontece no processo de cuidar e, portanto, decidimos fazer, mediante a *Analítica da Ambiguidade*, uma aproximação das descrições dos participantes do estudo sobre as estratégias que utilizam para o autocuidado ou cuidado de si com a noção de *corpo próprio* em suas cinco dimensões, conforme descritas na metodologia do artigo.

Nas descrições a seguir, os estudantes revelam estratégias que utilizam para o cuidado de si diante do enfrentamento do estresse e do sofrimento vividos na universidade, o que faz ver o autocuidado na dimensão do *corpo perceptivo*, mobilizado pelo *corpo habitual*.

O que eu faço nesses momentos que me sinto pressionado, que me sinto incapaz, é me distrair com amigos, comigo mesmo, sair, me divertir, me preocupar comigo, colocar prioridades. O que é prioridade para mim sou eu, independente de universidade, é o que gosto, é o que quero, porque eu sei que se eu não for feliz, se eu não estiver com o sorriso no rosto, não consigo evoluir. Então, a forma que procurei e consegui foi usar esses artifícios, de amizade, a me preocupar comigo, com meu sono, minha qualidade de vida, minha estética, minha saúde (Joaquim).

As descrições desvelam estratégias no campo da intersubjetividade, no envolvimento consigo mesmo e com o outro, na busca de autoajuda, do apoio de amigos e de parceiros românticos. Percebemos, também, que os estudantes estão exercendo seu *corpo falante*

quando mostram que procuram se envolver em atividades interativas, que produzem outras falas e possibilitam um avanço.

Os estudantes também apontaram a atividade física e a música como estratégias para o cuidado de si. A música constitui uma forma de expressão artística que possui influência em nossa natureza sensível e não consiste em uma vivência solipse. Ela nos leva ao encontro do outro, proporciona um sentimento, abre possibilidade a vivências intercorporais, faz o *corpo falante* se comunicar com o mundo, no sentido de que as experiências acontecem sempre de forma intersubjetiva, com pessoas ou envolvendo pessoas.

[...] eu fui procurar maneiras de diminuir o estresse, como, por exemplo, atividade física, que a rotina do dia-a-dia faz a gente acumular aquela carga de estresse e tem uma hora que a gente quer explodir, é muita tensão, então, é uma forma de aliviar o estresse. Também gostei muito de ter descoberto a musicoterapia, você utilizar de músicas para poder aliviar o estresse (Felipe).

A prática de atividade física e a satisfação com o corpo físico por parte dos estudantes fazem-nos ver o cuidado de si na dimensão do *corpo sexuado*, a abertura ao outro em busca de satisfação. A vivência desse modo de cuidar envolve, primeiramente, a operação do *corpo habitual* e, de imediato, a do *corpo perceptivo*. A atividade física envolve não somente o desejo de se manter saudável, mas, também, de uma boa forma física, e esse desejo está inteiramente relacionado à preocupação com o olhar do outro, e é esse *corpo sexuado* que dá significação sexual aos estímulos externos (Merleau-Ponty, 2015).

A busca do diálogo com amigos que também estão vivenciando o mundo universitário é uma das estratégias utilizadas pelo estudante para aliviar o estresse, sobretudo, por acreditar que esses amigos saberão compreender o que ele está passando. Assim, embora os estudantes reconheçam suas diferenças socioculturais, percebem a coexistência que partilham, ou seja, a

existência de um igual entre eles, que faz parte da natureza humana, porque todo ser humano tem sentimento, e isso gera uma aproximação entre os pares.

O que eu faço para melhorar, eu gosto muito de ficar com meus amigos, me divertir, gosto de sair para dançar, ficar com eles. Quando eu percebo que vou ter uma nova crise de ansiedade, eu faço algo para que eu não fique no quarto, para que eu não fique sozinha. Ligo para alguém, converso, mas eu não gosto de ficar sozinha (Monalisa).

Assim, os estudantes buscam a interação com o outro e, irrefletidamente, passam a vivenciar a transcendência, o “eu posso”, por conseguinte, o *corpo do outro (outro eu mesmo)*. Independente das estratégias de cuidado de si utilizadas, eles buscam tornar-se, transcender-se, viver o *corpo do outro*.

As descrições revelaram, também, a busca da religiosidade e espiritualidade como meio de obter conforto para as aflições e sofrimento. Ao frequentar a igreja o estudante vivencia duas formas de intersubjetividade: a relação com o sobrenatural e a relação com o social, com a comunidade religiosa. Essa intercorporalidade pode proporcionar o cuidado nas cinco dimensões do corpo.

[...] um meio que eu tento me acalmar, me tranquilizar é a igreja, porque quando eu vou, leio a Bíblia, quando converso com Deus isso me tranquiliza, me traz paz e conforto (Luz).

O que eu acho que me fez melhorar mesmo, foi a conversa, o diálogo com meus amigos, e também a maturidade, porque você vai envelhecendo, vai criando mais maturidade, buscando a Deus também, ter controle da situação (Alicia).

Apesar de muitos estudantes revelarem buscar não ficarem sozinhos, indo ao encontro de amigos como estratégia de cuidado, estar sozinho também pode produzir sensação de bem-estar, e não deixa de ser uma experiência do *corpo perceptivo*, um cuidado de si. O

sentimento de tristeza (o cuidado na dimensão *corpo habitual*) mobilizou a ação de isolar-se (o cuidado na dimensão *corpo perceptivo*).

[...] meu namorado é um ponto de conforto para mim, ele entende o que estou passando e não me julga. Quando tenho crises, tenho muitas crises, ele sempre vai ficar comigo. Passei por um período que queria voltar para minha casa e ele me apoiava, me ajudava. O que eu faço para melhorar, às vezes, é ficar sozinha, quando estou em casa chorando sozinha, às vezes, me conforta. Conversar com ele também passa meu desespero (Sofia).

Uma descrição também desvelou que a competitividade entre os pares provoca sofrimento e, por isso, por meio do autoconhecimento e da reflexão acerca desse sofrimento, a participante reconheceu a sua própria necessidade de mudança de comportamento, de não se comparar com os colegas e, assim, vivenciar a experiência do outro. Ademais, identificamos na descrição seguinte o autocuidado físico, social e emocional, o que envolve desde a manutenção de padrão de sono satisfatório, a socialização com amigos e, até mesmo, o ficar sozinha nos momentos de tristeza.

[...] eu aprendi uma coisa muito importante aqui na universidade, que é você nunca ficar comparando sua nota com a do outro. E também nunca deixei de dormir por causa de prova, por causa de trabalho, por nada. Porque quando você está sem dormir, até aquilo que você leu você não consegue associar com a pergunta. Além disso, eu gosto de sair com meus amigos, mas também tenho os momentos de tristeza, de ficar dentro do quarto, que não quero socializar (Joana).

Entretanto, também percebemos que alguns estudantes ainda não se despertaram para a criação de estratégias que os auxiliem a lidar com situações que lhes causam sofrimento, a exemplo da autopressão e autocobrança do ser sensível. Embora o ser reflexivo já tenha

compreensão acerca do cuidado de si, existe um não saber lidar que está no campo do invisível. Por conseguinte, falta o agir do *corpo perceptivo* em direção a esse cuidado.

Eu tenho consciência de que eu me cobro demais, que exijo demais de mim, mas, ao mesmo tempo, eu não mudo, não sei como não me pressionar tanto e não exigir muito de mim. Eu sempre tento muito dar o melhor de mim, mas eu não sei como deixar de me pressionar tanto. E isso me gera sofrimento (Julia).

A descrição vivencial seguinte revela a vivência de uma estudante cuja situação afetou seu ser sensível e lhe ocasionou sofrimento. Contudo, após refletir sobre esse ser bruto, consegue compreender que o caminho para tentar dominar seus impulsos e controlar suas emoções é investir no autoconhecimento.

Eu tive uma experiência aqui na faculdade que não foi muito legal, e isso me deixou muito estressada, a ponto de eu tratar uma pessoa que eu amo muito muito mal. De falar coisas que eu não queria falar, coisas que nunca falaria se eu não estivesse naquele momento. E depois disso conversei com a pessoa, ela me entendeu, tomei um chá e fui me acalmando. A partir desse dia, que eu vi que eu podia perder a pessoa, eu falei que não iria deixar que esse estresse que tinha dentro de mim, que essa cobrança toda que tem dentro de mim, eu direcionasse para outra pessoa, que eu iria tentar canalizar ao máximo. Então, acho que a minha chave é o autoconhecimento dos meus próprios sentimentos (Marta).

DISCUSSÃO

A experiência de mundo dos estudantes universitários se desvela no próprio espaço objetivo no qual seus corpos tomam consciência e ganham uma dimensão que não o separam do mundo. Assim, ao vivenciar situações geradoras de estresse, seja na universidade ou em outro contexto de vida, *o corpo próprio* (experiência perceptiva) se move em busca do

cuidado de si, uma vez que o corpo anatômico e fisiológico se realiza na espacialidade e no desdobramento de seu ser no mundo. Os seus corpos se relacionam ao mundo, portanto, eles são no mundo (Merleau-Ponty, 2015).

Esse corpo anatomofisiológico, que é orientado pelo *corpo próprio*, é constituído por motricidade, linguagem, visão, sexualidade, e não está contido no mundo por causalidades, mas por uma consciência que é no mundo e está sempre se movendo em direção às coisas, sendo impulsionado. O corpo é a própria existência em seu movimento de transcendência (Merleau-Ponty, 2015).

Com a vivência do sofrimento, o estudante procura encontrar estratégias de autocuidado que lhe ajudem a superar os obstáculos da vida. Esse autocuidado pode ser físico (dormir, comer algo que goste, praticar atividade física), social (dar e receber afeto, ser ouvido, pedir ajuda), emocional (resiliência, autoperdão, positividade, autocompaixão) e cognitivo (ler, meditar, estudar), e cada um, a partir da vivência do tempo, vai encontrando e descobrindo o que é melhor para si.

O autocuidado, que também chamamos aqui de cuidado de si, é considerado na literatura como sistema de ação, uma função reguladora humana que cada pessoa deveria aplicar deliberadamente para manter sua vida e seu estado de saúde, desenvolvimento e bem-estar (Hernández, Pacheco, & Larreynaga, 2017). No entanto, à luz de Merleau-Ponty (2015), chegamos à compreensão de que o cuidado de si, originalmente, nasce como *corpo habitual*, ou seja, de forma não deliberada, como vivência de autopreservação da vida. Ele preenche e impulsiona a ação cuidativa, a qual, neste estudo, correlacionamos à noção merleau-pontyana de *corpo perceptivo*.

Desse modo, podemos dizer que o cuidado de si por parte dos estudantes de Enfermagem no contexto universitário sempre está cheio de sentido (*corpo habitual*) e se exprime como *corpo perceptivo*, na perspectiva de que este lança o sujeito à frente, podendo

recair, tanto em situação de estresse, sofrimento, angústia, ansiedade, quanto de bem-estar físico, mental, social e intelectual.

O *corpo perceptivo* “organiza-se de forma espontânea em proveito de uma possibilidade futura, ele envolve a intencionalidade motora que necessitamos para que o objeto da percepção se revele para nós” (Sena, 2006, p. 71). Assim, são os estudantes universitários se movendo no mundo, almejando o seu bem-estar.

Ter uma vida acadêmica de sucesso requer comportamentos que permitam alcançar alto desempenho acadêmico, além de desenvolver habilidades e competências que sejam suficientes para concluir com êxito os estudos universitários. Porém, além da própria competência individual para lidar com as múltiplas demandas universitárias, as crenças dos estudantes sobre a sua própria capacidade influenciam sobremaneira a sua saúde mental (Valdebenito, 2017).

Entretanto, os estudantes estão experienciando, cada vez mais, o sofrimento psíquico, atribuindo o evento à universidade como relação causa-efeito. Nesse sentido, a literatura aponta fatores específicos, ou seja, que o sofrimento ocorre devido à dificuldade de adaptação ao meio acadêmico, às cobranças excessivas, sejam elas próprias ou externas, às tensões relacionadas a atividades avaliativas, à competitividade entre os pares, à dificuldade de manutenção das relações sociais e familiares, bem como de conseguir destinar um tempo para o lazer, o que têm repercutido diretamente no desempenho acadêmico (Silva et al., 2019).

Esse olhar causa-efeito, segundo a percepção merleau-pontyana, constituiria uma tese e, portanto, uma visão objetivista, determinista, a qual limita a possibilidade de compreender a complexidade que entorna aquilo que se propõe a conhecer. Assim, a perspectiva determinista, no contexto de nosso estudo, apresentaria apenas um ponto do horizonte de vida dos estudantes e ocultaria todo o fundo de onde inúmeros perfis podem ser desvelados.

Nesse sentido, Merleau-Ponty afirma que:

Toda figura se perfila sobre o duplo horizonte do espaço exterior e do espaço corporal. Portanto, deve-se recusar como abstrata qualquer análise do espaço corporal que só leve em conta figuras e pontos, já que as figuras e os pontos não podem nem ser concebidos nem ser sem horizontes. (Merleau-Ponty, 2015, p. 147).

O autor repudia toda forma de objetivismo e propõe a noção de intersubjetividade, segundo a qual o mundo se dá a conhecer em perfil, por meio do entrelaçamento de experiências perceptivas, sendo a “percepção” concebida como *corpo próprio*.

Para conseguir superar as adversidades que aparecem enquanto vivem o mundo universitário como tensões, estresse e sofrimento, os estudantes buscam algumas alternativas. A literatura corrobora o que se faz ver nas descrições vivenciais dos participantes do estudo acerca das estratégias de enfrentamento do estresse utilizadas. Dentre elas, destaca-se a busca de apoio de amigos e familiares, de abordagens autoconfiantes e de comportamentos voltados para a solução de problemas (Labrague, Mcenroe-Petitte, Amri, Fronda, & Obeidat, 2018).

As descrições dos estudantes revelam que encontrar uma estratégia adequada para o cuidado de si está no domínio do *corpo habitual*, pois se dá de forma espontânea na experiência perceptiva, e tem a ver com a vivência da temporalidade, com um horizonte de passado. O despertar para o que pode ser bom a cada um está no polo sensível e na experiência do *corpo próprio*, não pertence apenas ao âmbito do saber, mas ao campo fenomenal. Assim, o estudante retoma o seu *corpo habitual*, o seu estilo próprio, à procura de um modo de cuidar de si, para se realizar no mundo.

Alguns estudantes desvelaram uma ocupação com a atividade física e a tentativa de manter uma boa estética corporal, ocupação esta que proporciona prazer e satisfação, uma vez que sentir bem consigo mesmo e manter a autoestima elevada, melhora o humor e auxilia na promoção da saúde mental. A prática de atividade física por adolescentes produz efeitos moderados na redução de ansiedade, depressão, entre outros problemas emocionais, bem

como induzem melhorias no desempenho acadêmico, além de elevar os níveis de autoestima e satisfação corporal (Fernandes, 2018).

Entretanto, a literatura aponta que os estudantes do curso de graduação em Enfermagem apresentam um perfil de sedentarismo, pois não praticam atividade física regularmente e utilizam o computador por um longo período. Ademais, possuem uma carência em relação à recreação, o que pode ser justificado pelas extensas cargas horárias do curso, dificultando conciliar o tempo com a realização de outras atividades (Freitas et al., 2018).

Todas as estratégias que os estudantes utilizam na tentativa de lidar com as situações de estresse e sofrimento são sempre na perspectiva de abertura ao *outro eu mesmo*, à transcendência em direção à satisfação, ao prazer, ao gozo. Portanto, se trata do cuidado de si na perspectiva do *corpo sexuado*, ou seja, envolve o desejo de “reversibilidade, de transformação em um outro” (Sena, 2006, p. 261). As vivências dos participantes relacionadas a sair, dançar, expressar-se corporalmente e praticar atividades físicas remetem ao cuidado de si referente à sexualidade, que consiste, segundo Merleau-Ponty (2015), no uso do corpo objetivo estimulado por uma libido, para animar o mundo original.

As descrições também desvelam o envolvimento com a religião, a busca do contato com o sobrenatural, a fim de encontrar conforto, canalizar tensões, melhorar a autoestima, se motivar para a vida e preencher uma falta. A prática religiosa pode se constituir fonte de força pessoal ao ser humano, fornecendo orientação para uma vida mais otimista e ampliação da capacidade de resiliência para enfrentar o estresse e aliviar a ansiedade (Fernandes, Moita, Nascimento, Santos, & Paiva, 2019).

Quando o estudante menciona o uso da música como maneira que encontrou para o cuidado de si, refletimos sobre a dimensão *corpo falante*, que, segundo Merleau-Ponty (2012), se refere à potência da arte de produzir outras falas. Por meio da música ou da prática

religiosa os estudantes foram capazes de promover o autocuidado, criando uma nova forma de pensar sobre si e sobre seu contexto de vida.

A música tem a capacidade de relaxar, tranquilizar, resgatar sentimentos positivos, fazer conexões com experiências do passado, com pessoas, bem como estimular a melhoria da autoestima, transformar realidades, proporcionar alegria, favorecendo, portanto, a sensação de bem-estar (Batista & Ribeiro, 2016).

Ir a busca de estratégias de enfrentamento do estresse é se abrir ao novo, é estimular e colocar em prática a capacidade de resiliência, que se refere à habilidade do sujeito de adaptar-se ao novo, às mudanças e às adversidades, seja pelos aprendizados cognitivos, seja pela resignificação emocional (Graner et al., 2018). Com base em Merleau-Ponty, entendemos que a resiliência do estudante universitário se refere à capacidade de resignificar seus modos de ser e de estar no mundo por meio da temporalidade; corresponde ao que o filósofo descreve como *corpo do outro*, ou vivência do *outro eu mesmo*.

Para que nos tornemos um *outro eu mesmo*, é necessário que, em determinado momento, fiquemos confusos, e nos encontremos nas diferenças para que possamos estar implicados na nossa transformação (Sena, 2006). A experiência que faço de minha conquista do mundo é que me torna capaz de me reconhecer e de me perceber como um *outro eu mesmo* (Merleau-Ponty, 2012).

Outrossim, as descrições de uma participante também revelaram o desejo de estar sozinha nos momentos de tristeza, o que não deixa de ser um cuidado de si, pois essa estratégia pode proporcionar uma sensação de bem-estar, e também se constitui numa experiência de cuidado na dimensão do *corpo perceptivo*, pois o sentimento de tristeza (*corpo habitual*) mobilizou a ação de se isolar.

Mesmo diante de variadas possibilidades de cuidado de si, o estudante ainda pode se sentir velado frente a algumas dificuldades vivenciadas, sobretudo quando estas estão

enraizadas em seu ser sensível, como por exemplo, a autocobrança referida por uma participante. Ela diz sofrer com essa condição e não conseguir transcender. Entretanto, chegamos à compreensão de que a cobrança pode também constituir um modo de cuidar si, uma vez que se relaciona ao desejo de ser melhor, de realizar-se, de tornar-se outra.

Também apareceu nas descrições a transcendência para o autoconhecimento. A partir da vivência de uma situação geradora de estresse, em que houve o domínio do ser sensível, levando-a ao sofrimento, a estudante passou a refletir sobre seus sentimentos e a se colocar no mundo, o que lhe permitiu a experiência do *outro eu mesmo* ou cuidado de si na perspectiva do *corpo do outro*.

Salientamos que as dimensões do *corpo próprio* (percepção) apresentadas por Merleau-Ponty não podem ser pensadas separadamente. Como vemos, os estudantes são movidos a ir sempre em frente, existe uma motivação para se realizar, para se tornar outro, que vem do *corpo habitual*, mas é o *corpo perceptivo* preenchido pelo hábito que age, que faz com que se coloque em prática o cuidado de si. E, ao mesmo tempo, tem a dimensão do *corpo sexuado*, com o gozo, o prazer, a satisfação com a realização pessoal ao viver a universidade, a se superar, a se construir enquanto profissional e também enquanto ser humano, configurando-se como *corpo do outro*.

Ressaltamos que o *corpo do outro* não se refere ao corpo do semelhante, da outra pessoa, mas o próprio ser que se torna outro pela transcendência, mediante a intersubjetividade, que se constitui *corpo falante*. Como todas as estratégias de cuidado de si estão na esfera da intersubjetividade, todas elas consistem em falas falantes e, portanto, abrem possibilidades para se criar novas formas de autocuidado ou cuidado de si.

Acreditamos que este estudo poderá estimular discussões acerca da reformulação dos currículos dos Cursos de Graduação em Enfermagem, no sentido de considerar as questões relativas ao estresse e sofrimento durante a trajetória acadêmica, e a necessidade políticas de

promoção da qualidade de vida e bem-estar dos estudantes, de modo a investir no fortalecimento da saúde mental deles. Compreendemos que a promoção da saúde mental no âmbito acadêmico é de extrema relevância, uma vez que a formação de profissionais capacitados para o cuidado do outro, requer, primeiramente, que eles saibam e consigam cuidar de si.

CONCLUSÃO

O estudo acerca das estratégias utilizadas pelos estudantes de graduação em Enfermagem para o cuidado de si no contexto universitário, à luz do referencial filosófico de Maurice Merleau-Ponty, conduziu-nos à reflexão sobre o cuidado na perspectiva do *corpo próprio*, em suas cinco dimensões, conforme descreve o autor.

As descrições revelaram que os estudantes experimentam situações de estresse, angústia, sofrimento, seja na vida acadêmica ou sociofamiliar, e na tentativa de tornar-se outro (*corpo do outro*), de recuperar o bem-estar e melhorar a qualidade de vida, vão em busca de variadas estratégias de autocuidado, como o apoio de amigos, o cuidado do corpo físico, o cuidado no âmbito da religiosidade, e até mesmo o desejo de isolamento para autorreflexão e autoconhecimento.

Compreender o modo como os estudantes universitários desenvolvem o cuidado de si pode estimular a comunidade acadêmica e a universidade, enquanto instituição, a promoverem estratégias para minimizar o sofrimento dos discentes, bem como a repensarem o modo de produzir conhecimento científico e a própria formação do profissional. É necessário auxiliar o corpo discente a fortalecer suas habilidades de enfrentamento positivo para lidar efetivamente com os diversos estressores encontrados no mundo da vida.

Apontamos para a necessidade de estudos de intervenção que avaliem a eficácia das estratégias de enfrentamento utilizadas pelos estudantes de graduação em Enfermagem para

manter a saúde mental durante a sua vivência acadêmica. Também ressaltamos a importância da realização de estudos que avaliem os fatores estressores e seus impactos na vida do estudante, desde o desempenho acadêmico até a vida pessoal e sociofamiliar.

Consideramos também a necessidade de as universidades desenvolverem reformas curriculares, a fim de reduzirem os conteúdos e carga horária excessiva dos cursos de Enfermagem, deixarem um tempo livre para o estudante, seja para o lazer ou para o envolvimento em outras atividades que a universidade oferece.

O fato de não mensurarmos a eficácia das estratégias utilizadas pelos estudantes para o cuidado de si pode constituir uma limitação deste estudo. Entretanto, essa não é a proposta de um estudo fenomenológico. Intencionamos aqui compreender como o sujeito opera com suas vivências, para produzir um novo modo de ser e estar no mundo.

Declaração de conflito de interesses:

Os autores declaram que não há conflito de interesses.

REFERÊNCIAS

- Almeida, L.Y., Carrer, M.O., Souza, J., & Pillon, S.C. (2018). Avaliação do apoio social e estresse em estudantes de enfermagem [Internet]. *Rev Esc Enferm USP*, 52:e03405. Acesso em 14 de janeiro de 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/s1980-220x2017045703405>.
- Barlem, J.G.T., Lunardi, V.L., Bordignon, S.S., Barlem, E.L.D., Lunardi Filho, W.D., Silveira, R.S. et al. (2012). Opção e evasão de um curso de graduação em enfermagem: percepção de estudantes evadidos [Internet]. *Rev Gaúcha Enferm.*, 33(2), 132-8. Acesso em 18 de janeiro de 2020. Doi: <https://doi.org/10.1590/S1983-14472012000200019>.
- Batista, N.S., & Ribeiro, M.C. (2016). O uso da música como recurso terapêutico [Internet]. *Rev Ter Ocup Univ São Paulo*, 27(3), 336-41. Acesso em 22 de janeiro de 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2238-6149.v27i3p336-341>
- Bublitz, S., Guido, L.A., Lopes, L.F.D., & Freitas, E.O. (2016). Association between nursing students' academic and sociodemographic characteristics and stress [Internet]. *Texto Contexto Enferm.*, 25(4), e2440015. Acesso em 20 de janeiro de 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/0104-07072016002440015>.
- Deasy, C., Coughlan, B., Pironom, J., Jourdan, D., & Mannix-Mcnamara, P. (2014). Psychological Distress and Coping amongst Higher Education Students: A Mixed Method Enquiry [Internet]. *PLoS One.*, 9(12), e115193. Acesso em 20 de janeiro de 2020 de <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC4266678/>.
- Fernandes, H.M. (2018). Atividade física e saúde mental em adolescentes: o efeito mediador da autoestima e da satisfação corporal [Internet]. *Revista de Psicología del Deporte/ Journal of Sport Psychology*, 27(1), 67-75. Acesso em 22 de janeiro de 2020 de <https://books.google.com.br/books?hl=en&lr=&id=CRBzDwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PA67&dq=atividade+f%C3%ADsica+e+sa%C3%BAde+mental&ots=wI9PJuDICE&sig=kc4GmghaW3j9IBqSDfb53aMDu5g#v=onepage&q=atividade%20f%C3%ADsica%20e%20sa%C3%BAde%20mental&f=false>
- Fernandes, M.A., Moita, F.K., Nascimento, M.P.V., Santos, J.D.M., & Paiva, M.H.P. (2019). Alcohol consumption among nursing students of a university center [Internet]. *SMAD, Rev. Eletrônica Saúde Mental Álcool Drog.*, 15(2), 38-44. Acesso em 21 de janeiro de 2020. DOI: <https://dx.doi.org/10.11606/issn.1806-6976.smad.2019.000401>.
- Freitas, A.C.M., Malheiros, R.M.M., Lourenço, B.S., Pinto, F.F., Souza, C.C., & Almeida, A.C.L. (2018). Fatores intervenientes na qualidade de vida do estudante de enfermagem [Internet]. *Rev enferm UFPE on line.*, 12(9), 2376-85. Acesso em 06 de dezembro de 2019. DOI: <https://doi.org/10.5205/1981-8963-v12i8a230110p2376-2385-2018>.
- Galdino, M.J.Q., Martins, J.T., Haddad, M.C.F.L., & Ribeiro, R.P. (2016). Mestrado em enfermagem: sentimentos vivenciados por estudantes [Internet]. *Journal of Nursing UFPE on line*, 10(2), 501-7. Acesso em 08 de fevereiro de 2020. DOI: [10.5205/reuol.8557-74661-1-SM1002201616](https://doi.org/10.5205/reuol.8557-74661-1-SM1002201616).

- Graner, K., Moraes, A., Torres, A., Lima, M., Rolim, G., & Ramos-Cerqueira, A. (2018). Prevalence and correlates of common mental disorders among dental students in Brazil. *PLoS ONE*, 13(9), 1-11. Acesso em 08 de fevereiro de 2020. DOI: <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0204558>.
- Hernández, Y.N., Pacheco, J.A.C., & Larreynaga, M.R. (2017). La teoría Déficit de autocuidado: Dorothea Elizabeth Orem [Internet]. *Gaceta Médica Espirituana*, 19(3). Acesso em 21 de janeiro de 2020 de <https://www.medigraphic.com/pdfs/espirtuana/gme-2017/gme173i.pdf>.
- Hirsch, C.D., Barlem, E.L.D., Almeida, L.K., Tomaschewski-Barlem, J.G., Lunardi, V.L., & Ramos, A.M. (2018). Stress triggers in the educational environment from the perspective of nursing students [Internet]. *Texto Contexto Enferm*, 27(1), e0370014. Acesso em 06 de dezembro de 2019. DOI: <https://doi.org/10.1590/0104-07072018000370014>.
- Labrague, L.J., Mcenroe-Petitte, D.M., Amri, M.A., Fronda, D.C., & Obeidat, A.A. (2018). An integrative review on coping skills in nursing students: implications for policymaking [Internet]. *International Nursing Review*, 65(Edição 2), 279-91. Acesso em 20 de janeiro de 2020 de <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/inr.12393>.
- Mccarthy, B., Trace, A., O'Donovan, M., Brady-Nevin, C., Murphy, M., & O'Shea, M., et al. (2018). Nursing and midwifery students' stress and coping during their undergraduate education programmes: An integrative review [Internet]. *Nurse Educ Today*, 61, 197-209. Acesso em 20 de janeiro de 2020 de <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/29227889>.
- Mendes, F., & Lopes, M.J. (2014). Health vulnerabilities: the diagnosis of freshmen from a portuguese university [Internet]. *Texto Contexto Enferm*, 23(1), 74-82. Acesso em 14 de janeiro de 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-07072014000100009>.
- Merleau-Ponty, M. (2012). *A prosa do mundo* (1ª ed.). São Paulo, SP: Cosac Naify.
- Merleau-Ponty, M. (2014). *O visível e o invisível*. São Paulo, SP(BR): Perspectiva.
- Merleau-Ponty, M. (2015). *Fenomenologia da percepção*. São Paulo, SP: Martins Fontes.
- Reis, C.C.A., Sena, E.L.S., & Menezes, T.M.O. (2016). Vivências de familiares cuidadores de pessoas idosas hospitalizadas e a experiência de intercorporeidade [Internet]. *Esc Anna Nery*, 20(3), e20160070. Acesso em 02 de fevereiro de 2020. DOI: <https://doi.org/10.5935/1414-8145.20160070>.
- Sena, E.L.S. (2006). *A experiência do outro nas relações de cuidado: uma visão merleau-pontyana sobre as vivências de familiares cuidadores de pessoas com doença de Alzheimer*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Doutorado em Enfermagem, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, Brasil.
- Silva, R.M., Costa, A.L.S., Mussi, F.C., Lopes, V.C., Batista, K.M., & Santos, O.P. (2019). Health alterations in nursing students after a year from admission to the undergraduate course [Internet]. *Rev Esc Enferm USP*, 53, e03450. Acesso em 02 de fevereiro de 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S1980-220X2018008103450>

- Souza, J., Hamilton, H., & Wright, M.G.M. (2019). Academic performance and consumption of alcohol, marijuana, and cocaine among undergraduate students from Ribeirão Preto – Brazil [Internet]. *Texto Contexto Enferm*, 28(Spe), e315. Acesso em 20 de janeiro de 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/1980-265x-tce-cicad-3-15>.
- Valdebenito, M.A.B. (2017). Autoeficacia y vivencias académicas em estudantes universitários [Internet]. *Acta Colombiana de Psicología*, 20(1), 266-74. Acesso em 21 de janeiro de 2020. DOI: <http://www.dx.doi.org/10.14718/ACP.2017.20.1.13>

6 O QUE FICOU DAS EXPERIÊNCIAS INACABADAS

O presente estudo, desenvolvido com estudantes do Curso de Graduação em Enfermagem, emergiu da vivência docente, que mobilizou a abertura para relações dialógicas e intersubjetivas, as quais possibilitaram a construção do conhecimento sobre a saúde mental dos universitários. Para tanto, promovemos um entrelaçamento com a fundamentação fenomenológica de Maurice Merleau-Ponty, na perspectiva da percepção humana como vivência do *corpo próprio*.

O ponto de partida veio da inquietação para compreender o que tem ocorrido no mundo acadêmico que as pessoas, sobretudo os estudantes, estão queixando-se tanto do adoecimento mental. Assim, seria possível fazer ver outras maneiras de ensinar, de construir conhecimento e desenvolver o cuidado, uma vez que é incoerente ao processo de formação em Enfermagem, profissão voltada ao cuidado da saúde individual e coletiva, o descuido da saúde dos estudantes da própria área.

Nessa perspectiva, encontramos na fenomenologia merleau-pontyana o embasamento teórico-filosófico necessário para desvelar perfis no campo fenomenal que engendra o tema em questão. Esse referencial permitiu suspender teses, discursos naturalizados, fazer ver ambiguidades relacionadas ao pressuposto teórico que defendíamos antes da produção e compreensão das descrições vivenciais, a saber: os estudantes do curso de Enfermagem podem entrar em um processo de sofrimento psíquico devido às situações geradoras de estresse vivenciadas na universidade, caso não possuam um suporte familiar e universitário para auxiliá-los no enfrentamento dessas situações.

Em resposta ao nosso problema de pesquisa, a seguir, apresentamos os principais resultados desvelados sobre as vivências dos estudantes de Enfermagem, que estão entrelaçadas às nossas vivências. Não obstante termos consciência de que tais resultados constituem apenas perfis de um horizonte que nos escapa como totalidade, para fins de cumprimento acadêmico, tivemos que objetivá-los por meio da elaboração de três manuscritos intitulados: 1) Vítima e vilã: experiência ambígua de estudantes de enfermagem no contexto universitário; 2) Vivência ambígua do estudante do Curso de Graduação em Enfermagem ao distanciar-se da família; e 3) Estratégias de estudantes de Enfermagem para o cuidado de si no contexto Universitário: estudo fenomenológico.

No primeiro manuscrito percebemos que os participantes do estudo desvelam uma percepção ambígua sobre o contexto universitário, apresentando um discurso naturalizado, objetivista, no qual apontam a universidade como um “em si”, como vilã responsável por

causar sofrimento e por afetar negativamente sua saúde mental. Visão esta, que deixa à margem todo o contexto de vida que os entorna, além do território universitário.

Mas, ao mesmo tempo, o estudante revela a potência do mundo universitário para abrir possibilidades à sua transcendência enquanto *corpo próprio*, uma vez que ao viver a universidade há crescimento, tanto no âmbito pessoal quanto profissional, pois desenvolve autonomia, responsabilidade, independência, além de todo conhecimento científico que adquire no processo formativo. Ademais, à luz do pensamento merleau-pontyano, percebemos que, independentemente das circunstâncias vividas, sejam elas de sofrimento ou de crescimento, sempre há possibilidade de transcendência.

O segundo manuscrito traz uma reflexão sobre a maneira como os estudantes lidam com o afastamento da família a partir da inserção na universidade. Por meio da intersubjetividade eles desvelaram o entrelaçamento de sentimentos com seus familiares, o que os faz sofrerem com o distanciamento. Essa *coexistência* se desvela, tanto por meio de sentimentos prazerosos, quanto por descontentamento, a depender de como era essa relação antes do ingresso no mundo universitário.

Também se fez ver nas descrições a vivência ambígua entre o sentir e o pensar, o conflito entre desejar atender aos próprios sentimentos e o estar preso racionalmente a questões de ordem moral, ao mundo social. Por um lado, o estudante quer estar com a família, mas decide distanciar-se dela para ir à busca da formação profissional. Por outro lado, quer estar longe da família para adquirir independência e libertar-se, mas se sente preso à culpa de dever satisfação àqueles que foram responsáveis por sua criação.

Assim, entendemos que o estudante, a depender da relação familiar, pode passar por experiência de sofrimento ou de liberdade e crescimento. Mas em ambas é possível ressignificar a relação de distanciamento da família e reconhecer o crescimento pessoal; e, mediante a capacidade de resiliência, pode viver a experiência do *eu posso*, por meio da temporalidade.

O terceiro manuscrito descreve as estratégias para o cuidado de si utilizadas pelos estudantes diante do enfrentamento de situações geradoras de estresse e do sofrimento vivido. Para discutir esse autocuidado, relacionamos as estratégias às cinco dimensões do corpo desenvolvidas por Merleau-Ponty, e percebemos que as variadas formas de cuidar de si que os estudantes empregam, estão sempre voltadas ao alcance do *corpo do outro*, e sempre acontecem na intersubjetividade e intercorporalidade, não de forma solitária.

O estudo em todo o seu processo mostrou-se relevante, especialmente, pelos referenciais teóricos, filosófico e metodológico utilizados, que permitiram experiências não

apenas de pesquisa, mas de cuidado aos participantes, uma vez que tivemos a oportunidade de realizar rodas de Terapia Comunitária com eles e, por conseguinte, promover escuta, interação social e saúde mental. Portanto, acreditamos que esta foi a contribuição social mais imediata e proativa do estudo, no sentido de mobilizar recursos individuais e coletivos dos próprios estudantes para o cuidado de si. Ademais, a pesquisa fenomenológica em si já se constitui uma experiência imensurável, por proporcionar intersubjetividade e transcendência, o que corresponde à ressignificação de vidas.

O tema é bastante atual e apelativo à construção de conhecimentos que subsidiem a formulação de políticas de produção do cuidado de saúde mental direcionadas aos estudantes universitários. E em específico à demanda dos graduandos do curso de Enfermagem, que possui características singulares, primeiro, por estar na área da saúde e envolver o lidar com situações dicotômicas como saúde-doença e vida-morte, o que pode afetar, sobremaneira, o aspecto emocional do estudante; segundo, por constituir-se de currículos com extensos conteúdos e, conseqüente, elevadas cargas horárias teóricas e práticas das disciplinas, o que sobrecarrega os estudantes e não lhes permitem tempo livre, por exemplo, para atividades de lazer e interação sociofamiliar.

Além disso, como o estudo foi desenvolvido no próprio espaço universitário, passou a ser de conhecimento de muitos docentes do curso e, portanto, favoreceu a abertura de um novo modo de ver o contexto de vida dos estudantes e de refletir sobre suas práticas enquanto docentes, até mesmo com respeito a projetos de extensão que visem a promover saúde mental da comunidade acadêmica. Assim, consideramos que o estudo repercutiu institucionalmente em melhoras de relações interpessoais e do apoio a alguns estudantes que expressaram sentir-se: desamparados, especialmente, devido ao afastamento familiar; sobrecarregados; estafados; tristes; angustiados e com medo de fracasso no rendimento acadêmico e vida profissional futura.

Nesse sentido, como repercussão maior do estudo, esperamos contribuir para que a saúde mental dos estudantes seja acompanhada durante todo o período do Curso de Graduação em Enfermagem, e que sejam estabelecidas ações de “prevenção” de transtornos mentais comuns entre os estudantes, como, por exemplo, a implantação de componentes curriculares para lidar com o estresse nos cursos de Enfermagem. Ou seja, o saber originário desse estudo pode ser aplicado na tríade universitária: ensino, pesquisa e extensão.

A nosso ver, repensar as práticas, implementar programas de tutoria bem planejados, institucionalizar um programa de orientação eficaz ao discente, podem se constituir ações úteis no apoio aos estudantes de Enfermagem durante sua formação. Ao desenvolver

intervenções de saúde mental o corpo docente pode auxiliar os universitários a fortalecer suas habilidades de enfrentamento para lidar efetivamente com os múltiplos estressores encontrados. Desse modo, é indispensável que os docentes tenham conhecimento dos fatores estressores aos quais os estudantes estão vulneráveis, e do impacto que produzem na vida deles.

Pensar na saúde dos estudantes universitários, sobretudo na saúde mental, não deve ser uma preocupação apenas de profissionais do campo da saúde mental, mas de toda a rede universitária, sejam gestores, docentes, técnicos, para que seja propagada e valorizada por toda a instituição de ensino superior, envolvendo o ambiente de ensino-aprendizagem em sua integralidade. Assim, esperamos que este estudo possa mobilizar os diversos seguimentos da universidade, no sentido de elaborar uma política de saúde mental para a instituição que inclua projetos de promoção da saúde para acadêmicos da área da saúde, que são os mais afetados pela carga horária excessiva de atividades.

É urgente que se discutam a reformulação curricular dos Cursos de Graduação em Enfermagem, buscando uma redução no excesso de carga horária de aulas teóricas, práticas e atividades avaliativas, para que o estudante consiga manter um vínculo familiar desejado, bem como conciliar o tempo de estudos com atividades recreativas para a manutenção da sua saúde mental. Desse modo, o estudo pode ter implicações no ensino e na política de Enfermagem.

Também apontamos a necessidade de maior aproximação da família com seus entes que estão vivenciando a universidade, para que se tenha conhecimento das demandas do mundo universitário e da realidade que é o contexto de vida acadêmico, e assim possa apoiar, de forma eficaz, os estudantes, repensando seu modo de cuidar.

Por fim, sabemos que esse estudo não se encerra aqui, uma vez que assim como afetamos os estudantes de Graduação em Enfermagem que participaram do estudo, também fomos afetados por eles, pela intersubjetividade e intercorporalidade emergidas dessa pesquisa. Enquanto docente, há a pretensão de dar continuidade com as rodas de TC na universidade, objetivando promover saúde para a comunidade acadêmica e participar de discussões no sentido da reformulação do curso.

Ademais, desenvolver essa pesquisa nos proporcionou uma maior aproximação dos discentes, fazendo-nos refletir sobre a própria atuação docente e buscar melhorias para agir de forma mais humana, pensando sempre para além do contexto acadêmico.

REFERÊNCIAS

- ACEVEDO, V.E.; RESTREPO, L. De profesores, familias y estudiantes: fortalecimiento de la resiliencia en la escuela. **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud.**, v. 10, n.1, p. 301-19, 2012. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=3935040>. Acesso em: 14 janeiro 2020.
- ALMEIDA, L.Y. et al. Avaliação do apoio social e estresse em estudantes de enfermagem. **Rev Esc Enferm USP**, v. 52, e03405, 2018 Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s1980-220x2017045703405>. Acesso em: 14 janeiro 2020.
- ANDRADE, L.M. **Percepção de pessoas idosas integrantes de grupos de convivência sobre o viver/envelhecer cidadão**. [Dissertação] Programa de Pós-Graduação em Enfermagem e Saúde, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Jequié(BA), 2012, 155f.
- ARAÚJO, M.A.N. et al. Qualidade de vida de estudantes de enfermagem. **Rev Rene**, v. 15, n.6, p.990-7, Nov-Dez 2014.
- ARIÑO, D.O.; BARDAGI, M.P. Relação entre Fatores Acadêmicos e a Saúde Mental de Estudantes Universitários. **Psicol. Pesqui.**, v. 12, n.3, p. 44-52, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/psicologiaempesquisa/article/view/23791>. Acesso em: 17 julho 2019.
- BARBOZA, M.C.; SOARES, M.H. Analysis of stress-causing factors in the final undergraduate year of the nursing course. **Acta Scientiarum. Health Sciences**. Maringá, v.34, n.2, p. 177-83, July-Dec 2012.
- BARLEM, J.G.T. et al. Opção e evasão de um curso de graduação em enfermagem: percepção de estudantes evadidos. **Rev Gaúcha Enferm**. Porto Alegre, v.33, n.2, p.132-8, jun 2012.
- BARLEM, J.G.T. et al. Manifestações da Síndrome de Burnout entre estudantes de graduação em enfermagem. **Texto Contexto Enferm**. Florianópolis, v.22, n.3, p. 754-62, Jul-Set 2013.
- BARRETO, A.P. **Terapia Comunitária: passo a passo**. 4ª ed. revista e ampliada. Fortaleza: Gráfica LCR, 2008. 408p.
- BATISTA, N.S., RIBEIRO, M.C. O uso da música como recurso terapêutico. **Rev Ter Ocup Univ São Paulo**, v. 27, n.3, p. 336-41, 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2238-6149.v27i3p336-341>. Acesso em: 22 janeiro 2020.
- BENAVENTE, S.B.T. et al. Influencia de fatores de estresse e características sociodemográficas na qualidade do sono de estudantes de enfermagem. **Rev Esc Enferm USP**, v.48, n.3, p. 514-20, 2014.
- BIOLCATI, R.; AGOSTINI, F.; MANCINI, G. Analytical psychodrama with college students suffering from mental health problems: Preliminary outcomes. **Research in Psychotherapy: Psychopathology, Process and Outcome**, v. 20, p. 201-9, 2017. Disponível em: <https://sipsapsicodrama.org/wp-content/uploads/2017/11/Biolcati-Analytical-Psychodrama.pdf>. Acesso em: 10 janeiro 2020.

BORINE, R.C.C.; WANDERLEY, K.S.; BASSITT, D.P. Relação entre a Qualidade de Vida e o estresse em acadêmicos da área da saúde. **Estudos Interdisciplinares em Psicologia**, v. 6, n.1, p. 100-18, 2015. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/eip/v6n1/a08.pdf>. Acesso em: 17 julho 2019.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde (CNS). Resolução Nº 466 de 12 de dezembro de 2012. **Dispõe sobre Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisa envolvendo seres humanos**. Brasília.

BUBLITZ, S. et al. Perfil sociodemográfico e acadêmico de discentes de enfermagem de quatro instituições brasileiras. **Rev Gaúcha Enferm.**, v.36, n.1, p.77-83, mar 2015.

BUBLITZ, S., et al. Association between nursing students' academic and sociodemographic characteristics and stress. **Texto Contexto Enferm.**, v.25, n.4, e2440015, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0104-07072016002440015>. Acesso em: 20 janeiro 2020.

CAMARGO, R.M.; SOUSA, C.O.; OLIVEIRA, M.L.C. Prevalência de casos de depressão em acadêmicos de enfermagem em uma instituição de ensino de Brasília. **Rev Min Enferm.**, v.18, n.2, p. 392-7, abr-jun 2014.

CARÍCIO, M.R. **Terapia Comunitária: um encontro que transforma o jeito de ver e conduzir a vida**. [Dissertação] Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa (PB), 2010. 133p.

CARVALHO, P.A.L. et al. O sentimento de coexistência e os cuidados à pessoa em sofrimento mental. **Cienc. Cuid. Saude**, v. 10, n. 4, p. 658-65, 2011. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/CiencCuidSaude/article/view/18308>. Acesso em: 29 abril 2019.

CARVALHO, P.A.L. et al. Human care in light of Merleau-Ponty's phenomenology. **Texto Contexto Enferm.**, v. 28, e20170249, 2019. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.1590/1980-265X-TCE-2017-0249>. Acesso em 10 dezembro 2019.

CASTRO, V.R. Reflexões sobre a saúde mental do estudante universitário: estudo empírico com estudantes de uma instituição pública de ensino superior. **Revista Gestão em Foco**, Edição nº 9, p. 380-401, 2017. Disponível em: http://portal.unisepe.com.br/unifia/wp-content/uploads/sites/10001/2018/06/043_saude_mental.pdf. Acesso em: 11 novembro 2019.

CEJUDO, J.; LÓPEZ-DELGADO, M.L.; RUBIO, M.J. Inteligencia emocional y resiliencia: su influencia en la satisfacción con la vida en estudiantes universitarios. **Anuario de Psicología**, v. 46, Issue 2, p. 51-7, 2016. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0066512616300071>. Acesso em: 12 janeiro 2020.

CERCHIARI, E.A.N. **Saúde mental e qualidade de vida em estudantes universitários**. [Tese] Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Ciências Médicas. Campinas(SP), 2004. 243p.

COSTA, E.F.O. et al. Common mental disorders and associated factors among final-year healthcare students. **Rev Assoc Med Bras.**, v.60, n.6, p.525-30, 2014.

COZZA, H.F.P. et al. Avaliação de estresse no ambiente de trabalho de um grupo de estudantes de enfermagem. **Advances in Health Psychology**, v.21, n.1, p. 41-7, Jan-Jun 2013.

DEASY, C. et al. Psychological Distress and Coping amongst Higher Education Students: A Mixed Method Enquiry. **PLoS One.**, v. 9, n.12, e115193, 2014. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC4266678/>. Acesso em: 20 janeiro 2020.

DIAS, E.P. et al. Expectativas de alunos de enfermagem frente ao primeiro estágio em instituições de saúde. **Rev. Psicopedagogia**, v. 31, n. 94, p. 44-55, 2014.

DUTRA, E. Suicídio de universitários: o vazio existencial de jovens na contemporaneidade. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 12, n. 3, p 924-37, 2012. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812012000300013. Acesso em: 14 outubro 2019.

ESKIN, M.; et al. A cross-cultural investigation of suicidal behavior and attitudes in Austrian and Turkish medical students. **Social Psychiatry and Psychiatric Epidemiology**, v. 46, n.9, p. 813-823, 2011. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s00127-010-0254-7>. Acesso em: 10 outubro 2019.

ESPERIDIÃO, E. et al. A saúde mental do aluno de enfermagem: revisão integrativa da literatura. **SMAD, Rev. Eletrônica Saúde Mental Álcool Drog.**, v. 9, n. 3, p. 144-53, Sept.-Dec. 2013.

FARIA, Y.O.; GANDOLFI, L.; MOURA, L.B.A. Prevalência de comportamentos de risco em adulto jovem e universitário. **Acta Paul Enferm.**, v.27, n.6, p.591-5, 2014.

FERENHOF, H.A.; FERNANDES, R.F. Desmistificando a revisão de literatura como base para redação científica: método SSF. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis, SC**, v. 21, n. 3, p. 550-563, ago./nov. 2016. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Helio_Ferenhof/publication/325070845_DESMISTIFICANDO_A_REVISAO_DE_LITERATURA_COMO_BASE_PARA_REDACAO_CIENTIFICA_METODO_SSF/links/5af4caad4585157136ca3889/DESMISTIFICANDO-A-REVISAO-DE-LITERATURA-COMO-BASE-PARA-REDACAO-CIENTIFICA-METODO-SSF.pdf. Acesso em: 09 junho 2020.

FERREIRA FILHA, M.O.; et al. Alcoolismo no contexto familiar: estratégias de enfrentamento das idosas usuárias da Terapia Comunitária. **Rev Rene.**, v. 13, n.1, p.26-35, 2012.

FERNANDES, M.A. Alcohol consumption among nursing students of a university center. **SMAD, Rev. Eletrônica Saúde Mental Álcool Drog.**, v. 15, n.2, p. 38-44, 2019. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.11606/issn.1806-6976.smad.2019.000401>. Acesso em: 21 janeiro 2020.

FERNANDES, H.M. Atividade física e saúde mental em adolescentes: o efeito mediador da autoestima e da satisfação corporal. **Revista de Psicología del Deporte/ Journal of Sport Psychology**, v. 27, n.1, p. 67-75, 2018. Disponível em:

<https://books.google.com.br/books?hl=en&lr=&id=CRBzDwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PA67&dq=atividade+f%C3%ADsica+e+sa%C3%BAde+mental&ots=wI9PJuDICE&sig=kc4GmghaW3j9IBqSDfb53aMDu5g#v=onepage&q=atividade%20f%C3%ADsica%20e%20sa%C3%BAde%20mental&f=false>. Acesso em: 22 janeiro 2020.

FRANCO, S.A. et al. Suicídio em estudantes universitários em Bogotá, Colombia, 2004-2014. **Ciência & Saúde Coletiva**, v.22, n.1, p.269-278, 2017.

FREITAS, A.C.M. et al. Fatores intervenientes na qualidade de vida do estudante de enfermagem [Internet]. **Rev enferm UFPE on line.**, v. 12, n.9, p. 2376-85, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.5205/1981-8963-v12i8a230110p2376-2385-2018>. Acesso em: 06 dezembro 2019.

FURLAN, A.S.R.; FURLAN, R. Arte, linguagem e expressão na filosofia de Merleau-Ponty. **ARS** (São Paulo) v.3, n.5, São Paulo, 2005.

GALDINO, M.J.Q. et al. Mestrado em enfermagem: sentimentos vivenciados por estudantes. **Journal of Nursing UFPE on line**, v. 10, n.2, p. 501-7, 2016. Disponível em: [10.5205/reuol.8557-74661-1-SM1002201616](https://doi.org/10.5205/reuol.8557-74661-1-SM1002201616). Acesso em: 08 fevereiro 2020.

GARLOW, S.J. et al. Depression, desperation, and suicidal ideation in college students: Results from the American Foundation for Suicide Prevention College Screening Project at Emory University. **Depression and Anxiety**, v. 25, n.6, p. 482-8, 2008. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/17559087>. Acesso em: 10 outubro 2019.

GÓMEZ, P.F.; COMETTO, M.C.; CERINO, S. Entornos educativos saludables de los estudiantes universitarios de enfermería. **Enfermería Global**, n.38, p.128-39, Abr 2015.

GONÇALVES, J.R.L. et al. Significado de vivenciar um grupo terapêutico junto a um projeto de extensão: relato de experiência. **REAS**, v. 2, n. 3, p. 88-95, 2013.

GRANER, K. Prevalence and correlates of common mental disorders among dental students in Brazil. **PLoS ONE**, v. 13, n.9, p. 1-11, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0204558>. Acesso em: 08 fevereiro 2020.

GUIMARÃES, F.J.; FERREIRA FILHA, M.O. Repercussões da Terapia Comunitária no cotidiano de seus participantes. In: FERREIRA FILHA, M.O.; LAZARTE, R.; DIAS, M.D. **Terapia Comunitária Integrativa: uma construção coletiva do conhecimento**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2013. 346p.

HERRERA, L.M.L.; RIVERA, M.S.M. Prevalencia de malestar psicológico en estudiantes de enfermería relacionada con factores sociodemográficos, académicos y familiares. **Ciencia y Enfermería**, v. XVII, n. 2, p. 55-64, 2011.

HERNÁNDEZ, Y.N.; PACHECO, J.A.C.; LARREYNAGA, M.R. La teoría Déficit de autocuidado: Dorothea Elizabeth Orem. **Gaceta Médica Espirituana**, v. 19, n.3, 2017. Disponível em: <https://www.medigraphic.com/pdfs/espirtuana/gme-2017/gme173i.pdf>. Acesso em: 21 janeiro 2020.

HIRSCH, C.D. et al. Stress triggers in the educational environment from the perspective of nursing students. **Texto Contexto Enferm.**, v. 27, n.1, e0370014, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0104-07072018000370014>. Acesso em: 06 dezembro 2019.

JABBUR, M.F.L.O.; COSTA, S.M.; DIAS, O.V. Percepções de acadêmicos sobre a enfermagem: escolha, formação e competências da profissão. **Rev Norte Min Enferm.**, v. 1, n.1, p. 3-16, 2012.

JATAI, J.M.; SILVA, L.M.S. Enfermagem e a implantação da Terapia Comunitária Integrativa na Estratégia Saúde da Família: relato de experiência. *Rev Bras Enferm*, Brasília, v.65, n.4, p.691-5, jul-ago 2012.

JOMAR, R.T.; SILVA, E.S. Consumo de bebidas alcoólicas entre estudantes de Enfermagem. **Aquichan.**, v. 13, n. 2, p. 226-33, 2013.

KLAININ-YOBAS, P.; HE, H.G.; LAU, Y. Physical fitness, health behaviour and health among nursing students: A descriptive correlational study. **Nurse Education Today** [Internet]. v.35, n.12, p.1199–205, Dec 2015. Disponível em: [http://www.nurseeducationtoday.com/article/S0260-6917\(15\)00266-X/fulltext](http://www.nurseeducationtoday.com/article/S0260-6917(15)00266-X/fulltext). Acesso em: 12 junho 2017.

LABRAGUE, L.J. et al. An integrative review on coping skills in nursing students: implications for policymaking. **International Nursing Review**, v. 65, Edição 2, p. 279-91, 2018. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/inr.12393>. Acesso em: 20 janeiro 2020.

LABRONICI, L.M. Resilience in women victims of domestic violence: a phenomenological view. **Texto Contexto Enferm.**, v. 21, n.3, p. 625-32, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-07072012000300018>. Acesso em: 10 janeiro 2020.

LEAL, S.C.; SANTOS, J.C. Comportamentos suicidas, apoio social e razões para viver entre estudantes de enfermagem. **Enfermeira Educação Hoje**, v.36, p. 434-438, jan 2016. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0260691715003986?via%3Dihub>. Acesso em: 06 maio 2019.

LEÃO, A.M. et al. Prevalência e Fatores Associados à Depressão e Ansiedade entre Estudantes Universitários da Área da Saúde de um Grande Centro Urbano do Nordeste do Brasil. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 42, n.4, p. 55-65, 2018. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbem/v42n4/1981-5271-rbem-42-4-0055.pdf>. Acesso em: 10 outubro 2019.

LONZOY, A.C.; ZEGARRA, D.V.; JESÚS, A.P. Propiedades psicométricas de la Escala de Comunicación Familiar en estudiantes universitarios. **Revista Costarricense de Psicología**, v.35, n.1, p.31-46, Ene-Jun 2016.

LOBO, A.; BARREAL, R.; SALGADO, M.L. La percepción del bienestar de los estudiantes del último año en la licenciatura de enfermería. **Revista Iberoamericana de Educación e Investigación en Enfermería**, v.5, n.2, p.33-9, 2015.

MACÊDO, S. Sofrimento Psíquico e Cuidado com Universitários: reflexões e intervenções fenomenológicas. **ECOS**, v. 8, n.2, p. 265-77, 2018. Disponível em: <http://www.periodicoshumanas.uff.br/ecos/article/view/2844/1566>. Acesso em: 11 novembro 2019.

MATTHEWS, E. **Comprender Merleau-Ponty**. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

MAURÍCIO, L.F.S.; MARCOLAN, J.F. O ser masculino em sofrimento psíquico no curso de enfermagem. **Rev enferm UFPE on line**. Recife, v.10, Supl. 6, p. 4845-53, dez 2016.

MCCARTHY, B. et al.. Nursing and midwifery students' stress and coping during their undergraduate education programmes: An integrative review. **Nurse Educ Today**, v. 61, p. 197-209, 2018. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/29227889>. Acesso em: 20 janeiro 2020.

MENDES, F.; LOPES, M. J. Vulnerabilidades em saúde: o diagnóstico dos caloiros de uma universidade portuguesa. **Texto Contexto Enferm**, v. 23, n. 1, p. 74-82, Jan-Mar 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-07072014000100009>. Acesso em: 12 junho 2017.

MERLEAU-PONTY, M. **A prosa do mundo**. 1ª ed. Cosac Naify Portátil. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

MERLEAU-PONTY, M. **O olho e o espírito**. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

MERLEAU-PONTY, M. **O visível e o invisível**. São Paulo: Perspectiva, 2014.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2015.

MINAYO, M.C.S. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 29. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

MOHEBBI, Z. State of Mental Health and Associated Factors in Nursing Students from Southeastern Iran. **Invest Educ Enferm.**, v.37, n.3, e04, 2019. Disponível em: [10.17533/udea.iee.v37n3e04](https://doi.org/10.17533/udea.iee.v37n3e04). Acesso em: 27 novembro 2019.

NEVES, M.C.C.; DALGALARRONDO, P. Transtornos mentais auto-referidos em estudantes universitários. **J Bras Psiquiatr**, v. 56, n. 4, p. 237-44, 2007.

NÓBREGA, T.P. Corpo, percepção e conhecimento em Merleau-Ponty. **Estudos de Psicologia**, v.13, n.2, p.141-148, 2008.

NOGUEIRA-MARTINS, L.A.; NOGUEIRA-MARTINS, M.C.F. Saúde Mental e Qualidade de Vida de estudantes universitários. **Rev Psi Divers Saúde**, v. 7, n.3, p. 334-7, 2018. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/327594756_Saude_mental_e_qualidade_de_vida_d_e_estudantes_universitarios. Acesso em: 27 novembro 2019.

- OPAS/OMS BRASIL. **Determinantes sociais e riscos para a saúde, doenças crônicas não transmissíveis e saúde mental** – Folha informativa: saúde mental dos adolescentes. Organização Pan-Americana da Saúde / Organização Mundial da Saúde, 2018. Disponível em: https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5779:folha-informativa-saude-mental-dos-adolescentes&Itemid=839. Acesso em: 06 maio 2019.
- PADOVANI, R.C. Vulnerabilidade e bem-estar psicológicos do estudante universitário. **Rev. bras.ter. cogn.**, v. 10, n.1, p. 02-10, 2014. Disponível em: http://www.rbtc.org.br/detalhe_artigo.asp?id=188. Acesso em: 18 julho 2019.
- PAIANO, M. et al. Cuidar e ser Cuidado: a opinião de acadêmicos de enfermagem sobre um projeto de saúde mental. **SMAD, Rev. Eletrônica Saúde Mental Álcool Drog.**, v.8, n.2, p.94-99, May.-Aug. 2012.
- PEREIRA, M.A.D. et al. Estresse profissional – A percepção dos alunos sobre a disciplina Estratégias de Enfrentamento do Estresse Profissional e as mudanças na vida após cursá-la. **Investigação Qualitativa em Ciências Sociais**. Goiânia, v.3, n.1, p.174-9, 2014.
- PEREIRA, A.G.; CARDOSO, F.S. Ideação Suicida na População Universitária: Uma Revisão de Literatura. **Revista E-Psi**, v.5, n.2, p. 16-34, 2015.
- PERIUS, C. A definição da fenomenologia: Merleau-Ponty leitor de Husserl. **Trans/Form/Ação**, Marília, v.35, n.1, p.137-46, Jan-Abr 2012.
- PIZZI, M.L.G. Conceituação de família e seus diferentes arranjos. **Revista eletrônica: LENPES-PIBID de Ciências Sociais – UEL**, v. 1, n.1, p.1-9, 2012. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/lenpes-pibid/pages/arquivos/1%20Edicao/1ordf.%20Edicao.%20Artigo%20PIZZI%20M.%20L.%20G.pdf>. Acesso em: 10 dezembro 2019.
- REIS, C.C.A.; SENA, E.L.S.; MENEZES, T.M.O. Vivências de familiares cuidadores de pessoas idosas hospitalizadas e a experiência de intercorporeidade. **Escola Anna Nery Revista de Enfermagem**, v. 20, n.3, e20160070, 2016. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-81452016000300214. Acesso em: 01 maio 2019.
- REIS, C.C.A.; MENEZES, T.M.O.; SENA, E.L.S. Vivências de familiares no cuidado à pessoa idosa hospitalizada: do visível ao invisível. **Saude soc.**, v.26, n.3, p. 702-711, 2017. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902017000300702&lng=en. Acesso em: 01 maio 2019.
- RESTELATTO, M.T.R.; DALLACOSTA, F.M. Vivências do acadêmico de enfermagem durante o estágio com supervisão indireta. **Enferm. Foco**, v. 9, n.4, p. 34-8, 2018. Disponível em: <http://revista.cofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/1156/474>. Acesso em: 17 julho 2019.
- RODRIGUES, E.O.L. et al. Stressful situations and factors in students of nursing in clinical practice. **Invest Educ Enferm.**, v.34, n.1, p. 211-20, 2016. Disponível em: <http://aprendeenlinea.udea.edu.co/revistas/index.php/iee/article/view/26011/20779360>. Acesso em: 17 julho 2019.

SANCHES, G.F. et al. Síndrome de Burnout entre concluintes de graduação em enfermagem. **Rev enferm UFPE on line**, Recife, v.11, n.1, p.31-9, Jan. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/view/11875/14327>. Acesso em: 20 julho 2019.

SANTOS, L.A.M. Educação, cultura e corporeidade: um olhar a partir da perspectiva fenomenológica de Merleau-Ponty. **Rev Tempos e Espaços em Educação**, v.7, n.13, p.165-76, mai-ago 2014.

SANTOS, H.G.B.; et al. Fatores associados à presença de ideação suicida entre universitários. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, v.25: e2878, 2017. Disponível em: <http://www.periodicos.usp.br/rlae/article/view/134940/130724>. Acesso em: 07 maio 2019.

SENA, E.L.S. **A experiência do outro nas relações de cuidado**: uma visão merleau-pontyana sobre as vivências de familiares cuidadores de pessoas com doença de Alzheimer. [Tese] Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Doutorado em Enfermagem, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis (SC), 2006.

SENA, E. L.S.; GONÇALVEZ, L.H.T. Vivências de familiares cuidadores de pessoas idosas com Doença de Alzheimer - Perspectiva da filosofia de Merleau-Ponty. **Texto Contexto Enferm**, v. 17, n. 2, p. 232-40, Abr-Jun 2008.

SENA, E.L.S. et al. Analítica da Ambiguidade: estratégia metódica para a pesquisa fenomenológica em saúde. **Rev Gaúcha Enferm.**, Porto Alegre (RS), v.31, n.4, p. 769-75, dez. 2010.

SENA, E.L.S. et al. A intersubjetividade do cuidar e o conhecimento na perspectiva fenomenológica. **Rev Rene**, Fortaleza, v. 12, n.1, p. 181-8, jan/mar 2011.

SENA, E.L.S. et al. Ambiguidade do cuidado na vivência do consumidor de drogas. **Rev Gaúcha Enferm.**, v. 38, n.2,e64345, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1983-1447.2017.02.64345>. Acesso em: 06 dezembro 2019.

SENA, E.L.S. et al. Percepção da família de adolescentes sobre o cuidado no contexto do consumo de drogas. **Rev. Eletr. Enf.**, v.20: v20a20, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.5216/ree.v20.48274>. Acesso em: 01 maio 2019.

SEQUEIRA, C. et al. Vulnerabilidade mental em estudantes de enfermagem no ensino superior: estudo exploratório. **J Nurs Health.**, v. 3, n. 2, p. 170-81, 2013.

SEVALHO, G. O conceito de vulnerabilidade e a educação em saúde fundamentada em Paulo Freire. **Interface: comunicação, saúde, educação**, v. 22, n.64, p. 177-88, 2018. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/icse/2017nahead/1807-5762-icse-1807-576220160822.pdf>. Acesso em: 18 julho 2019.

SILVA, R.R. **O perfil de estudantes de saúde universitários: um estudo sob o enfoque da psicologia da saúde**. [Dissertação] Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria (RS), 2010. 90p.

SILVA, R.M. et al. Alterações de saúde em estudantes de enfermagem um ano depois do ingresso no curso de graduação. **Rev Esc Enferm USP**, v.53, e03450, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s1980-220x2018008103450>. Acesso em: 02 fevereiro 2020.

SOARES, M.H. et al. Conceito psicológico de otimismo e uso de drogas entre estudantes de enfermagem. **Acta Paul Enferm**, v. 24, n. 3, p. 393-9, 2011.

SOARES, M.H.; OLIVEIRA, F.S. A relação entre álcool, tabaco e estresse em estudantes de enfermagem. **SMAD, Rev Eletrônica Saúde Mental Álcool Drog**. São Paulo, v.9, n.2, p.88-94, May-Aug 2013.

SOUZA, M.S. Relação entre suporte familiar, saúde mental e comportamentos de risco em estudantes universitários. **Acta Colombiana de Psicología**, v. 13, n.1, p.143-54, 2010. Available from: <http://www.scielo.org.co/pdf/acp/v13n1/v13n1a13.pdf>. Acesso em: 10 dezembro 2019.

SOUZA, J.; HAMILTON, H.; WRIGHT, M.G.M. Academic performance and consumption of alcohol, marijuana, and cocaine among undergraduate students from Ribeirão Preto – Brazil. **Texto Contexto Enferm**, v. 28, Spe, e315, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1980-265x-tce-cicad-3-15>. Acesso em: 20 janeiro 2020.

STOLIKER, B.; LAFRENIERE, K. The Influence of Perceived Stress, Loneliness, and Learning Burnout on University Students' Educational Experience. **College student jornal**, v. 49, n.1, p. 146-59, 2015. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/282817514_The_Influence_of_Perceived_Stress_Loneliness_and_Learning_Burnout_on_University_Students'_Educational_Experience. Acesso em: 14 outubro 2019.

TERRA, M.G. et al. Na trilha da fenomenologia: um caminho para a pesquisa em enfermagem. **Texto Contexto Enferm**, Florianópolis, v.15, n.4, p.672-8, Out-Dez 2006.

TERRA, M.G. **Significados da sensibilidade para o ser-docente-enfermeiro/a no ensinar e aprender a ser e fazer enfermagem à luz da fenomenologia de Maurice Merleau-Monty**. [Tese] Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis (SC), 2007. 223p.

TERRA, M.G. et al. Fenomenologia de Maurice Merleau-Ponty como referencial teórico-filosófico numa pesquisa de ensino em enfermagem. **Rev Gaúcha Enferm.**, Porto Alegre (RS), v.30, n.3, p.547-51, set 2009.

TYSSEN, R.; et al. Suicidal ideation among medical students and young physicians: A nationwide and prospective study of prevalence and predictors. **Journal of Affective Disorders**, v. 64, n. 1, p. 69-79, 2001. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0165032700002056>. Acesso em: 10 outubro 2019.

VALDEBENITO, M.A.B. Autoeficacia y vivencias académicas em estudantes universitários. **Acta Colombiana de Psicología**, v. 20, n.1, p. 266-74, 2017. Disponível em: <http://www.dx.doi.org/10.14718/ACP.2017.20.1.13>. Acesso em: 21 janeiro 2020.

VARGAS-PORRAS, C.; PARRA, D.I.; ROA-DÍAZ, Z. Factores relacionados con la intención de desertar en estudiantes de enfermeira. **Rev. cienc. cuidad.**, v. 16, n.1, p. 86-97, 2019. Disponível em: <https://revistas.ufps.edu.co/index.php/cienciaycuidado/article/view/1545>. Acesso em: 10 janeiro 2020.

VELOSO, L.U.P. Ideação suicida em universitários da área da saúde: prevalência e fatores associados. **Rev Gaúcha Enferm.**, v.40, e20180144, 2019. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/RevistaGauchadeEnfermagem/article/view/96030/54002>. Acesso em: 07 outubro 2019.

VILELA, S.C.; PACHECO, A.E.; CARLOS, A.L.S. Síndrome de Burnout e estresse em graduandos de enfermagem. **R. Enferm. Cent. O. Min.**, v. 3, n. 3, p. 780-787; set-dez 2013.

WARMLING, D.L. O corpo e as três dimensões da sexualidade na fenomenologia da percepção de Maurice Merleau-Ponty. **Cadernos do PET Filosofia**, v. 7, n.13, p. 53-73, Jan-Jun 2016.

APÊNDICE A



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA – UESB
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM E SAÚDE –
PPGES/UESB

TERMO DE ASSENTIMENTO

Você está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa “PERCEPÇÃO DE ESTUDANTES DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM SOBRE SUA SAÚDE MENTAL”. Neste estudo pretendemos compreender como os estudantes do Curso de Graduação em Enfermagem percebem a sua saúde mental no mundo universitário. O motivo que nos leva a estudar esse assunto é acreditar que os resultados poderão contribuir para a construção do conhecimento científico no que se refere à temática e para a promoção da saúde mental dos estudantes do Curso de Graduação em Enfermagem, uma vez que alertará a comunidade acadêmica sobre as dificuldades vivenciadas no decorrer do curso universitário e, durante a coleta das informações, promoverá rodas de terapia comunitária para produção das descrições vivenciais.

Para este estudo adotaremos o(s) seguinte(s) procedimento(s): a coleta de dados será realizada por meio de encontros em grupo conhecidos como Terapia Comunitária Integrativa, a qual consiste em espaços comunitários de fala, de escuta, de encontro que proporcionam a transformação do jeito de ver e conduzir a vida, pois ao compartilhar problemas/sofrimentos pode trazer alívio para si e ajudar na superação de desafios, além de promover a autonomia e empoderamento.

Para participar deste estudo, o responsável por você deverá autorizar e assinar um termo de consentimento. Você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Você será esclarecido(a) em todas as formas que desejar e estará livre para participar ou recusar-se. O responsável por você poderá retirar o consentimento ou interromper a sua participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não causará qualquer punição ou modificação na forma em que é atendido(a) pelo pesquisador que irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Você não será identificado em nenhuma publicação.

Este estudo apresenta risco mínimo, uma vez que a discussão sobre a sua saúde mental poderá gerar algum tipo de desconforto psicológico. No entanto, caso aconteça, a

pesquisadora poderá interromper o encontro, bem como poderá realizar o encaminhamento para um profissional de sua escolha. Além disso, você tem assegurado o direito a compensação ou indenização no caso de quaisquer danos eventualmente produzidos pela pesquisa. Ademais, acreditamos nos benefícios da pesquisa, tendo em vista a sua participação nas rodas de Terapia Comunitária, importante instrumento de promoção da saúde mental no âmbito comunitário.

Os resultados estarão à sua disposição quando finalizados. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a permissão do responsável por você. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 anos, e após esse tempo serão destruídos. Este termo de assentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida a você.

Eu, _____ fui informado(a) dos objetivos do presente estudo de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações, e o meu responsável poderá modificar a decisão de participar se assim o desejar. Tendo o consentimento do meu responsável já assinado, declaro que concordo em participar desse estudo. Recebi uma cópia deste termo de assentimento e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

_____, ____ de _____ de _____ .

Assinatura do(a) menor

Assinatura do(a) pesquisador(a)

Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar:

Pesquisadores Responsáveis:

Luma Costa Pereira Peixoto

Endereço: Rua N, 40, Condomínio Portal Pindorama, São Judas Tadeu, Jequié-BA.

Fone: (73) 3528-9600 / E-mail: lumacosta88@hotmail.com

Edite Lago da Silva Sena

Endereço: Rua José Moreira Sobrinho, S/N, Jequiezinho, Jequié-BA.

Fone: (73) 3528-9600 / E-mail: editelago@gmail.com

Para contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP)/UESB:

Rua José Moreira Sobrinho, S/N - UESB

Jequié (BA) - CEP: 45206-190

Fone: (73) 3528-9727 / E-mail: cepuesb.jq@gmail.com

APÊNDICE B



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA – UESB PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM E SAÚDE – PPGES/UESB

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Você está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa “PERCEPÇÃO DE ESTUDANTES DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM SOBRE SUA SAÚDE MENTAL”, desenvolvida por **Luma Costa Pereira Peixoto**, discente de Doutorado em Saúde Pública da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), sob orientação da Professora DSc. **Edite Lago da Silva Sena**.

Neste estudo pretendemos compreender como os estudantes do Curso de Graduação em Enfermagem percebem a sua saúde mental no mundo universitário, cujos resultados poderão contribuir para a construção do conhecimento científico no que se refere à temática e para a promoção da saúde mental dos estudantes do Curso de Graduação em Enfermagem, uma vez que alertará a comunidade acadêmica sobre as dificuldades vivenciadas no decorrer do curso universitário e, durante a coleta das informações, promoverá rodas de terapia comunitária para produção das descrições vivenciais.

A coleta de dados será realizada por meio de encontros em grupo conhecidos como Terapia Comunitária Integrativa, a qual consiste em espaços comunitários de fala, de escuta, de encontro que proporcionam a transformação do jeito de ver e conduzir a vida, pois ao compartilhar problemas/sofrimentos pode trazer alívio para si e ajudar na superação de desafios, além de promover a minha autonomia e empoderamento.

Caso aceite participar, sua colaboração consistirá em: discutir as temáticas lançadas nas rodas, em encontros que durarão entre uma hora e meia e duas horas cada; e permitir que as narrativas sejam gravadas em áudio. As gravações serão transcritas, armazenadas e utilizadas apenas neste estudo, mas somente os pesquisadores responsáveis terão acesso a essas informações. Todas as informações obtidas através da pesquisa permanecerão confidenciais. Um codinome será utilizado para manter o seu anonimato das informações no relatório da pesquisa e divulgação dos resultados, além das possíveis publicações que poderão acontecer. Você não será identificado em nenhuma publicação.

Você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Você será esclarecido(a) em todas as formas que desejar e estará livre para participar ou recusar-se. Você poderá retirar o consentimento ou interromper a sua participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não causará qualquer punição ou modificação na forma em que é atendido(a) pelas pesquisadoras que irão tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo.

Acreditamos nos **benefícios** da pesquisa, tendo em vista a sua participação nas rodas de Terapia Comunitária, importante instrumento de promoção da saúde mental no âmbito comunitário, que poderá aliviar o sofrimento vivenciado e estimular o compartilhamento de suas angústias. E, o **risco** será mínimo, uma vez que a discussão sobre a sua saúde mental poderá gerar algum tipo de desconforto psicológico. No entanto, caso aconteça, a pesquisadora poderá interromper o encontro, bem como realizar o encaminhamento para um profissional de sua escolha.

Os resultados estarão à sua disposição quando finalizados. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a sua permissão. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com a pesquisadora responsável por um período de 5 anos, e após esse tempo serão destruídos. Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida a você.

Eu, _____ fui informado(a) dos objetivos do presente estudo de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações, e posso modificar a decisão de participar se assim o desejar. Declaro que concordo em participar desse estudo. Recebi uma cópia deste termo de consentimento e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

_____, ____ de _____ de _____.

Assinatura do(a) participante

Assinatura da pesquisadora

Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar:

Pesquisadores Responsáveis:

Luma Costa Pereira Peixoto

Endereço: Rua N, 40, Condomínio Portal Pindorama, São Judas Tadeu, Jequié-BA.

Fone: (73) 3528-9600 / E-mail: lumacosta88@hotmail.com

Edite Lago da Silva Sena

Endereço: Rua José Moreira Sobrinho, S/N, Jequiezinho, Jequié-BA.

Fone: (73) 3528-9600 / E-mail: editelago@gmail.com

Para contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP)/UESB:

Rua José Moreira Sobrinho, S/N - UESB

Jequié (BA) - CEP: 45206-190

Fone: (73) 3528-9727 / E-mail: cepuesb.jq@gmail.com

APÊNDICE C



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA – UESB
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM E SAÚDE –
PPGES/UESB

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) PARA O(A) RESPONSÁVEL LEGAL

O(a) seu(ua) representado(a) legal está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa “PERCEPÇÃO DE ESTUDANTES DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM SOBRE SUA SAÚDE MENTAL”, desenvolvida por **Luma Costa Pereira Peixoto**, discente de Doutorado em Saúde Pública da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), sob orientação da Professora DSc. **Edite Lago da Silva Sena**.

Neste estudo pretendemos compreender como os estudantes do Curso de Graduação em Enfermagem percebem a sua saúde mental no mundo universitário, cujos resultados poderão contribuir para a construção do conhecimento científico no que se refere à temática e para a promoção da saúde mental dos estudantes do Curso de Graduação em Enfermagem, uma vez que alertará a comunidade acadêmica sobre as dificuldades vivenciadas no decorrer do curso universitário e, durante a coleta das informações, promoverá rodas de terapia comunitária para produção das descrições vivenciais.

A coleta de dados será realizada por meio de encontros em grupo conhecidos como Terapia Comunitária Integrativa, a qual consiste em espaços comunitários de fala, de escuta, de encontro que proporcionam a transformação do jeito de ver e conduzir a vida, pois ao compartilhar problemas/sofrimentos pode trazer alívio para si e ajudar na superação de desafios, além de promover a autonomia e empoderamento.

Caso aceite permitir a participação do seu representado, a colaboração dele(a) consistirá em: discutir as temáticas lançadas nas rodas, em encontros que durarão entre uma hora e meia e duas horas cada; e permitir que as narrativas sejam gravadas em áudio. As gravações serão transcritas, armazenadas e utilizadas apenas neste estudo, mas somente os pesquisadores responsáveis terão acesso a essas informações. Todas as informações obtidas através da pesquisa permanecerão confidenciais. Um codinome será utilizado para manter o

anonimato das informações no relatório da pesquisa e divulgação dos resultados, além das possíveis publicações que poderão acontecer. O(a) participante não será identificado(a) em nenhuma publicação.

Você e seu representado não terão nenhum custo, nem receberão qualquer vantagem financeira. Você será esclarecido(a) em todas as formas que desejar e estará livre para permitir ou recusar a participação do seu representado. Você poderá retirar o consentimento ou interromper a participação do seu representado a qualquer momento. A participação é voluntária e a recusa em participar não causará qualquer punição ou modificação na forma em que é atendido(a) pelas pesquisadoras que irão tratar a sua identidade e do seu representado com padrões profissionais de sigilo.

Acreditamos nos **benefícios** da pesquisa, tendo em vista a participação do seu representado nas rodas de Terapia Comunitária, importante instrumento de promoção da saúde mental no âmbito comunitário, que poderá aliviar o sofrimento vivenciado e estimular o compartilhamento das angústias. E, o **risco** será mínimo, uma vez que a discussão sobre a saúde mental poderá gerar algum tipo de desconforto psicológico. No entanto, caso aconteça, a pesquisadora poderá interromper o encontro, bem como realizar o encaminhamento para um profissional de sua escolha.

Os resultados estarão à sua disposição quando finalizados. O nome ou o material que indique a participação do seu representado não será liberado sem a sua permissão. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com a pesquisadora responsável por um período de 5 anos, e após esse tempo serão destruídos. Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida a você.

Eu, _____ fui informado(a) dos objetivos do presente estudo de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações, e posso modificar a decisão de permitir a participação de meu representado se assim o desejar. Declaro que concordo em permitir a participação de meu representado nesse estudo. Recebi uma cópia deste termo de consentimento e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

_____, ____ de _____ de _____.

Assinatura do(a) responsável legal

Assinatura da pesquisadora

Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar:

Pesquisadores Responsáveis:

Luma Costa Pereira Peixoto

Endereço: Rua N, 40, Condomínio Portal Pindorama, São Judas Tadeu, Jequié-BA.

Fone: (73) 3528-9600 / E-mail: lumacosta88@hotmail.com

Edite Lago da Silva Sena

Endereço: Rua José Moreira Sobrinho, S/N, Jequiezinho, Jequié-BA.

Fone: (73) 3528-9600 / E-mail: editelago@gmail.com

Para contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP)/UESB:

Rua José Moreira Sobrinho, S/N - UESB

Jequié (BA) - CEP: 45206-190

Fone: (73) 3528-9727 / E-mail: cepuesb.jq@gmail.com

APÊNDICE D



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA – UESB PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM E SAÚDE – PPGES/UESB

INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

Título da Pesquisa: Percepção de estudantes do curso de graduação em enfermagem sobre sua saúde mental.

Objetivo: compreender como os estudantes do Curso de Graduação em Enfermagem percebem a sua saúde mental no mundo universitário.

1) DADOS DE IDENTIFICAÇÃO:

Nome: Idade: DN:

Sexo: () Feminino () Masculino

Renda Familiar: () Abaixo de 1 salário mínimo () Entre 1 e 2 salários mínimos () Entre 3 e 5 salários mínimos () Acima de 5 salários mínimos

Enfermagem foi sua primeira escolha? () SIM () NÃO

Trabalha? () SIM () NÃO

Pratica atividade física com regularidade (mínimo de 3 vezes por semana)? () SIM () NÃO

Semestre em curso?

Mora com família? () SIM () NÃO () Outros:

Atividades de lazer:

Religião/prática:.....

2) PROPOSTAS PARA AS RODAS DE TERAPIA COMUNITÁRIA TEMÁTICA

A → O que no cotidiano da universidade tem me feito sentir ser casulo, e o que eu tenho feito ou devo fazer para me tornar borboleta? Como eu percebo minha saúde mental nesse contexto?

B → “Uma ostra que não foi ferida, não produz pérola”, então o que eu considero que no contexto universitário está me ajudando a ser transformado em pérola e quais as feridas eu considero desnecessárias para essa transformação? Como eu percebo minha saúde mental nesse contexto?

C → Quais são as grades da minha gaiola e quais as chaves que eu posso ter para voar? Como eu percebo minha saúde mental nesse contexto?

D → O que na família me faz continuar no casulo, e o que nessa relação me ajuda a me transformar em uma borboleta? Como eu percebo minha saúde mental nesse contexto?

ANEXO A

PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO
SUDOESTE DA BAHIA -
UESB/BA



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DA EMENDA

Título da Pesquisa: PERCEPÇÃO DE ESTUDANTES DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM SOBRE SUA SAÚDE MENTAL.

Pesquisador: Luma Costa Pereira Peixoto

Área Temática:

Versão: 3

CAAE: 94544618.3.0000.0055

Instituição Proponente: Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.092.573

Apresentação do Projeto:

"A vivência do cotidiano acadêmico pode desvelar diversos fenômenos para o estudante universitário, tendo em vista que, ao ingressar na universidade, inicia-se um período de mudanças, descobertas, ganhos e perdas, que geram sentimentos variados a depender da singularidade de cada um. O estudo tem como objetivo compreender como os estudantes do Curso de Graduação em Enfermagem percebem a sua saúde mental no mundo universitário. Pesquisa fenomenológica apoiada no referencial teórico de Maurice Merleau-Ponty, que será realizada com estudantes do Curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Estadual de Feira de Santana, localizada no município de Feira de Santana, Bahia, Brasil. Para tanto, as descrições vivenciais serão produzidas utilizando as etapas da Terapia Comunitária, no período de setembro a dezembro do ano de 2018, e o corpus resultante será submetido à técnica Analítica da Ambiguidade"

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Compreender como os estudantes do Curso de Graduação em Enfermagem percebem a sua saúde mental no mundo universitário.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos e benefícios já foram avaliados de maneira satisfatória anteriormente.

Endereço: Avenida José Moreira Sobrinho, s/n
 Bairro: Jequiécinho CEP: 45.206-510
 UF: BA Município: JECUIÉ
 Telefone: (73)3528-9727 Fax: (73)3525-6683 E-mail: cepueab.jq@gmail.com

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO
SUDOESTE DA BAHIA -
UESB/BA**



Continuação do Parecer: 3.092.573

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Trata-se de uma Emenda ao projeto original "PERCEPÇÃO DE ESTUDANTES DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM SOBRE SUA SAÚDE MENTAL". Após a inserção da pesquisadora responsável, no ano de 2018, como docente do curso de graduação em enfermagem na Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) e identificação da necessidade de estratégias de promoção da saúde mental para aqueles estudantes, solicitam alterar o campo de estudo da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), campus XII, Guanambi-BA, para a UEFS, localizada no município de Feira de Santana, Bahia, Brasil.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Todos os Termos forma apresentados satisfatoriamente, incluindo a Declaração para Coleta de Dados para o novo campo de estudo, qual seja, a Universidade Estadual de Feira de Santana.

Recomendações:

Sem recomendações.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

A Emenda deve ser aprovada.

Considerações Finais a critério do CEP:

Em reunião de 18/12/2018, a plenária deste CEP/UESB, aprovou o parecer do relator.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_1268124_E1.pdf	04/12/2018 11:12:32		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	ProjetoDeTeseEmenda.pdf	04/12/2018 11:04:48	Luma Costa Pereira Peixoto	Aceito
Outros	AutorizacaoColetaUEFS.pdf	04/12/2018 11:01:07	Luma Costa Pereira Peixoto	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLEResposavelLegal.pdf	10/09/2018 10:23:41	Luma Costa Pereira Peixoto	Aceito
Folha de Rosto	folhaDeRosto.pdf	25/07/2018 21:03:25	Luma Costa Pereira Peixoto	Aceito
Outros	instrumentoDeColeta.pdf	25/07/2018 18:36:47	Luma Costa Pereira Peixoto	Aceito
Orçamento	orcamento.pdf	25/07/2018	Luma Costa Pereira	Aceito

Endereço: Avenida José Moreira Sobrinho, s/n
Bairro: Jequicinho CEP: 45.206-510
UF: BA Município: JEQUIE
Telefone: (73)3528-9727 Fax: (73)3525-8683 E-mail: cepuesb.jq@gmail.com

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO
SUDOESTE DA BAHIA -
UESB/BA



Continuação do Parecer: 3.090.573

Orçamento	orcamento.pdf	18:33:21	Peixoto	Aceito
Cronograma	cronograma.pdf	25/07/2018 18:32:56	Luma Costa Pereira Peixoto	Aceito
Outros	TermoAutorizacaoDelmagemDepolment os.pdf	25/07/2018 18:24:06	Luma Costa Pereira Peixoto	Aceito
Outros	OficioDeEncaminhamento.pdf	25/07/2018 18:21:45	Luma Costa Pereira Peixoto	Aceito
Declaração de Pesquisadores	DeclaracaoOrientadora.pdf	25/07/2018 18:20:43	Luma Costa Pereira Peixoto	Aceito
Declaração de Pesquisadores	DeclaracaoParticipacaoEdite.pdf	25/07/2018 18:20:24	Luma Costa Pereira Peixoto	Aceito
Declaração de Pesquisadores	DeclaracaoParticipacaoLuma.pdf	25/07/2018 18:20:08	Luma Costa Pereira Peixoto	Aceito
Declaração de Pesquisadores	ColetaNaoiniciada.pdf	25/07/2018 18:18:53	Luma Costa Pereira Peixoto	Aceito
Declaração de Pesquisadores	DeclaracaoComprometimento.pdf	25/07/2018 18:18:26	Luma Costa Pereira Peixoto	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	termoDeAssentimento.pdf	25/07/2018 18:13:27	Luma Costa Pereira Peixoto	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	25/07/2018 18:13:13	Luma Costa Pereira Peixoto	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

JEQUIE, 18 de Dezembro de 2018

Assinado por:

Douglas Leonardo Gomes Filho
(Coordenador(a))

Endereço: Avenida José Moreira Sobrinho, s/n
Bairro: Jequiézinho CEP: 45.206-510
UF: BA Município: JEQUIE
Telefone: (73)3525-9727 Fax: (73)3525-6683 E-mail: cepueb.jq@gmail.com